

Rafael Barreto Almada  
Alessandra Ciambarella Paulon  
Patricia Silva Ferreira  
(Organizadores)

# **CALEIDOSCÓPIO: OLHARES DA EXTENSÃO**

AUTORES E COAUTORES (Textos)

Fotos da Capa: Fonte: ASCOM/IFRJ

Arte da Capa: Triunfal Gráfica e Editora (Alcindo D. Boffi)

Diagramação: Triunfal Gráfica e Editora (Alcindo D. Boffi)

Impressão e Acabamento: Triunfal Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lucelena Alevato – CRB/8 – 4063

C148      Caleidoscópio: olhares da extensão / Patricia Silva Ferreira,  
Rafael Barreto Almada, Alessandra Ciambarella Paulon  
(Organizadores). Assis: Triunfal Gráfica e Editora ; Rio de  
Janeiro: IFRJ, 2014  
160 p. : il.; 21 cm

ISBN: 978-85-61175-37-5

1. Extensão universitária. 2. Ensino superior. 3. Comunidade  
e universidade. 4. Meio ambiente - Aspectos sociais. 5. Saúde.  
I. Ferreira, Patricia Silva. II. Almada, Rafael Barreto. III. Paulon,  
Alessandra Ciambarella

CDD 378.103

© 2014 – Direitos reservados

Proibida a reprodução total ou parcial desta edição, por qualquer meio ou forma, em língua portuguesa ou qualquer outro idioma, sem a prévia e expressa autorização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro e da editora.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Rafael Barreto Almada  
Alessandra Ciambarella Paulon  
Patricia Silva Ferreira  
(Organizadores)

# **CALEIDOSCÓPIO: OLHARES DA EXTENSÃO**

Triunfal Gráfica e Editora  
IFRJ - Rio de Janeiro  
2014

**Ministério da Educação**  
**Instituto Federal do Rio de Janeiro**

**Presidenta da República**  
Dilma Rousseff

**Ministro da Educação**  
José Henrique Paim Fernandes

**Secretário de Educação Profissional e Tecnológica**  
Marco Antonio de Oliveira

**Reitor**  
Fernando Cesar Pimentel Gusmão

**Pró-Reitor de Extensão**  
Rafael Barreto Almada

**Pró-Reitora Adjunta de Extensão**  
Alessandra Ciambarella Paulon

**Coordenação Geral de Programas e Projetos**  
Patrícia Silva Ferreira

**Coordenadora Geral de Formação Inicial Continuada**  
Gilsiane Viana Escobar

**Coordenadora Geral de Integração Escola-Empresa**  
Edméa Teixeira

**Coordenadora Geral de Diversidades**  
Amanda Carlou Andrade Santos

**Equipe técnico-Administrativa**  
Danielle Sales de Sousa  
Rita de Cássia Cristino Marcos  
Priscila Marques Abdias de Macedo  
Pedro Lincoln de Souza Filho  
Luciana Evangelhista Cardoso dos Santos  
Vilma de Souza Cruz

**Conselho Editorial**  
Alba Marques Vieira Santos  
Amanda Carlou Andrade Santos  
Angelissa Tatyane de Azevedo e Silva  
Eduardo do Carmo Castro  
Elisabeth Augustinho  
Larisse Caroline Ferreira de Castro  
Ludmila Nogueira da Silva  
Marco José Chivatti Freitag  
Rafael Guimarães Botelho  
Ricardo Esteves Kneipp  
Shaiene Moreno

## SUMÁRIO

Prefácio .....	9
----------------	---

### **Trabalho, cidadania e educação profissional**

O Curso Mediação em Centros de Ciência e Museus de Ciência e Tecnologia (C & T): um relato de experiência .....	11
---	----

*Carla Mahomed; Andrea S. do Nascimento*

Mulheres pescadoras de Arraial do Cabo: pesquisa e vídeo derivados do edital 03/12 da PROEX-IFRJ .....	15
--	----

*João Gilberto da Silva Carvalho*

Parou por quê? Reflexões sobre escolaridade e gênero no Programa Mulheres Mil .....	19
---	----

*Maria Emília A. Barbosa; Pâmela K. M. Gomes;  
Camila F. Cardoso*

Alternativas para utilização off-line de objetos de aprendizagem no ensino de ciências naturais na educação de Jovens e Adultos - EJA .....	23
---	----

*Clara Regina A. Oliveira Fábio A. Alves*

Desafios e possibilidades de acompanhamento do estágio curricular com auxílio de ambiente virtual de aprendizagem .....	29
---	----

*Clara Regina Agostini-Oliveira; Ana Luiza de Oliveira Santos;  
Clarissa Ferreira Pontual*

Mapeamento musical da Baixada Fluminense: uma pesquisa participativa ....	35
---	----

*Álvaro Neder; Daniel Barros;  
Rodrigo Caetano; Leonardo Freitas*

### **Educação, sociedade e meio ambiente**

CinÊNCIA: A cultura científica andarilha na perspectiva da Inclusão Social .	41
--	----

*Rosângela B. da Silva; Camila Araújo;  
Waldmir Araújo Neto*

Quando a(s) periferia(s) entra(m) em Cena .....	49
<i>Pâmella Passos</i>	
Do discurso à realidade: Caminhos para a Escola Inclusiva .....	51
<i>Rosi Marina Rezende</i> <i>Milene Teixeira Abouagi</i>	
<i>Ricardo Esteves Kneipp</i>	
Sustenta-Ação, um relato de experiência .....	57
<i>Priscila M. Siqueira;</i> <i>Filipe P. M. dos Santos;</i>	
<i>Mariana Petri da Silva;</i> <i>Ana Paula da Silva;</i>	
<i>Andressa M. Souza</i>	
Capacitação dos produtores rurais do Município de Pinheiral – RJ: um instrumento para o desenvolvimento do arranjo produtivo local .....	61
<i>Julia O. B. Santoro;</i> <i>Gilmar B. Ferrini;</i>	
<i>Patrícia R. da Silva;</i> <i>Anelize B. Oliveira;</i>	
<i>Michel R. Da Silva;</i> <i>Munic P. Simonaci;</i>	
<i>Noel da Silva Pereira</i>	
Cultivo agroecológico de plantas medicinais no FarmaHorto/IFRJ – Campus Realengo .....	67
<i>Meriane P. Carvalho;</i> <i>Murilo M. de C. Lima;</i>	
<i>Ana Paula P. G.</i> <i>Morais; Angélica C. Pereira;</i>	
<i>Cristiane de f. Lima;</i> <i>Samara R. Matta;</i>	
<i>Ana F. Ribeiro;</i> <i>Ângela M. B. Fernandes da Silva</i>	
Promoção do Uso Racional de Plantas Medicinais entre Mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro .....	71
<i>Murilo M. de C. Lima;</i> <i>Meriane P. Carvalho;</i>	
<i>Bruna F. de Castro;</i> <i>Ana F. Ribeiro;</i>	
<i>Samara R. Matta;</i> <i>Ângela M. B. Fernandes da Silva</i>	
Reuso de Óleo Vegetal Residual .....	75
<i>Sérgio Thode Filho;</i> <i>Marcelo F. M. de Sena;</i>	
<i>Gabrielle B. Cabral;</i> <i>Ana Paula da S. da Costa;</i>	
<i>Cintia Patricia S. da Paixão;</i> <i>Fabiola da S. Maranhão;</i>	
<i>Thuanny M. de Almeida</i>	
Blog química sustentável .....	79
<i>Ana Paula B. dos Santos;</i> <i>Ana Carolina L. Amorim;</i>	
<i>Marcus Vinicius B. de Almeida;</i> <i>Sérgio Thode Filho;</i>	
<i>Ana Paula da S. da Costa;</i> <i>Cintia Patricia S. da Paixão;</i>	
<i>Fabiola da S. Maranhão;</i> <i>Thuanny M. de Almeida</i>	
A origem do Jiu-jitsu brasileiro: fatos e versões .....	81
<i>Israel Souza</i>	

## Promoção de Saúde

Intervenção multidisciplinar com ênfase da Terapia Ocupacional no sobrepeso e obesidade com mulheres atendidas pelo programa mulheres de Platão no Campus Realengo do IFRJ .....	87
<i>Marco Seleno C. Santos; Eliane T. Belarmino;</i> <i>Márcia Elane T. D. Nunes; Ângela M. B. Fernandes da Silva</i>	
Oficina de vivência corporal: empoderamento como instrumento para fortalecimento de mulheres vítimas de violência feminina da Zona Oeste do Rio de Janeiro .....	93
<i>Joyce C. de S. Araújo; Márcia G. de Quadros;</i> <i>Nívea Fiaux; Ângela M. B. Fernandes da Silva</i>	
Interferência no desenvolvimento da sexualidade de mulheres universitárias da área de saúde .....	99
<i>Priscila de O. da Silva; Larissa de C. Lila;</i> <i>Patrícia A. S. S. do Valle</i>	
Disfunção sexual decorrente da episiotomia .....	103
<i>Ariane dos S. Wendt; Michele Ribeiro;</i> <i>Patrícia A. S. S. do Valle</i>	
Oficinas sobre sexualidade para mulheres idosas: compartilhando experiências e conhecimentos .....	107
<i>Ana Carolina de M. Magalhães; Janaina Vanessa C. Rodrigues;</i> <i>Jéssica de S. Venturine; Mayara Luna de Almeida,</i> <i>Patrícia A. S. S. do Valle</i>	
Experiências de educação sexual e planejamento familiar para um grupo de Adolescentes .....	111
<i>Jéssica N. Ribeiro; Vanessa C. da C. A. de Andrade;</i> <i>Patrícia A. S. S. do Valle</i>	
O cuidar da criança com autismo: Uma visão da cuidadora infantil .....	115
<i>Jeane S. de Souza; Luciana Nunes;</i> <i>Jacqueline da Silva; Ângela M. B. Fernandes da Silva;</i> <i>Viviane A. da Silva</i>	
A Cuidadora infantil e a prevenção de acidentes em creches .....	121
<i>Bethzebeth Serrão; Maria Santos da Silva</i> <i>Maria Cristina Nunes de Oliveira; Angela Maria Bittencourt Fernandes da Silva</i> <i>Marilyn Reis Silva; Viviane Araújo Da Silva</i>	

Desenvolvimento neuropsicomotor infantil: a relação da mãe e de profissionais de creche - um relato de experiência .....	127
<i>Elisa B. B. dell' Orto van Eyken; Cristiane S. N. B. Garcia;</i> <i>Ana Beatriz S. Cavalcante; Cibele S. Nascimento;</i> <i>Johansson A. M. de Oliveira; Luiza de O. Carvalho;</i> <i>Roberto L. Nagem Junior; Thiago M. Xarles</i>	
Adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa: relato de experiência sobre a relação do protagonismo juvenil e a promoção de saúde em unidade de internação masculina no Rio de Janeiro .....	133
<i>Rafaela M. Soares; Mayara L. Da Mota;</i> <i>Jônatas da C. Marreiros; Danubia C. de Oliveira;</i> <i>Susana E. Nogueira; Janaína D. L. Soares</i>	
Adolescentes privados de liberdade: relação entre o protagonismo juvenil e a promoção de saúde .....	137
<i>Jônatas da C. Marreiros; Adriana L. F. Da Silva;</i> <i>Susana E. Nogueira; Janaína D. L. Soares</i>	
Estratégias para promoção de saúde de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em unidade de internação feminina no Rio de Janeiro” .....	141
<i>Monique F. da Silva; Carolina G. F. Monteiro;</i> <i>Elizabeth de N. Nascimento; Ester R. Filipini;</i> <i>Jessica R. de Castro; Thainan de Fátima F. dos Santos;</i> <i>Thaís dos S. B. Fonseca; Susana E. Nogueira;</i> <i>Janaína D. L. Soares</i>	
Desmedicalização da vida e ampliação do cuidado em saúde mental: um relato de experiência .....	145
<i>Roberta P. F. da Rosa; Helen Lugão;</i> <i>Luciane Silveira; Sandra Araújo</i>	
Mulheres de Sol a Sol: experiência de educação e autonomia com mulheres e acompanhantes atendidas pelos CAPS na Terapia Ocupacional em Ação Social .....	149
<i>Helenita L.P. Lourenço; Marco Seleno C. Santos;</i> <i>Marcia D. Gallo; Patrícia Trápaga</i>	
Orientações da Terapia Ocupacional para as Atividades da Vida Diária da gestante: uma experiência da extensão .....	153
<i>Luciana Duarte da Silva; Ângela M. B. Fernandes da Silva</i>	

## PREFÁCIO

Prezados Leitores,

É com grande orgulho que entregamos à comunidade do Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ e à sociedade “Caleidoscópio: olhares da Extensão”, que mais do que uma publicação, representa a concretização de um trabalho de dois anos de gestão à frente da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) do IFRJ, estruturado em uma equipe multidisciplinar e dinâmica, que buscou constantemente a consolidação de uma política extensionista que articulasse a todo o momento o ensino e a pesquisa. Não temos dúvida que a Gestão na Pró-Reitoria contribuiu de fato para promoção real da democratização do acesso, permanência e êxito dos estudantes em nossa instituição.

O caleidoscópio é um instrumento ótico que reflete cores e imagens múltiplas em função da incidência de luz. Assim, propomos nossa publicação, um instrumento que agregue inúmeras reflexões e conceitos e que, diante do contato com a luz externa, ou seja, o olhar da comunidade sobre a instituição – entendida aqui como a relação escola-sociedade – possa produzir, a cada movimento, combinações múltiplas e variáveis. Assim é a sociedade, assim é uma instituição de ensino, assim deve ser o IFRJ e para isso trabalhamos nestes anos.

A gestão da PROEX neste período foi marcada por inúmeros desafios inseridos por importantes programas e projetos, institucionais e externos, que foram incorporados e desenvolvidos em parceria com as coordenações de Extensão dos Campi, as coordenações de Integração Escola-Empresa e, tantos outros setores dos Campi e da Reitoria. Não foi um trabalho fácil, por vezes marcado por avanços e recuos, mas que avaliamos como bem-sucedido e responsável por consolidar a imagem do IFRJ como uma instituição de ensino, pesquisa e extensão de excelência no Estado do Rio de Janeiro.

Realizamos mais de 50 cursos de Formação Inicial e Continuada, no âmbito de programas como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego - PRONATEC, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos – PROEJA FIC, o Programa MULHERES MIL e a Rede de Certificação de saberes - CERTIFIC, que nos permitiram fornecer acesso à Educação e à Qualificação Profissional a milhares de cidadãos em situação de vulnerabilidade social e econômica.

Foram assinados mais de 400 convênios e acordos de cooperação, garantindo aos nossos estudantes, nos mais diferentes níveis e modalidades de ensino,

o reconhecimento de suas formações acadêmicas e profissionais pela sociedade e a efetiva inserção destes estudantes-profissionais no mundo do trabalho.

Mediante o desenvolvimento das ações de criação dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) e dos Núcleos de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI), garantimos a ampla discussão sobre a Diversidade em nossa instituição e demos passos decisivos no caminho de construção de uma Educação Inclusiva.

Imbuídos da cultura de consolidação e expansão permanente do Extensio- nismo no IFRJ, promovemos a criação de programas como o “Extensão Cultural: criando oportunidades e produzindo emoções”, que permitiu a centenas de estu- dantes, servidores e seus familiares formarem as plateias de diversos espetáculos no Rio de Janeiro, ampliando o acesso da comunidade à cultura carioca. E por falar em cultura, importante destacar a parceria com o Ministério da Cultura que nos permitiu produzir o projeto “Técnica e Arte: a Educação Profissional e Tecnoló- gica em Cultura”, proporcionando importantes momentos de reflexão e debates sobre os caminhos da articulação da Educação Profissional e da produção cultural, norteando ações que hoje conferem ao IFRJ a identidade de uma instituição de ensino interdisciplinar, dialógica e que ultrapassa os limites da Ciência e da Téc- nica em nome da formação integral de seus indivíduos.

Institucionalmente, criamos o Programa Institucional de Incentivo às Ativi- dades de Extensão (PRÓ-EXTENSÃO), já em sua quarta edição, e que permitiu a professores, estudantes e técnicos-administrativos desenvolverem projetos extensio- nistas em seus Campi, garantindo o reconhecimento de seus saberes e habilidades e, acima de tudo, oferecendo às comunidades novas possibilidades de participação.

Outro projeto de destaque foi o Programa de Aproximação de Ex-Aluno, que diagnosticou os rumos da formação profissional e tecnológica no Rio de Janeiro, apresentando à sociedade a contribuição que esta instituição fez ao longo destes anos. Este programa articulou as Coordenações de Integração Escola- -Empresa com o objetivo de reaproximar os ex-alunos e criar indicadores para avaliar a formação acadêmica com as demandas sociais e o mundo do trabalho.

Convidamos todos à leitura de “Caleidoscópio: olhares da extensão”, reco- nhecendo nesta obra alguns dos principais conceitos que norteiam a educação no IFRJ: interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, democratização de acesso, integração escola e comunidade, inovação, técnica, cultura e ciência. Estes concei- tos estão presentes nos textos e relatos aqui publicados, resultados de importantes ações extensionistas produzidas no âmbito do IFRJ e que beneficiaram diferentes pessoas em diferentes municípios do Rio de Janeiro, reforçando a nossa missão de dialogar e atuar em parceria com a sociedade.

Boa leitura a todos.

Rafael Barreto Almada  
Pró-Reitor de Extensão

Alessandra Ciambarella Paulon  
Pró-Reitora Adjunta de Extensão

## O CURSO MEDIAÇÃO EM CENTROS DE CIÊNCIA E MUSEUS DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (C & T): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Carla Mahomed<sup>1</sup>  
Andrea S. do Nascimento<sup>2</sup>

### Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar a experiência da elaboração e implementação de um curso de caráter extensionista realizado no âmbito do Espaço Ciência InterAtiva (ECI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/ Campus Mesquita (IFRJ).

Este curso é destinado a profissionais e estudantes que cursam a educação superior e que buscam atuar em espaços de educação não formal como centros e museus de ciência e tecnologia. Para isso, centramo-nos na mediação: uma atividade característica desses espaços e amplamente realizada por estudantes com este perfil, especialmente oriundos dos cursos de licenciatura, cujo protagonismo na mediação foi identificado por pesquisa anterior (BARROS E MAHOMED, 2012). Além do amparo desta pesquisa acadêmica, a evidência empírica – de que a equipe de mediadores do ECI é, em sua maioria, composta de licenciandos – trouxe-nos o reconhecimento de que seria necessário ofertar a esses sujeitos oportunidades de refletir sobre os temas de maior pertinência a sua formação a partir de sua inserção no centro de ciência.

O curso tem a duração de 112 (cento e doze) horas, com a realização de 25 encontros presenciais distribuídos em atividades teóricas, práticas e visitas técnicas a centros de ciência e museus de C & T, entre os meses de agosto a dezembro de 2013, além de estudos orientados para a produção de trabalhos parciais e finais. As aulas presenciais ocorrem semanalmente, às segundas-feiras, de 13 às 17 horas, no Campus Mesquita do IFRJ. Além das aulas, estão sendo realizadas visitas em centros de ciência e museus de C & T, quinzenalmente aos sábados, em horário divulgado durante o curso.

A relevância da iniciativa em promover um curso cuja formação contempla os temas relacionados à atividade de mediação reside no fato de que o número de centros de ciência e dos museus de ciência e tecnologia tem crescido

---

1 \_carla.silva@ifrj.edu.br

2 \_andrea.nascimento@ifrj.edu.br

consideravelmente nos últimos trinta anos no Brasil, seja por iniciativas de grupos atuantes no campo da divulgação científica, seja pela constatação de que esta ampliação se dê no contexto das políticas públicas destinadas à difusão e popularização da ciência. Isto significa uma demanda de natureza quantitativa e qualitativa por sujeitos que possam desenvolver suas atividades profissionais e de formação com esse viés. Neste sentido, ganha destaque a indagação sobre os conteúdos curriculares necessários àqueles que desejam atuar em tais espaços.

Contrapondo-se ao que ocorre comumente durante a prática da mediação, por vezes uma atividade executora e alienante, dada a existência de poucas instituições que promovam ações que visem o seu aperfeiçoamento, a proposta do curso parte da concepção de mediação àquela em que o mediador possa situar-se de modo ativo a partir de uma inserção que valorize a criatividade, que possibilite ao graduando o desenvolvimento da comunicação e da autoconfiança, aprimorando a forma de dialogar com diferentes públicos através da adequação de sua linguagem; da aquisição de fundamentos para a prática profissional; das abordagens contemporâneas na atuação profissional, conferindo uma oportunidade singular de aplicação de conhecimentos teóricos e de amadurecimento e destreza nas ações práticas que cada atividade exige.

Dessa forma, acreditamos que a atuação como mediador de centros de ciência e museus de ciência e tecnologia deve ser realizada de maneira mais organizada, sistematizada, uma vez que esta experiência pode ser vista como um processo pedagógico de formação profissional, oportunizando ao graduando a aplicação de conceitos teóricos em situações concretas.

Dentro desta perspectiva, o Curso de Mediação em Centros de Ciência e Museus de Ciência e Tecnologia - projeto submetido e aprovado no Edital de Extensão nº 31/2013 no Programa Institucional de Incentivo às Atividades de Extensão (PRÓEXTENSÃO) - foi organizado com o objetivo de apresentar aspectos da mediação nos espaços em tela. Este curso divide-se em aulas teóricas, palestras e atividades práticas com realização de oficinas e visitas técnicas.

As aulas teóricas e palestras visam contribuir para o aprofundamento de tópicos como: a) definição de museu e conceito de divulgação científica; b) características das atividades museais; c) a abordagem interdisciplinar nas exposições interativas; d) conceitos básicos de Astronomia; e) teorias da aprendizagem; f) conceito, papel e tipos de mediação nas exposições científicas; g) a relação entre arte e ciência; h) atividades itinerantes como alternativa para a divulgação de ciência; e i) resultados de trabalhos de pesquisa que têm como foco o tema mediação.

As visitas técnicas a diversos centros e museus de ciência e tecnologia têm por objetivo explorar as realidades em que a prática da mediação pode acontecer em função dos diferentes temas, tipos de exposições e práticas educativas de cada instituição, assim como seus paradigmas educacionais.

As oficinas centram-se no desenvolvimento de propostas metodológicas voltadas para a mediação. Além disso, pretendem abordar diferentes temas científicos por meio de construção de experimentos interativos que visam a ação direta e espontânea do usuário.

Cabe destacar que, a partir do convênio institucional firmado com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), o curso conta com a participação de profissionais da Coordenação de Educação em Ciências (CED) do MAST: referência nacional na área de Educação em Museus, com o qual o ECI tem desenvolvido diversas ações em parceria, como por exemplo: a participação conjunta no edital nº 17/ 2008 – Difusão e Popularização da Ciência no Estado do Rio de Janeiro - da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); articulação conjunta em edições da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013); participação de um pesquisador da CED como colaborador externo no Curso Lato Sensu em Educação e Divulgação Científica do IFRJ/Campus Mesquita; e colaboração mútua em eventos de divulgação científica: Turismo Cultural no Bairro Imperial, Museu vai à Praia (2012, 2013, 2014), 25 anos do MAST e I Encontro Regional de Ensino de Ciências no Ensino Fundamental (I ERECEF).

### **Aspectos metodológicos:**

Para a seleção dos candidatos interessados em realizar o curso, a Pró-Reitoria de Extensão do IFRJ publicou o Edital nº 33/2013. O processo de seleção baseou-se na avaliação da ficha de inscrição. Para isso, levou-se em conta a clareza da justificativa apresentada pelo candidato para participar do curso. A ficha de inscrição, composta de duas partes – perfil sócio-cultural e perguntas destinadas a identificar o tipo de interesse pela atividade - constituiu-se em importante material empírico a ser analisado a cerca do perfil e do interesse dos candidatos. Este estudo enriquecerá o aprimoramento do curso ofertado.

Neste texto, em especial, buscou-se apresentar os resultados relacionados ao perfil sócio-cultural dos candidatos, elemento importante para a análise desta política de extensão ora implantada.

### **Resultados:**

Foram recebidas 74 fichas de inscrição. Destas, foi possível identificar que: 55 candidatos eram do sexo feminino e 19 do masculino; a maior parte dos candidatos encontra-se na faixa etária de 20 a 40 anos; um candidato estava realizando o Curso Técnico Integrado de Química (não foi selecionado por não se enquadrar no perfil requisitado); 29 concluíram o curso de graduação e 45 são graduandos.

No que se refere aos candidatos que estão cursando a graduação, a atenção volta-se para o fato de que a maior parte cursa licenciatura e Pedagogia na seguinte ordem de frequência: a) licenciatura em: Química (08); Física (06); Licenciatura em Turismo (06); Ciências Biológicas (05); História (04), Ciências Físicas e Biológicas (01); Geografia (01); Pedagogia (05). Os demais estão realizando os seguintes cursos: Bacharelado em Produção Cultural (05); Geografia com ênfase em Meio Ambiente (01); História da Arte (01); Tecnólogo em História da Arte (01); Artes Cênicas (cenografia) (01).

Com relação aos candidatos que concluíram o curso de graduação, observa-se a predominância nos cursos de licenciatura na seguinte ordem de frequência: Ciências Biológicas (10); História (03); Pedagogia (02); Ciências Físicas e Biológicas (01); Letras em Português/Inglês (01); Física (01); Geografia (01); Química (01). Os demais realizaram os seguintes cursos: Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural (02); Ciências Biológicas/Modalidade Médica (01); Bacharelado em Ciências Biológicas (01); Bacharelado em Comunicação Social/Habilitação Jornalismo (01); Turismo (01); Geologia (01).

Dos 28 candidatos que concluíram o curso de graduação, 12 estão cursando pós-graduação lato sensu, sendo que um não informou o nome do curso e oito são pós-graduados, sendo seis de lato sensu e três de stricto sensu.

### **Considerações finais:**

A quantidade de inscrições recebidas para o número anunciado de vagas ofertadas – 35 (17 reservadas aos mediadores do ECI e 18 para o público externo, incluindo 5% destinados a pessoas com deficiência) – aponta para uma demanda considerável de interessados pela temática “mediação em centros e museus de ciência e tecnologia”, tendo em vista a diversificação da faixa etária e das formações evidenciadas no levantamento de dados do perfil sócio-cultural dos candidatos. Embora seja necessário enfatizar o número de licenciandos e professores que se candidataram. Este cenário traz à tona duas constatações pertinentes: 1<sup>a</sup>) a necessidade de refletir sobre a divulgação da ciência e os espaços de educação não formal como elementos curriculares da formação inicial e continuada de professores, conforme apontado por Mahomed (2013) e Rodrigues e Nascimento (2013); 2<sup>a</sup>) A grande procura aponta para uma demanda reprimida destes cursos na região metropolitana do Rio de Janeiro. O que sugere que os centros e museus de ciência e tecnologia da região poderiam estabelecer parcerias a fim de organizar iniciativas conjuntas sobre mediação em museus com mais frequência para atender seus próprios mediadores, licenciandos e outros interessados pela temática. O que seria uma significativa contribuição para a divulgação e o ensino de ciências da região.

### **Referências:**

BARROS, M. G. de L.; MAHOMED, C. (2012). A Educação Não Formal presente nos cursos de Formação de Professores: Um Estudo das Ementas. 64a Reunião da SBPC, São Luís, Maranhão, 2012.

MAHOMED, C. Análise da relação entre a formação inicial de professores e os espaços de educação não formal. In: XI Congresso Nacional de Educação – Educere, PUC: Curitiba, 2013.

RODRIGUES, Ana Claudia da S; NASCIMENTO, Andréa Silva do. Apontamentos sobre a divulgação científica no currículo de formação inicial de professores. In: XI Congresso Nacional de Educação – Educere, PUC: Curitiba, 2013.

# MULHERES PESCADORAS DE ARRAIAL DO CABO: PESQUISA E VÍDEO DERIVADOS DO EDITAL 03/12 DA PROEX-IFRJ

João Gilberto da Silva Carvalho <sup>1</sup>

## Introdução

O artigo apresenta a trajetória que culminou com um artigo e um vídeo a partir de nossa participação no Edital 03/2012, da Pró-Reitoria de Extensão do IFRJ – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, que concedia aporte financeiro de R\$ 2.000,00 a projetos de extensão selecionados após avaliação por pares.

Tudo começou com a informação de que havia um grupo de mulheres que pescava à noite em Arraial do Cabo, “transgredindo” desta forma um limite histórico de gênero, o mar. Tradicionalmente, as mulheres sempre estiveram ligadas a atividades consideradas secundárias neste segmento – filetadeiras, rendeiras e marisqueiras, entre outras que gravitam em torno da atividade pesqueira. Neste contexto, percebemos as possibilidades de realizar uma pesquisa que articulasse gênero, imaginário e representações sociais. A partir dos incentivos que brotavam de todos os lados e a oportunidade de registro de um fenômeno social supostamente original, regressamos às reflexões de gênero, campo que decidimos abandonar em 2010, após o bem sucedido artigo sobre as mulheres chinesas (CARVALHO, 2010). Mas antes de qualquer coisa precisávamos conhecer mais a cidade que abriga o *campus* Arraial do Cabo, no qual hoje atuamos na Direção Geral.

## 1. Arraial do Cabo: o contexto da extensão

Arraial do Cabo é uma aprazível cidade litorânea em que a tradição resiste. Mas não faz muito tempo que o arraial de pescadores teve sua vidinha repentinamente sacudida ao ser transformada em laboratório de experiências desenvolvimentistas. A Companhia Nacional de Álcalis, ou simplesmente Álcalis, foi esperança transformada em escândalo no processo de falência que até hoje se arrasta (PEREIRA, 2009).

---

<sup>1</sup> João Gilberto é doutor em psicologia pela UFRJ e atualmente é Diretor Geral do *campus* Arraial do Cabo (IFRJ-CAC). Email: joao.carvalho@ifrj.edu.br.

O site da prefeitura de Arraial exibe o número de pouco mais de 26 mil habitantes, portanto, é uma cidade pequena entre as cidades do Estado do Rio de Janeiro. Emancipou-se de Cabo Frio em 1985 e é conhecida nacional e internacionalmente por suas belezas naturais e maravilhosas praias que oferecem condições únicas para mergulho e pesca. Entre o turismo predador e a preservação ambiental (GERMANO, 2001), a pesca ocupa um importante espaço na vida econômica de Arraial. A cultura local é impregnada pelo universo simbólico de pescadores, salineiros e artesãos que sempre viveram isolados de seus vizinhos. O cabista é a expressão de uma identidade forjada no mar – uma forma de ser que alimenta os “causos” de Damaceno (2003) e um cotidiano típico de interior.

Na atualidade a globalização não poupa um recanto sequer do planeta de seus efeitos desconcertantes (GIDDENS, 2003) e Arraial do Cabo se encontra em uma encruzilhada perigosa. De um lado, os “da terra”; e de outro, petroleiros, turistas e migrantes. Uma situação complexa:

Até meados da década de 90, o turismo constituía uma fonte de renda secundária. As embarcações de passeio eram as mesmas usadas na pesca, e ainda não tinham sido adaptadas para receber turistas. Como a atividade turística surgiu de forma espontânea, puxada pelo mergulho – já bastante praticado – e estimulada pela perspectiva de complementar a renda da pesca, que a esta altura começava a declinar, cresceu de forma desordenada. Assim como acontece com a pesca, também no turismo não há barreiras à entrada, resultando num excesso de barcos disputando os mesmos turistas. A rápida e desordenada expansão da atividade turística originou conflitos entre os pescadores artesanais e as empresas de turismo náutico e de mergulho em torno do uso do espaço. O Plano de Utilização da Resex-mar, elaborado em 1999, estabelecendo regras de uso para os diferentes usuários, nunca foi efetivamente posto em prática. (VINHA, *on line*).

Nesse contexto, em que a tradição e a novidade se confrontam diariamente, conhecemos um grupo de mulheres que se lança ao mar, enfrentando os desafios e os perigos da pesca, não apenas pelo retorno financeiro que possam obter como também pelo prazer de estarem no mar. Um caso de amor ou uma necessidade, algo que sentimos vontade de conhecer melhor.

## **2. No mar: entre lulas e símbolos do imaginário social**

Em 21/09/2012 conhecemos as mulheres pescadoras. Com os recursos da PROEX promovemos um lanche no estilo “grupo focal”. O encontro foi filmado e nossa intenção era colher material para o vídeo e para o artigo que seria produzido. Longe de serem “as velhas” que o povo de Arraial faz menção, ou “federem a peixe” como o senso comum pode imaginar, conhecemos mulheres arrumadas e perfumadas, dispostas a prostrar sobre um assunto que amam: a pesca. Afirmaram de pronto não serem profissionais no sentido estrito, ainda que um dinheirinho extra não seja mal visto; pescavam pelo simples prazer de estar no mar, o que não se assemelha em nada ao inflamado discurso de feministas. Assim, foi nesse encontro que gravamos quase uma hora de conversa e depois nos dedicamos aos doces e

salgados do lanche. E todo o lado brejeiro do interior se confirmava nos sorrisos e tiradas carregadas de bom humor de Didinha, Socorro, Geneci, Marinete, Carla e outras de um total de quinze mulheres.

Após muitos contratemos em 12/03/2013 conseguimos embarcar. Acompanhados de dois alunos estagiários e as mulheres pescadoras, enfrentamos o prazer e o desafio de uma noite de pescaria. O barco, bem como as filmagens e edições posteriores, também foram custeados pelos recursos da Proex. A brisa marinha e o horizonte generoso contrapunham-se ao corre-corre no Porto do Forno. O barco cortava rapidamente as águas escuras enquanto as mulheres faziam seus preparativos. Aos poucos, as lulas encheram os baldes para satisfação das pescadoras. O pesquisador observava a tudo detalhadamente, retirando dados para o seu artigo, enquanto a câmara registrava os instantes mágicos da pescaria.

Apresentamos em 17/04/2013 o vídeo no auditório do IFRJ (campus Arraial do Cabo, RJ) para o corpo docente e discente, com a presença do grupo de pescadoras. Em 16/08/2013, o vídeo foi o mote para o lançamento do Programa Mulheres Mil. O anfitrião do evento foi a Superintendência de Cultura de Arraial do Cabo, que promoveu também um debate sobre gênero. Quanto ao artigo sobre esse trajeto “quase” antropológico, estamos no aguardo do parecer final de uma conceituada revista em que poderá ser publicado.

Encerradas as atividades de extensão e pesquisa, aguardamos novos horizontes. Mas ainda temos em mente a noite de pesca e as falas que serviram de base às nossas análises:

“Vivi em uma ilha, meu pai era pescador... Não tínhamos a curiosidade, mas de um tempo para cá, eu tive. Disse assim: eu vou tentar para ver... Fui a primeira vez e amei... Troco qualquer coisa pela pesca”.

“Também sou filha de pescador e mergulhador. Desde pequena eu mergulho, mas tinha medo dos peixes... Comecei a pescar de linha quando não tinha mais fôlego para a apneia. E continuo”.

“Meu pai era pescador de canoa... Não tive a oportunidade de pescar com ele”.

“Comecei com 10 anos de idade ... Morava em Campos e ia pescar com meu pai em águas doces... Sempre amei pescar. Troco tudo pela pesca... Mesmo que tenha roupa para lavar, eu amo ir pescar”.

“Pesquei muita lagosta com papai. Pegava com a mão. Papai me dava uma luva e eu segurava as antenas delas”.

“Também sou filha de pescador, mas nunca gostei. Um dia uma amiga me deu uma corda e eu gostei.... Comprei tudo. Pesquei nove anos na pedra e depois eu saí de barco”.

“É um grupo que cresce... Mas, tem que ser aceita para participar dele”.

“A gente leva lanche, comida, brinca, a gente conta casos ... a gente une o útil ao agradável”.

“Fazemos isso por esporte”.

“Se vier outra pessoa de fora, aí quebra o clima, retrai”.

“A comunidade acha que somos diferentes... Acham uma coisa incrível... Admiram muito”.

“Se pudéssemos, íamos todos os dias...”.

“Os pescadores nos respeitam muito... Mas já recebemos discriminação também... Eles às vezes reclamam... Tem que manter uma certa distância”.

“Deus nos protege”.

“À princípio tive medo, depois perde”.

“Tem mulher que fala que não vai não, que deixa cheiro... Mas, nós nos prevenimos... Temos roupa só para pescar ... Levamos touca”.

“A gente não pode muito se mostrar... Tem que manter uma certa distância” (fala de uma das mulheres ao referir-se ao espaço dos homens que usam a pesca como um ofício).

“O peixe é mais pesado, tem que colocar isca, etc... A lula é mais prático... mais fácil”.

“Não gostamos de levar homens no barco”.

“O mar não é só do homem”.

“O barqueiro sempre ajuda nas dificuldades maiores”.

“As mulheres são mais cuidadosas, têm mais consciência ambiental”.

“Nós somos pescadoras”.

## Conclusão

Sob a égide do Edital 03/2012, empreendemos bastante: artigo, vídeo, palestra. De certa forma, foi também essa intensa movimentação que nos impulsionou a adotar o Programa Mulheres Mil no *campus* Arraial do Cabo. E devemos ainda destacar o ganho intelectual derivado dos estudos que realizamos para dar consistência teórica ao que fizemos. Nosso embasamento era suficiente em representações sociais e gênero, mas bastante incipiente no que diz respeito a imaginário e assim fizemos leituras complementares nesta área. Não é preciso muito esforço para concluir que foi uma trajetória exitosa e de que, a partir do caso aqui descrito, como é importante a existência de fomentos no campo acadêmico.

## Referências Bibliográficas

CARVALHO, João Gilberto da Silva. Mirem-se no exemplo daquelas mulheres... chinesas! Representações Sociais, alteridade e Gênero. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

DAMACENO, Meri. *Cabistezas*, “causos do Arraial”. Rio de Janeiro: Talagarça, 2003.

GERMANO, A. Turismo e Preservação Ambiental em Arraial do Cabo. Novos domínios de disputa no espaço político local; dissertação de mestrado apresentado ao Museu Nacional/UFRJ em 2001.

GIDDENS, Anthony. *Mundo em Descontrole*. O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2003. 3ª edição.

PEREIRA, Walter Luiz Carneiro de Mattos. Cabo das tormentas e vagas da modernidade: uma história da Companhia Nacional de Alcalis e de seus trabalhadores (1943 – 1964). Tese de doutoramento em história apresentada em 2009 à UFF, Rio de Janeiro.

VINHA, Valéria G. da et al. Sustentabilidade da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ: técnicas de pesquisa e resultados. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT16-1047-1005-20080518235749.pdf>

# PAROU POR QUÊ? REFLEXÕES SOBRE ESCOLARIDADE E GÊNERO NO PROGRAMA MULHERES MIL

Maria Emilia Alfano Barbosa<sup>1</sup>  
Pâmela Ketulin Mattos Gomes<sup>2</sup>  
Camila Fernandes Cardoso<sup>3</sup>

## Introdução

O IFRJ - Campus Engenheiro Paulo de Frontin está trabalhando há dois semestres com cursos para o Programa Mulheres Mil, que faz parte das ações do Plano Brasil Sem Miséria, do Governo Federal, considerando a importância do desenvolvimento de políticas públicas inclusivas para as mulheres, relacionadas à elevação da escolaridade, à inserção no mundo do trabalho e à geração de renda. No campus do município de Engenheiro Paulo de Frontin – RJ, o Programa recebe o nome de Mulheres do Vale do Café: identidade, cultura e história. Neste trabalho, serão apresentadas reflexões sobre os dados referentes à escolaridade das mulheres já atendidas pelo Programa no campus.

## O curso ofertado

O curso oferecido nos dois primeiros semestres no programa Mulheres Mil foi *Artesanato em Fuxico*, com carga horária de 160 horas, tendo como objetivo o ensino de técnicas para produção e venda para o turismo local. Foi dividido em dois módulos: *Módulo Educacional Geral* (que apresentou as disciplinas: Texto: Leitura e Produção; Cálculo no Cotidiano; Informática Básica; Saúde, Cultura e Cidadania) e *Módulo Educacional Específico* (formado pelas disciplinas: Fuxico – Técnicas Básicas; Fuxico na Decoração; Fuxico na Moda; Customização; Relações Interpessoais; Empreendedorismo; Qualidade do Produto). O curso contou ainda com atividades extras, como visitas técnicas e palestras complementares, destinadas a fortalecer a compreensão da história local e regional e destacar a importância do artesanato brasileiro.

---

1 Professora do IFRJ, Campus Engenheiro Paulo de Frontin. E-mail: maria.alfano@ifrj.edu.br

2 Professora do IFRJ, Campus Engenheiro Paulo de Frontin. E-mail: pamela.gomes@ifrj.edu.br

3 Aluna do Curso Técnico em Informática para Internet e monitora do programa Mulheres Mil do Campus Engenheiro Paulo de Frontin

A oferta do curso de Artesanato em Fuxico foi definida a partir de alguns critérios: exigir baixo investimento inicial do campus; demandar poucas habilidades prévias das cursistas; fortalecer o princípio da sustentabilidade, com a utilização de materiais reaproveitados; permitir a autonomia das mulheres, gerando renda com a confecção de peças de baixo custo e produção não muito demorada; estimular a produção de peças artesanais identificadas com a região; promover o debate sobre as relações entre turismo e artesanato; propiciar a associação do fuxico com outras técnicas artesanais conhecidas das alunas.

### **Escolaridade e gênero: percepções iniciais**

O grupo de mulheres atendidas no curso Artesanato em Fuxico foi formado por 67 mulheres, com idades que variaram entre 18 e 77 anos, sendo o grupo mais numeroso aquele formado por mulheres entre 46 e 65 anos. Nas turmas, havia mulheres de diferentes níveis de escolaridade<sup>4</sup>: de alunas que mal sabiam assinar seus nomes a uma única aluna portadora de diploma de curso superior. Em uma análise geral sobre a escolaridade das mulheres atendidas pelo Programa Mulheres Mil em Engenheiro Paulo de Frontin, é possível identificar a existência de três grupos semelhantes numericamente: *mulheres que concluíram o Ensino Médio* - 33% das alunas; *mulheres que concluíram o Ensino Fundamental* - 31% das alunas e *mulheres que não concluíram o Ensino Fundamental* - 36% das educandas. Nesse último grupo, estão reunidas alunas que mal sabem assinar seus nomes e outras que concluíram o antigo curso primário, ou seja, cursaram o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

Considerando o Ensino Médio como etapa final da educação básica, pode-se concluir que 67% das mulheres necessitam retornar à escola<sup>5</sup>. Observando a faixa etária das concluintes do Ensino Médio, fica evidente que, quanto mais jovens, maior o índice de concluintes: entre as alunas com menos de 25 anos, 75% concluíram o Ensino Médio. Já no grupo de alunas com mais de 66 anos, apenas 22% concluiu o Ensino Médio.

---

4 Considerando as orientações recebidas pela Coordenação Nacional do Programa, apesar da exigência do Ensino Fundamental Incompleto constar do edital de seleção, foram admitidas algumas alunas que não possuíam nenhum tipo de comprovação da escolaridade. Nesse grupo, estão mulheres que nunca foram à escola, mas são alfabetizadas; mulheres que foram à escola e não mais possuíam comprovação nem meios para obtê-la (por se tratar de escolas em outros Estados, escolas extintas, escolas não regulares), mas que sabem ler e escrever e mulheres analfabetas, isto é, que apenas sabiam assinar seus nomes.

5 Durante o curso, com o primeiro grupo, duas técnicas da Secretaria Municipal de Educação visitaram a turma, a pedido da equipe do programa Mulheres Mil no Campus, para incentivar a volta à escola e para divulgar as opções que teriam para esse retorno. Muitas alunas ficaram interessadas e algumas procuraram as escolas. No entanto, muitos são os impedimentos para a volta à escola: inexistência de transporte, de horários flexíveis e de alguém com quem deixar os filhos são os principais.

No entanto, mesmo as mulheres mais jovens apresentam taxa insuficiente de conclusão da educação básica, uma vez que apenas a metade das mulheres com menos de 45 anos possui o Ensino Médio e 33% desse grupo não possui o Ensino Fundamental completo.

### **Escolaridade e gênero: acesso e permanência**

Durante as entrevistas, foi perguntado às mulheres quando haviam começado a estudar<sup>6</sup>. A maioria (59%) informou não ter entrado na escola em idade correspondente à fase escolar, revelando expressiva dificuldade de acesso aos estudos<sup>7</sup>.

No grupo atendido, foi possível identificar mulheres que não estudaram na infância, que relataram ter iniciado os estudos já adultas, após o casamento ou o crescimento dos filhos. Entre as mulheres, verificou-se também a existência de algumas que nunca foram à escola ou que foram e nela permaneceram por muito pouco tempo, sem que pudessem aprender a ler e escrever.

Entre as mulheres pesquisadas, 80% afirmaram ter interrompido os estudos. Além da entrada tardia na escola, reflexo de um passado de pouca oferta escolar nas regiões interioranas, a permanência revela-se afetada por diversas questões, sobretudo aquelas relacionadas à falta de recursos financeiros das famílias e de escolas próximas. Moradoras de regiões rurais, muitas mulheres relataram a inexistência de escolas que fossem além do primeiro segmento do Ensino Fundamental.

### **Parou por quê?**

A saída da escola pode ser entendida em uma dupla vertente: de um lado, revela a precária condição econômica do grupo pesquisado. Muitas são as mulheres que afirmam ter parado de estudar para trabalhar e ajudar no sustento da família, exercendo atividades fora de casa. Muitas iniciaram a vida profissional em serviços domésticos: empregadas, diaristas, babás. No entanto, outra vertente explica a interrupção da vida escolar: o “lugar da mulher” e os limites sociais a ela impostos. Proibição do pai e do marido, casamento, maternidade, gravidez na adolescência, são motivos apontados. Outro fator significativo relacionado ao papel da mulher, apontado por muitas das alunas, está relacionado à utilização da

---

6 O conceito de idade escolar tem variado historicamente de acordo com a legislação brasileira. Todavia, a pergunta se referia à percepção da mulher quanto à sua entrada na escola, se tinha sido na infância (entre 6 e 8 anos) ou mais tarde.

7 Ainda hoje não existe nos bairros vizinhos ao campus a oferta de Educação de Jovens e Adultos – Ensino Médio. E como a oferta de transporte é muito reduzida, a conclusão da Educação Básica é tarefa muito difícil para algumas alunas.

mão-de-obra feminina na condução dos afazeres da família: desde muito cedo era preciso cuidar da casa, dos irmãos menores, da roupa, da roça etc.

Das mulheres que interromperam os estudos, menos da metade retornou à escola e apenas 19% concluiu o Ensino Médio. Apesar de apenas 7 mulheres estarem estudando durante o período das entrevistas, a valorização da escola é expressa por muitas: 73% gostariam de voltar a estudar, seja para concluir a educação básica, seja para fazer cursos de qualificação profissional, seja para realizar o sonho de cursar uma faculdade.

### **Considerações Finais**

Após análise preliminar dos dados, é possível perceber que o grupo atendido possui baixa escolaridade, em virtude da oferta insuficiente de escolas em décadas passadas e da necessidade de interrupção dos estudos relacionada às questões de gênero e classe social. Pode-se perceber, também, que os problemas referentes ao acesso à escola ainda existem, considerando as dificuldades que envolvem o transporte de alunos de bairros rurais e periféricos aos cursos de Educação de Jovens e Adultos. Além disso, apesar de a escolarização ser vista como importante para o grupo pesquisado, a permanência na escola e a conclusão da educação básica ainda desafia as políticas públicas de inclusão no país, tendo em vista os números ainda insatisfatórios de matrícula e conclusão do Ensino Médio. Desafia, também, o programa Mulheres Mil a articular possibilidades locais que permitam efetivamente contribuir para a elevação da escolaridade dos grupos atendidos.

# ALTERNATIVAS PARA UTILIZAÇÃO OFFLINE DE OBJETOS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Clara Regina Agostini Oliveira<sup>1</sup>  
Fábio Aguiar Alves<sup>2</sup>

## Introdução

Sabe-se que grande parte dos alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA são adultos que, na maioria das vezes, por uma série de circunstâncias concebem a Natureza como algo imutável, o que pode refletir no seu aprendizado dos conceitos das Ciências Naturais. Esta concepção vai de encontro às características dinâmicas e inter-relacionais dos ecossistemas. Tal constatação exige que se propicie a esses alunos a possibilidade de construção da compreensão das relações entre todos os seres vivos (incluindo a si mesmo) e destes com os demais componentes da natureza, conforme descrito no Caderno Ciências Naturais na Educação de Jovens e Adultos, publicado pelo MEC em 2002.

O artigo 37 da Lei 9394/96, LDB em vigor, diz que a Educação de Jovens e Adultos – EJA será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Já a Resolução 01 CNE/CEB/2000, no seu Art. 5º, parágrafo único preconiza que na Educação de Jovens e Adultos é necessário se considerar sua identidade própria, os perfis dos estudantes bem como sua faixa etária. E ainda afirma que é preciso que se considerem os princípios da equidade, da diferença e da proporcionalidade na contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio.

Uma simples observação mais acurada da realidade nos permite afirmar que embora o discurso oficial afirme constantemente igualdade entre todos os cidadãos, a realidade não tem sido bem assim. O que é facilmente possível constatar pelos estudos sobre o sistema educacional brasileiro. No entanto, sabemos que a escola pública deve ser um espaço para que o trabalhador possa elaborar sua

---

1 Mestranda em Ensino de Ciências UniFOA - Pedagoga no IFRJ – Campus Nilo Peçanha-Pinheiral

2 UFF - Orientador da Pesquisa Objetos de Aprendizagem para Ensino de Ciências na EJA

cultura, resgatar sua verdadeira história, apropriar-se do saber científico dentro de um caráter crítico e reflexivo sobre sua realidade de vida, isto é, que seja possível aos alunos da EJA se constituírem como sujeitos de sua própria história, pela apropriação de conhecimento, histórica e socialmente.

Conforme nos esclarece Paulo Freire é preciso, na verdade, que a alfabetização de adultos e pós-alfabetização, a serviço da reconstrução nacional, contribuam para que o povo, tomando mais e mais a sua história nas mãos, se refaça na feitura da História. Fazer a história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado.

Também encontramos afirmações de que é papel da escola socializar o saber produzido com vistas à apropriação desse saber pelo aluno para que possa assim se constituir sujeito histórico e social. O que não é um processo imediato. É “ler” a realidade. E o papel da escola será contribuir para tal criando situações em que possa se dar a apropriação crítica de conhecimento.

Nessa linha Paulo Freire continua nos advertindo quando diz que essa contribuição só é válida na medida em que se é capaz de partir do nível em que a massa alunos está e, portanto, de aprender com ela “e esse é o outro princípio independentemente de tecnicazinha de ba-be-bi-bo-bu”.

São encontradas, em várias obras disponíveis sobre o assunto, propostas de que na sala de aula para adultos sejam feitas aproximações pedagógicas que comecem pela efetiva escuta do mundo no qual esses homens e mulheres se movem. Que se tenha a consciência de que esses homens e mulheres não são tabulas rasas, mas portam um sem-número de experiências sociais, culturais, afetivas.

Nos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais, encontramos a afirmativa de que o ensino de Ciências Naturais, na contemporaneidade, “é uma das áreas em que se pode reconstruir a relação ser humano/natureza em outros termos, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência social e planetária”.

Considerando a obrigatoriedade do ensino fundamental no Brasil, não se pode pensar no ensino de Ciências Naturais como propedêutico ou preparatório, voltado apenas para o futuro distante. O estudante não é só cidadão do futuro, mas já é cidadão hoje, e, nesse sentido, conhecer Ciência é ampliar a sua possibilidade presente de participação social e desenvolvimento mental, para assim viabilizar sua capacidade plena de exercício da cidadania. (PCN, 1998, p. 23)

A aprendizagem dos conceitos das Ciências Naturais, e sua necessária extrapolação, exige construções e reconstruções sucessivas de conhecimento e significados, para qualquer modalidade de ensino, mas especialmente para a EJA.

A partir das análises conceituais brevemente expostas acima, de alguns pressupostos para a EJA e ainda para o ensino de Ciências, concebeu-se a hipótese de que, associar a utilização de Objetos de Aprendizagem – O.A ao ensino de Ciências na EJA, pode se constituir um recurso de grande aplicabilidade.

De acordo com a publicação Linux Educacional (MEC/SEED) Objetos de Aprendizagem – O.A. são recursos educacionais, em qualquer linguagem ou formato, que objetivam a mediação e qualificação do processo de ensino-aprendizagem.

Em literaturas da área encontramos que O.A. são elementos de um novo tipo de instrução computacional, com base no paradigma de orientação a objetos da ciência da computação. Ou ainda, recursos complementares ao processo de ensino que podem ser reusados para apoiar a aprendizagem. Essa característica, reusabilidade, diz respeito à capacidade de reutilização desses materiais, em diferentes contextos de aprendizagem, nas mais diversas áreas do conhecimento.

## **Metodologia**

A partir da revisão de literatura em periódicos impressos e digitais, endereços eletrônicos e livros da área estabeleceu-se a pertinência e relevância desta pesquisa. Considerou-se assim que, organizar um Catálogo Digital com alguns O.A. poderia ser uma forma de apoio e colaboração com o trabalho docente na EJA.

Em seguida fez-se o levantamento de sites e repositórios que disponibilizam Objetos de Aprendizagem, também chamados de Objetos Educacionais, de domínio público e que permitem fazer o download.

Para validação da proposta foram feitas entrevistas com professores de Ciências Naturais na EJA da Rede Municipal de Pinheiral (01 unidade escolar), Rede Estadual de Pinheiral (01 unidade escolar) e Rede Municipal de Volta Redonda (15 unidades).

Na Rede Municipal de Volta Redonda os primeiros contatos com os professores foram intermediados pela própria Secretaria Municipal de Educação, onde estes professores encontram-se para reuniões pedagógicas a cada 15 dias.

Registra-se que o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COEPS e esclarece-se ainda, que as análises necessárias a este trabalho, consideram os pressupostos da pedagogia freireana, prioritariamente, mas também da aprendizagem significativa crítica.

À medida que as entrevistas aconteceram, foram apresentados aos professores alguns Objetos de Aprendizagem, selecionados a partir do conteúdo disponível no Currículo Mínimo para o Ensino de Ciências na EJA conforme apresentado no Caderno Ciências Naturais na EJA publicado pelo MEC em 2002. Os objetos de aprendizagem selecionados pelo critério que pudessem ser utilizados no modo off-line, foram organizados em um catálogo digital, incluindo-se, subsídios pedagógicos para apoio ao trabalho docente.

## Resultado e Discussão

Foram entrevistados todos os professores de Ciências que atuam na Educação de Jovens e Adultos em escolas da Rede Municipal de Volta Redonda, RJ e em escolas da Rede Municipal e Estadual de Pinheiral, RJ. Dos 18 professores entrevistados 35,3 % são do sexo masculino e 64,3 % do sexo feminino. Em relação à faixa etária, 17,7 % estão entre 25 e 30 anos; 64,7 % estão entre 35 e 40 anos e 17,6 % estão entre 45 e 50 anos.

Outro aspecto que foi considerado importante identificar foi quanto à Formação Acadêmica. Todos são graduados em Biologia ou Licenciatura em Ciências Biológicas, sendo que 01 entrevistado possui uma segunda graduação que é Medicina Veterinária. No entanto, apenas 50% possuem alguma especialização Lato Sensu e 10 % possuem Mestrado.

Quanto ao tempo de atuação como professor foi identificado que 40% têm até 5 anos de magistério, 20 % têm de 6 a 10 anos e 40 % têm mais de 10 anos de atuação. Sobre o tempo de atuação com EJA identificamos que 80 % têm até 05 anos de atuação, 20 % têm de 06 a 10 anos e nenhum caso com mais de 10 anos atuando em EJA.

Além de identificar quem são os professores que atuam na EJA com a disciplina Ciências, nas redes públicas já citadas, buscou-se também saber como se dá sua relação e o uso dos materiais didáticos disponíveis para EJA, se usam internet em suas aulas ou na preparação das mesmas, e ainda se conhecem ou utilizam Objetos de Aprendizagem.

Levantou-se ainda as condições das escolas para acesso à internet onde se verificou que ainda há muitas escolas com velocidade de navegação muito baixa, estimando-se que isso ocorre em pelo menos 70 % das escolas. Quanto ao livro didático disponível, registra-se que as escolas recebem livros do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático.

Ao se perguntar como analisam os livros didáticos disponíveis para EJA em relação ao atendimento à proposta do professor identificou-se que, embora 30 % dos entrevistados consideram que a linguagem dos livros atende plenamente, 80 % dos professores consideram que nos aspectos gerais, conteúdos e exercícios disponíveis, o atendimento é apenas parcial.

Quando foi perguntado se haviam outros aspectos que gostariam de registrar destacam-se 02 aspectos: que os livros deveriam ter mais conteúdos relativos ao tema Saúde e que o fato de ser volume único (para todas as disciplinas) é condição que dificulta o transporte dos livros para casa, e vice-versa, pelos alunos.

Outra questão abordada foi se os entrevistados usavam ou não os livros didáticos disponíveis. Os resultados encontrados foram que apenas 9% não os utilizam, 73% usam em parte e 18% de fato utilizam o livro didático disponível.

Aqueles que responderam que usam em parte informaram que complementam com outros materiais ou outros livros de seu acervo pessoal. E os que responderam que não usam disseram que organizam seu próprio material a partir de variadas referências.

É importante lembrar que, considerando-se o objetivo da pesquisa, tornou-se necessário saber como os entrevistados se identificam enquanto usuários da internet. Foi perguntado sobre o uso da internet de uma maneira geral, para pesquisas, redes sócias e preparação das aulas. Os resultados encontrados permitem concluir que pouco mais de um terço, 35 %, se dizem usuários frequentes inclusive para pesquisas. Para preparação das aulas, mais de dois terços dos entrevistados, 70%, sempre usam a internet.

Ao serem questionados se conheciam Objetos de Aprendizagem, 33% responderam que sim e 67% responderam que não, embora houvesse quem declarasse que, a partir da abordagem para a entrevista e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, interessou-se pelo assunto e fez pesquisas para se informar.

Em prosseguimento a este estudo foi elaborada uma versão de demonstração do Catálogo Digital pretendido, e distribuído a 30% dos professores entrevistados para avaliação.

Nesta versão DEMO foram colocados os textos informativos, elaborados em HTML, uma pequena amostra do catálogo com alguns O.A bem como suas respectivas referências e créditos devidos.

Foi solicitado que avaliassem as instruções de uso, a questão da usabilidade e navegabilidade, os aspectos estéticos, o conteúdo, os pontos negativos e positivos e que também fizessem sugestões de conteúdos/temas que gostariam que constasse da versão final.

No geral a avaliação foi positiva, exceto para a constatação de que é necessário o material ser disponibilizado para diferentes sistemas operacionais, especialmente o Linux, o que foi providenciado. Quando foi perguntado se, de alguma forma, era considerado que um Catálogo Digital com Objetos de Aprendizagem para o Ensino de Ciências Naturais na EJA poderia contribuir para o seu trabalho, encontrou-se respostas tais como: - Sim, claro. É bastante atrativo para os alunos (resposta 01). - Sim, pois com o uso da informática a visualização das imagens principalmente fica muito mais fácil (resposta 02). - Acredito que sim, novidades sempre são bem vindas. É uma maneira diferenciada de trabalhar (resposta 03). - Com certeza (resposta 04). - Nos possibilitaria aulas mais variadas sim. pois meus alunos poderão utilizar como meios de estudo e fontes de pesquisa (resposta 05). - Sim! É mais um auxílio para diversificar meu trabalho oferecendo aos alunos o que há de moderno (resposta 06).

## **Considerações Finais**

Durante a pesquisa foi encontrado na revisão de literatura que, dentre os recursos explorados na educação de Jovens e Adultos, pode-se considerar que os recursos digitais colaboram para o aumento da qualidade do ensino na escola visto que ajudam a aumentar a diversificação do modo de aprendizagem.

Defende-se, a partir dos estudos feitos, a possibilidade de associar o uso de objetos de aprendizagem ao ensino de Ciências Naturais na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Embora já se tenha à disposição imenso acervo de Objetos de Aprendizagem, em diferentes repositórios, isso não significa facilidade de acesso aos mesmos. Alguns não estão disponíveis em língua portuguesa, na sua grande maioria sem uma catalogação de fácil entendimento, ou então com exigência de uso da web para serem apresentados. Acrescente-se a isto o fato de que, na maioria das escolas, não se tem acesso à web com conexão compatível para utilização dos OA disponíveis.

Concluiu-se que a elaboração do Catálogo Digital com Objetos de Aprendizagem, de domínio público, que possam ser utilizados no modo offline pelos professores de Ciências que lecionam na Educação de Jovens e Adultos, especialmente no segundo segmento, justifica-se pela aplicabilidade do material elaborado.

A versão final do catálogo será distribuída gratuitamente aos professores participantes da pesquisa e suas respectivas escolas e, no momento analisa-se outras possibilidades de ampliação desta distribuição.

Enfim, afirma-se que a elaboração deste catálogo tem-se apresentada como uma alternativa para o uso de Objetos de Aprendizagem como auxílio ao trabalho docente, mesmo que não se disponha de condições de internet exigidos para utilização online de tais recursos.

# DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE ACOMPANHAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR COM AUXÍLIO DE AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

Clara Regina Agostini-Oliveira <sup>1</sup>  
Ana Luíza de Oliveira Santos <sup>2</sup>  
Clarissa Ferreira Pontual <sup>3</sup>

## Considerações Iniciais

Este trabalho apresenta em linhas gerais alguns desafios encontrados para organização e implantação da orientação e do acompanhamento do Estágio Curricular Supervisionado nos Cursos Técnicos de Lazer, Serviços Públicos e Agente Comunitário de Saúde, oferecidos na modalidade à distância pelo Núcleo de Educação à Distância do Câmpus Nilo Peçanha-Pinheiral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ. Conforme a literatura da área trata-se de um relato de experiência de caráter exploratório que visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses.

## O Câmpus Nilo Peçanha - Pinheiral – CANP no IFRJ.

Criado pela Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ é resultado da transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis (CEFET Química de Nilópolis-RJ) e da integração do Colégio Agrícola Nilo Peçanha, em Pinheiral-RJ.

O Câmpus Nilo Peçanha-Pinheiral – CANP possui uma história centenária que teve início no dia 21 de outubro de 1909 com a instalação da Escola Técnica anexa ao Posto Zootécnico de Pinheiro. Em 1910, o Ministério da Agricultura transformou a Escola Técnica em Escola Média de Agricultura e Veterinária

---

1 Pedagoga no IFRJ e Coordenadora de Tutoria no NEaD-Câmpus Pinheiral - clara.oliveira@ifrj.edu.br

2 Coordenadora Geral da e-Tec Brasil no IFRJ, NEaD-Câmpus Pinheiral - ana.oliveira@ifrj.edu.br

3 Coordenadora do Curso Técnico de Agente Comunitário de Saúde NEaD-Câmpus Pinheiral - clarissapontual.nead@yahoo.com.br

de Pinheiro. Posteriormente foi transformada em Patronato Agrícola e em 1947 em Escola Agrícola Nilo Peçanha.

Situado em uma fazenda de 318 hectares a cerca de 120 km da capital, no município de Pinheiral, o Colégio Agrícola Nilo Peçanha, denominação desta época, já no Ministério da Educação esteve vinculado à Universidade Federal Fluminense – UFF entre os anos de 1968 e 2008.

No final de 2008, pela sanção da Lei 11.892, o então Colégio Agrícola Nilo Peçanha passou a fazer parte do IFRJ.

### **O CANP e a Educação à Distância - EaD**

Os cursos na modalidade EAD foram implantados no Câmpus Nilo Peçanha a partir da criação do Sistema Escola Técnica Aberta do Brasil – e-Tec Brasil, pelo Projeto de Expansão do Ensino Tecnológico durante o ano de 2008. Após pesquisa regional junto às Prefeituras foram abertos, em alguns municípios da região, os Cursos Técnicos em Lazer e em Serviços Públicos cujas aulas começaram em 2009.

Nesse período, o Diretor Geral do CANP, Prof. José Arimathéa, constitui um núcleo, cuja responsabilidade seria a implantação e implementação dos cursos técnicos na modalidade a distância do Projeto e-Tec Brasil.

Nascia assim o NEaD – Núcleo de Educação a Distância do CANP que tem por objetivos contribuir para a interiorização do ensino técnico gratuito de qualidade no Estado do Rio de Janeiro e para o acesso ao ensino técnico daqueles que não podem estudar no horário tradicional.

Em 2010 foi implantado o Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde assumindo um projeto do CEFET Química de Nilópolis. Atualmente, há os seguintes polos de apoio presencial: Barra Mansa, Complexo do Alemão (Rio), Engº Paulo de Frontin, Pinheiral, Pirai, Porto Real, Resende, Rio Claro, Rio das Flores, São José do Vale do Rio Preto e Volta Redonda.

### **O Estágio no IFRJ e no NEAD**

De acordo com o art. 1º da lei 11.788/2008, o Estágio Curricular Supervisionado comporta as atividades desenvolvidas pelos estudantes por meio de contato direto com ambientes de trabalho profissional desenvolvendo atividades programadas, supervisionadas e avaliadas. Conforme essa mesma lei, o estágio deve fazer parte do projeto pedagógico dos cursos e integra o itinerário formativo do educando, visando ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional. Tem ainda como objetivo legal o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

No IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia há a COIEE - Coordenação Geral de Integração Escola-Empresa, órgão ligado à

Pró-Reitoria de Extensão – PROEX que é responsável pela articulação entre a instituição e os campos de estágio. Cada um dos câmpus do IFRJ tem a sua COIEE local que tem a responsabilidade de fornecer toda a documentação necessária à realização do estágio, assim como receber aqueles que deverão ser entregues pelo aluno-estagiário ao final do estágio e manter os arquivos necessários bem como dar os devidos encaminhamentos após a conclusão do estágio.

O Regulamento do Ensino Médio e da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do IFRJ diz no seu art. 17, § 4º esclarece que o estágio curricular supervisionado é uma forma de aprimoramento das experiências adquiridas no espaço escolar para as vivências profissionais e as relações socioculturais. É componente curricular obrigatório para que se obtenha o diploma de técnico de nível médio da educação profissional. Deve ser realizado com o objetivo de integrar o aluno ao mundo do trabalho.

### **Organização do Estágio no IFRJ, cursos de EAD - Condições para a realização do estágio**

Para realizar o estágio, os alunos dos cursos Técnico em Lazer, Serviço Público ou Agente Comunitário de Saúde, na modalidade a distância do Câmpus Nilo Peçanha – Pinheiral deverão ter cursado a carga horária mínima legalmente exigida; encontrar o local para estágio e verificar se a empresa/instituição/organização é conveniada com o IFRJ. Caso não o seja, solicitar através da COIEE a celebração do convênio.

Os cursos de EAD apresentam um grande desafio, na celebração desses convênios, devido ao fato de que a localização dos polos se dá em diferentes municípios, alguns localizados bem distantes da sede do NEAD. Esforços são somados na busca destes convênios com diferentes instituições ou órgãos que constituem campos de estágio, especialmente os municipais.

Após a definição do local do estágio, a próxima etapa do candidato ao estágio é proceder à solicitação de liberação para estágio junto à COIEE. Nos cursos de EAD, dadas as suas peculiaridades, essa solicitação se dá por meio de formulário próprio entregue aos coordenadores dos Polos de Apoio Presencial que encaminhará ao NEAD.

A empresa/instituição/organização onde se dará o estágio, fornecerá o Programa de Estágio a ser desenvolvido pelo aluno-estagiário que será enviado ao NEAD por SEDEX ou através da Coordenação de Polo para análise da Coordenação do Curso.

A Coordenação de Curso fará análise do Programa de Estágio e em caso da necessidade de esclarecimentos quanto ao Programa de Estágio, o aluno-estagiário será comunicado para que sejam providenciados. Junto ao deferimento do Programa de Estágio será designado um professor para ser Orientador Pedagógico de Estágio.

Conforme o art. 23 do Regulamento de Estágio são competências do orientador pedagógico de estágio: orientar o aluno-estagiário quanto às normas de conduta no local de estágio; esclarecer dúvidas relativas às atividades exercidas no estágio; orientar o aluno-estagiário no que diz respeito à correta interpretação das Normas para Elaboração do Relatório Técnico de Estágio do Instituto Federal do Rio de Janeiro e auxiliar na elaboração, avaliar e assinar a versão final do Relatório Técnico de Estágio.

Já no art. 22, este Regulamento, preconiza a existência de um supervisor institucional de estágio que, normalmente, será o coordenador de curso ou professor por ele designado. Ao supervisor institucional de estágio compete: visitar as empresas onde houver aluno-estagiários em atividade de estágio, visando verificar o desempenho dos alunos-estagiários e o cumprimento do plano de estágio e retro-alimentar a Instituição com dados sobre as necessidades e as tendências do mercado.

Atendendo às exigências legais, a realização do Estágio Curricular Supervisionado só será autorizada quando for designado pela instituição sede do estágio um Supervisor de Estágio que acompanhará as atividades do aluno-estagiário.

A avaliação de desempenho do estagiário se inicia a partir da apresentação do programa de estágio e continua pelo acompanhamento do estudante ao longo de todo o estágio através da análise de relatórios periódicos, fichas de avaliação e frequência e pelo Relatório Final de Estágio, elaborado segundo os padrões e normas acadêmicas.

### **Os desafios e as possibilidades**

Diante das condições de estágio expostas, constatou-se que o acompanhamento do estágio e do estagiário é de fato um grande desafio que precisa ser vencido por todos os envolvidos nos processos.

Se nos cursos presenciais essa situação já se configura, quando se trata de cursos de EAD, novos desafios se apresentam. De acordo com alguns autores da área, o estágio nos cursos na modalidade EAD adquire caráter especial, social e humanitário. Considerando-se que nesta modalidade o ensino é transmitido quase na sua totalidade através de meios virtuais e de telecomunicações o estágio, para esses alunos, surge como a oportunidade de aproximar efetivamente o aluno com o meio social levando-o além da própria instituição de ensino e dos seus colegas, dando ênfase à relação e interação humana.

O acompanhamento de estágio, em cursos EAD, tornou-se um desafio pela necessidade de se romper a barreira da distância geográfica. O que levou à busca de alternativas para o atendimento ao aluno-estagiário e a efetiva supervisão de estágio.

Uma questão que se apresentou como desafiadora foi a orientação para elaboração do Relatório Final de Estágio, principalmente para aqueles alunos que finalizam seu estágio após a conclusão das disciplinas do curso.

Registra-se que a grande maioria dos profissionais que atuam no NEaD, em especial os professores formadores e os tutores à distância, são bolsistas do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. E são esses profissionais que têm formação na área específica do curso em que atuam. Daí, outro grande desafio encontrado quanto à orientação e supervisão do estágio. Diante dessa realidade, a equipe do NEAD encontrou algumas possibilidades e efetuou as ações descritas a seguir.

Primeiramente foi aberta na Plataforma Moodle, uma Sala Virtual para acompanhamento e orientação do aluno-estagiário onde se disponibiliza um Manual com Orientações para o Estágio Curricular, um Fórum TIRA-DÚVIDAS e ainda vários outros materiais com Orientações para a elaboração do Relatório Final de Estágio.

O Fórum TIRA-DÚVIDAS acabou se constituindo como um espaço em que os estagiários, além de solicitarem informações, têm acesso às respostas oferecidas às dúvidas dos colegas, o que colabora para que algumas de suas dúvidas sejam sanadas.

Com o objetivo de aprimorar os Relatórios Finais, criou-se através da Ferramenta de Envio de Tarefa a possibilidade de Envio da Versão Preliminar do Relatório Final que é analisada e corrigida antes da Versão Final do Relatório. Ainda são disponibilizadas nesse espaço, modelos necessários à elaboração e formatação do Relatório Final de Estágio.

Cientes de que os alunos da EAD, devido as distâncias, não têm acesso constante à sede do NEaD, em Pinheiral, e que os Relatórios Finais, após aprovados, ficam arquivados no próprio CANP, para ampliação das possibilidades de acesso aos relatórios elaborados conforme as normas estabelecidas, foi disponibilizado aos alunos fotos e vídeos com estes relatórios.

Esta Sala Virtual é alimentada pela equipe de Coordenação do NEaD e acompanhada por um dos Coordenadores previamente designado para tal.

O acesso dos alunos se dá a partir do trimestre anterior à sua liberação para o estágio. Além dos alunos também têm acesso a esta sala todos os Coordenadores em geral e ainda os Tutores presenciais, nos polos de apoio presencial.

Nos cursos EAD do Câmpus Nilo Peçanha-Pinheiral, o próprio Coordenador de Curso é o Orientador Pedagógico de Estágio que designa um Supervisor de Estágio que visitará periodicamente as sedes de estágio.

Essa questão de orientação e supervisão de estágio exigiu uma outra ação necessária. Em um primeiro momento foi acordado com os tutores-formadores que, conforme a disciplina em que estivessem atuando, eles assumiriam a figura de Orientador e Supervisor de Estágio.

Com o aumento da demanda há atualmente, um Supervisor de Estágio para os Cursos Técnicos em Lazer e Serviços Públicos e para o Curso Técnico de Agente Comunitário em Saúde, por causa de suas particularidades, há um Supervisor exclusivo para este curso. Esses supervisores de estágio visitam as sedes de estágio regularmente para o acompanhamento necessário.

### **Novos desafios**

Mesmo que fosse avaliada constantemente esta forma de orientar os estagiários, depois de transcorridos 12 meses de se ter colocado a sala virtual de estágio no ar, entendeu-se que era o momento de uma avaliação por parte dos estagiários. Para isso fez-se um levantamento sobre a funcionalidade e eficácia dos materiais e orientações disponíveis nesta sala.

Foi possível identificar que, ainda que muitos dos alunos considerem que a Sala Virtual de Estágio auxilia os estagiários, há vários que julgam que auxilia apenas em parte.

De uma maneira geral os alunos consideram que os materiais disponíveis - Manual do Estagiário e Modelos atendem suas expectativas, mesmo que em parte.

Esta constatação confirmou a necessidade de que sejam organizados encontros mais específicos para orientação de estágio nos polos de apoio presencial, mas que a Sala Virtual de estágio tem cumprido seu papel de orientar os alunos à distância.

### **Considerações Finais**

Se no ensino presencial o acompanhamento e orientação de estágio já é um grande desafio entende-se que há um desafio maior nos cursos de EAD.

No entanto, com os recursos tecnológicos disponíveis, utilizados para o desenvolvimento desta modalidade de ensino, acredita-se que muitas outras possibilidades podem se configurar como apoio a este acompanhamento e orientação.

A utilização de uma Sala Virtual exclusiva para acompanhamento de estágio sinaliza para a possibilidade de uma nova forma de acompanhar e orientar estágio, especialmente nos cursos à distância.

## MAPEAMENTO MUSICAL DA BAIXADA FLUMINENSE: UMA PESQUISA PARTICIPIATIVA

Alvaro Neder<sup>1</sup>  
Daniel Barros<sup>2</sup>  
Rodrigo Caetano<sup>3</sup>  
Leonardo Freitas<sup>4</sup>

O projeto de extensão e pesquisa aqui apresentado, “Mapeamento Musical da Baixada Fluminense: Uma pesquisa participativa”, é realizado desde 2011, com apoio financeiro do CNPq e do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), obtido por meio de editais internos de suas Pró-Reitorias de Extensão e de Pesquisa. Contando com um bolsista e um número variável de estudantes voluntários, a pesquisa visa levantar a produção musical da Baixada Fluminense, relacionando o ambiente sonoro com as questões sociais e preocupando-se em priorizar o ponto de vista dos moradores da região. Utilizando a metodologia participativa, os estudantes, que também são, prioritariamente, residentes da Baixada, partilham todas as decisões, objetivando, com isso, contribuir para o desenvolvimento de um novo modelo de pesquisa que questione dicotomias como educador/ educando e pesquisador/ pesquisado. A face extensionista do projeto busca ampliar este questionamento, incorporando interessados da comunidade da Baixada ao objetivo de pesquisar a comunidade em que residem; no processo, escolhem e adquirem ferramentas teórico-metodológicas, críticas e conceituais proporcionadas pelos pesquisadores, visando a transformação concreta de sua realidade social.

De 2011 até o momento, a preocupação principal tem sido a de desenvolver uma equipe de estudantes que absorvam os conhecimentos e práticas necessários para atuar como mediadores do conhecimento a ser produzido em conjunto com outros moradores, em caráter extensionista. Neste sentido, vimos realizando reuniões semanais com discussões teórico-metodológicas, e também trabalhos de campo regulares, dedicados tanto ao treinamento dos estudantes no método etnográfico quanto ao levantamento de material de pesquisa. Nessas ocasiões são

---

1 Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail: alvaro.neder@ifrj.edu.br

2 Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail: dbarros.prod@gmail.com

3 Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rodrigo.caetano89@gmail.com

4 Instituto Federal do Rio de Janeiro. E-mail leonardo.quinze@gmail.com

realizados registros audiovisuais de práticas musicais e entrevistas com músicos, produtores e demais agentes culturais da Baixada. Este material sofre contínua ampliação com a regularidade dos trabalhos de campo, e é a base da produção documental do grupo, sendo editado para a produção de vídeos que são exibidos à comunidade na busca de sua resposta/ retroalimentação crítica. Por meio deste processo é possível direcionar a pesquisa segundo os interesses da comunidade, atendendo às exigências da metodologia participativa. Citamos como uma das evidências desta retroalimentação uma exibição que fizemos de um documentário produzido por nós, e que, apesar de bem recebido, recebeu críticas construtivas por utilizar exclusivamente músicos do gênero masculino, e predominantemente de Belford Roxo. A tais críticas se seguiu uma maior atenção à diversidade de gêneros e localidades enfocadas na pesquisa. Nesta etapa, apontamos como o maior obstáculo a dificuldade de obtenção de bolsas PIBIC para estudantes interessados em se integrar ao trabalho de maneira sustentável.

Neste ano de 2013, nosso projeto foi contemplado com recursos do programa nacional de extensão PROEXT 2014, do Ministério da Educação. Este sucesso virá a remover o obstáculo referente à dificuldade de obtenção de bolsas, uma vez que teremos recursos para remunerar seis estudantes do IFRJ, que serão recrutados entre todos os cursos superiores da instituição, e que desejem se dedicar a este trabalho de cunho social e transformador. Adicionalmente, nos cadastramos no programa Jovens Talentos, da Faperj, e estamos no aguardo de seu próximo edital, a ser liberado no início de 2014, para nos candidatar a um número de cerca de quatro bolsistas de Ensino Médio, a serem recrutados no IFRJ. O PROEXT também possibilitará a aquisição de uma estrutura de produção e edição audiovisual, que nos proporcionará maior autonomia, aumentando, assim, nossa produtividade.

A partir da obtenção desse reforço em termos de material humano, estaremos aptos a deflagrar a nova fase de nosso projeto extensionista, em que poderemos promover reuniões semanais com a inclusão de membros da comunidade que não sejam estudantes do IFRJ. Nessas reuniões, será dada continuidade à nossa rotina de discussões teórico-metodológicas e capacitação em termos de produção e edição audiovisual e publicação na Internet. Para isso, dispomos de um sítio eletrônico já em funcionamento ([www.redeescutabaixada.com.br](http://www.redeescutabaixada.com.br)). Nosso objetivo com este sítio é expandir a atividade extensionista, divulgando nossas pesquisas e resultados de maneira inteiramente gratuita, participando assim da formação continuada da população da Baixada. Além disso, poderemos expandir também a atividade extensionista com exibições semanais de nossos documentários em escolas, associações de moradores, sedes de movimentos sociais e outros locais de acesso à comunidade, visando suscitar conscientização e debate. Esperamos, também, que, por meio de parcerias com as prefeituras da Baixada e outros interessados, possamos produzir nosso material em DVDs que sejam distribuídos às escolas da região

como forma de promover a valorização da cultura e da memória, promovendo a autoestima dos futuros cidadãos locais.

De maneira geral, podemos dizer que o principal objetivo deste projeto extensionista é contribuir efetivamente para uma melhoria na qualidade de vida dos residentes da Baixada Fluminense. Para isso, buscamos a formação de novos olhares e saberes em relação à produção cultural de periferias, a produção coletiva de textos e de registros audiovisuais que contemplem os pontos de vista de seus moradores e a valorização das culturas marginalizadas. Trata-se, portanto, da autorrepresentação da Baixada por meio de discursos próprios de seus moradores como contraposição a representações massificadas que historicamente vêm marginalizando e representando indevidamente este território como espaço de violência desprovido de manifestações culturais ou criatividade.

### **Fundamentos teóricos**

Como objetivamos, desde o início, desenvolver uma pesquisa participativa, foi fundamental para a realização deste projeto os trabalhos e metodologias expostos por Paulo Freire, em sua *Pedagogia do Oprimido*. O autor defende um modelo educacional dialógico, horizontal e não-hierárquico, considerando, ainda, a necessidade de reconhecermos a importância dos mais variados tipos de conhecimento (acadêmico e nativo, por exemplo). A partir da aplicação desta metodologia participativa, todo nosso trabalho foi realizado de maneira coletiva e horizontal, privilegiando o diálogo e a autonomia. Contribuíram ainda para o uso desta metodologia os trabalhos realizados pelo professor Samuel Araújo, do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, e do grupo de estudantes Musicultura, orientado por ele.

Para uma compreensão mais ampla do que entende-se por música, utilizamos o verbo-conceito “Musicar”, cunhado por Christopher Small. Para Small, a música não é entendida apenas como execução musical feita por especialistas, englobando neste verbo de ação todas as práticas da comunidade que possibilitam a existência de uma atividade coletiva e integradora.

No que diz respeito ao trabalho de campo (etnografias), nos baseamos nas sistematizações do método etnográfico de Malinowsky e nas problematizações de Gilberto Velho, sobre a importância e as dificuldades do pesquisador estudar algo próximo à sua vivência.

Contribuíram para nosso embasamento sobre aspectos culturais e sociais da Baixada Fluminense os trabalhos do sociólogo André Leite, que estudou a memória musical da região; do geógrafo Manoel Ricardo Simões (Breguelé), professor do IFRJ, e da antropóloga Ana Lúcia Enne.

Com o andamento do projeto, chegamos ao conceito de violência simbólica, dos sociólogos Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, que foi fundamental para entendermos melhor a relação dos residentes da Baixada com a música produzida na região.

Além dos autores e conceitos citados, é interessante notar a relação ensino-pesquisa-extensão, visto que estamos em constante diálogo com conhecimentos específicos trabalhados em aulas do Curso Superior de Produção Cultural, tais como: observação participante e etnografia (Antropologia), produção de conteúdo audiovisual (Fundamentos da Artes Audiovisuais, Edição e Montagem e Produção Audiovisual), categorias acadêmicas X categorias nativas; dialética cultura de massa X cultura popular (Culturas Populares), relações de poder midiáticas e construções discursivas (Teoria da Informação e Comunicação).

### **Resultados e discussões**

Desde o início do projeto nos preocupamos em estar integrados tanto com os eventos que acontecem na instituição quanto, e principalmente, com a comunidade da Baixada Fluminense. Neste sentido, participamos de uma série de atividades extensionistas realizadas pelo IFRJ e realizamos outras que projetaram positivamente nosso projeto para a comunidade, servindo, ainda, para a concretização de importantes parcerias. Em 2011 e 2012 apresentamos resultados preliminares da pesquisa nas sessões coordenadas de Produção Cultural durante a XVII e XVIII SEMATEC (Semana de Tecnologia). Em 2012 e 2013 participamos da VI e VII Jornada Interna de Iniciação Científica e Tecnológica (JIT), respectivamente nos IFRJs Maracanã e Pinheiral. Em setembro de 2012, o grupo de pesquisa foi contemplado com o edital do Fundo Municipal de Cultura de Nova Iguaçu, para a realização de um seminário para refletir as temáticas mais correntes surgidas ao longo deste projeto extensionista, além de uma série de apresentações musicais. Em fevereiro de 2013 produzimos o seminário “Música na Baixada”, em parceria com a ONG Com Causa – Cultura de Direitos, com o objetivo de apresentar a pesquisa para a comunidade, além de experiências bem sucedidas, como Centro Cultural Donana e Movimento Enraizados. Na ocasião, o professor Alvaro Neder, coordenador da pesquisa, apresentou o vídeo “Mapeamento Musical da Baixada Fluminense”, onde são apresentados relatos que problematizam questões sociais da Baixada Fluminense, como a estigmatização produzida pela mídia, violência e preconceito. Estes relatos também insistem em outras representações sobre a Baixada, fundadas na positividade, solidariedade e criatividade. Ainda sobre o seminário, foi muito importante a presença de diversas instituições, como a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), representada pela assessora parlamentar do deputado Robson Leite, Joselina Fernandes, da Comissão de Cultura; o Ministério da Cultura (MinC), representado por Marcelo Veloso, chefe da representação regional do MinC no Rio de Janeiro e Espírito Santo; os músicos Dida Nascimento, presidente do Centro Cultural Donana, e Dudu de Morro

Agudo, fundador e coordenador executivo da Rede Enraizados; Adriano Dias, da ONG Com Causa, e Rafael Almada, Pró-Reitor de Extensão do IFRJ. Além dos já citados, o encontro reuniu representantes do Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro, artistas da Baixada Fluminense, e moradores da Baixada. Em Agosto de 2013 participamos da II Semana de Arte e Cultura do Campus Duque de Caxias (SEMAC) e do III Colóquio de Políticas Culturais da Baixada Fluminense, produzido pelo grupo PET/Conexões de Saberes do IFRJ Nilópolis, onde além de apresentarmos nossa metodologia, exibimos o vídeo “Rede Escuta Baixada”.

A partir de pesquisas bibliográficas ficou evidente, num primeiro momento, o baixo número de produções acadêmicas sobre manifestações culturais da Baixada Fluminense. A maioria dos trabalhos desenvolvidos têm como temática a violência, a ausência de saneamento básico, o descaso do poder público e demais mazelas sociais. Sendo assim, constatamos uma escassez de documentação dessas manifestações culturais. Entretanto, com as constantes participações em eventos acadêmicos e diálogos com demais pesquisadores e agentes culturais da Baixada, percebemos alguns fatores interessantes: o primeiro é o desconhecimento da produção acadêmica da Baixada Fluminense entre os próprios pesquisadores, visto que não há um lugar onde esta produção se concentre. O segundo é a contribuição do Curso Superior de Produção Cultural do IFRJ Nilópolis para minorar essa carência (ações do grupo PET, Trabalhos de Conclusão de Curso, e outros grupos de iniciação científica que analisam a cultura da Baixada Fluminense).

Após essas constatações (de que há produções, mas falta um espaço de convergência), criamos o sítio eletrônico Rede Escuta Baixada com o objetivo de ser este espaço de convergência, difundindo o conhecimento gerado pelo nosso trabalho e também pelos demais trabalhos (acadêmicos ou não, textuais, sonoros, audiovisuais) que abordam questões culturais da Baixada Fluminense, além de divulgar e refletir sobre os pontos de escuta da BF. “Ponto de escuta” seria análogo a um “ponto de vista”, a perspectiva de alguém, mas focada no ambiente sonoro entendido como espaço social. Dessa maneira, pela via do sonoro podemos abarcar todas as questões que sejam de interesse dos habitantes da Baixada e colocá-las em discussão com a comunidade.

### **Considerações finais**

O projeto terá andamento com as entrevistas, etnografias, edições do material documentado e demais ações como o Grupo de Estudos Escuta Baixada. O Grupo de Estudos passará, a partir de novembro, a incluir moradores, estudantes, pesquisadores, professores, músicos e demais interessados da Baixada a fim de tornar a discussão mais dinâmica, também reforçando o caráter participativo.

Estamos nos preparando para 2014, que será um grande ano para nosso trabalho, tendo em vista os recursos do PROEXT 2014. O projeto passará a promover, nesse ano, reuniões presenciais com as comunidades e movimentos sociais da Baixada, buscando sua participação na proposição de temas que relacionem o ambiente sonoro a questões sociais, resultando na produção de documentários que promovam debates, conscientização e ação. Proporcionaremos também, gratuitamente, aos jovens e adultos moradores da Baixada interessados, participação em nosso grupo de estudos sobre metodologia participativa e Estudos Sociais, além de capacitação específica em produção audiovisual e Internet. Temos, com isso, o intuito de contribuir para a formação de futuros quadros críticos oriundos da região, que possam continuar residindo na mesma e dar continuidade a este trabalho de transformação social na Baixada Fluminense.

Para garantir o bom andamento do trabalho, contamos com algumas parcerias já firmadas com o Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, representado pelo professor Samuel Araújo, NUCA-IFRJ (para edição do material audiovisual documentado), representado pelo professor Tiago Monteiro, Centro Cultural Donana, Movimento Enraizados e Associação de Moradores do Bairro Cerâmica. O projeto conta ainda com a participação dos professores Manoel Simões (Breguelé), de Geografia, e Fernando Brame, de Sociologia, ambos do IFRJ/Nilópolis.

De maneira geral, podemos dizer que as atividades relacionadas à extensão que foram realizadas até o presente momento serviram de laboratório para as atividades extensionistas que serão realizadas a partir de janeiro de 2014. Para além disso, todas essas realizações e participações foram fundamentais para que pudéssemos ampliar nosso conhecimento e nossas relações com o universo sonoro da Baixada Fluminense.

## CINÊNCIA: A CULTURA CIENTÍFICA ANDARILHA NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO SOCIAL

Rosângela Bezerra da Silva<sup>1</sup>  
Camila Araujo<sup>2</sup>  
Waldmir Araujo Neto<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A primeira sessão de cinema no Brasil foi na cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX, sete meses após a exibição de filmes em Paris pelos irmãos Lumière. Após um ano, Paschoal Segreto e José Roberto Cunha Sales inauguraram, na Rua do ouvidor, uma sala de cinema permanente, o “Salão de novidades de Paris”. Em 1898, é rodado o primeiro filme Brasileiro, com produção do cinegrafista Afonso Segreto. O filme apresentava algumas cenas da baía de Guanabara, Largo do Machado e a Igreja da Candelária, além de retratar momentos do cotidiano do carioca. O estilo da filmagem era de acordo com os documentários franceses do início do século.

A utilização do cinema como apoio na educação formal não é recente. Há relatos que nos primeiros anos de sua existência, os filmes documentários criados pelos irmãos Lumière já faziam parte de discussões nas escolas de Paris. No Brasil, nos anos 30, o cinema já era contemplado em propostas de governo para sua inclusão nos sistemas de educação<sup>1</sup>.

O cinema é apenas uma das diversas modalidades de texto que podem ser usados como ferramentas mediais em processos de ensino. Nesse sentido, entende-se que a leitura de vários tipos de texto é essencial na sociedade em que vivemos. Saber olhar uma imagem, um filme, é tão necessário quanto aprender a ler e escrever nos moldes convencionais, pois os códigos e os processos de produção da comunicação se alteram e, nessas mudanças, buscam receptores aptos para entendê-los. Se o modo de produção se altera, fazendo surgir novos códigos, ele irá exigir uma nova posição receptiva; o mesmo vale para a alteração

1 Diretoria Adjunta de Desenvolvimento Institucional – Reitoria – IFRJ; E-mail: rosangela.silva@ifrj.edu.br

2 Bolsista PIBEX – Instituto de Biologia - CCS-UFRJ; E-mail: camilarj@msn.com

3 LESEQ – Laboratório de Estudos em Semiótica e Educação Química - Instituto de Química – UFRJ; E-mail: waldmir@iq.ufrj.br

da percepção e da recepção, que exigirá novos códigos no processo de produção. A partir do momento em que estamos expostos a um mundo cheio de linguagens diversas, temos de nos preparar para entender criticamente o que elas nos oferecem. Interpretar, produzir e reproduzir. Cabe à escola explorar e trabalhar o cruzamento dessas linguagens, a fim de preparar melhor o aluno para enfrentar as novas realidades geradas pelos meios de comunicação.

Apesar disso, em boa medida, paira certo preconceito sobre o uso de filmes e recursos audiovisuais em processos de ensino e aprendizagem. Isso se deve, também em boa medida, ao reconhecimento de que tais atividades não cumprem papel educativo, ou são menos importantes do que uma aula expositiva. A literatura especializada nos informa que filmes podem ser utilizados em sala de aula desde a educação infantil até a pós-graduação, para abordar conteúdos referentes a quaisquer disciplinas desde que, é claro, seja utilizado com critérios.

Por intermédio da leitura e análise de imagens e de ferramentas utilizadas pelo cinema, o trabalho com essa linguagem, entre outros aspectos, contribui para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo e das novas tecnologias, tendo em vista os benefícios que proporcionam a formação do aluno. A cada exibição cinematográfica, novos olhares, sensações e experiências se renovam e se fortalecem e ainda podem gerar reflexões que se prolongam por toda a vida. Os universos reais e fictícios projetados na tela simulam contextos e cenários que retratam valores individuais e coletivos, que poderão ser discutidos e ampliados por meio do debate com a comunidade escolar. Com sua expressiva versatilidade, a linguagem cinematográfica compreende, além de um corpo de conhecimento notável, mecanismos de interfaces com outras linguagens, dialogando com várias expressões: o teatro, a dança, a música e as artes plásticas<sup>2</sup>.

Outra questão que também é discutida nesse cenário refere-se ao problema de “erro conceitual” que são verificados, por exemplo, em algumas obras de Ficção Científica (FC), por exemplo. A FC tem sua própria maneira de falar sobre ciência, que é uma maneira que não encontramos mesmo em outras expressões ficcionais que falam da ciência. Ela é didática, porque se propõe a veicular ideias, mas não no sentido de explicar o que é a ciência ou ensinar conceitos científicos, embora isso possa ocorrer ocasionalmente. O que ela veicula, acima de tudo, são as questões que incomodam ou estimulam as pessoas, e que são questões originadas na ciência e na nossa relação sociocultural com ela.

A FC, mais do que um possível recurso didático para o ensino de ciências, constitui um discurso social sobre a ciência. Isso implica que é possível encontrar nas obras de FC visões, debates e questões a respeito das ciências em voga no momento de produção das obras. Assim, abordar ciência a partir da FC é mais do que simplesmente procurar conceitos veiculados em filmes ou livros. Para tal abordagem mais profunda da obra de ficção, são necessários instrumentos que permitam uma análise que vá além dos aspectos superficiais<sup>3</sup>.

A inclusão audiovisual é um processo que começou lado a lado com a estruturação do cinema como uma nova forma de comunicação no início do século XX. Especificamente no Brasil, as ações mais consistentes de levar o cinema para as escolas começaram a surgir a partir de 1910, quando foi criada a Filмотeca do Museu Nacional. A questão da presença da tecnologia e da comunicação visual maciça no cotidiano da Escola é uma realidade. Os meios de comunicação passaram a funcionar como mediadores dos processos educativos, quer formais quer informais.

A questão da presença da tecnologia e da comunicação visual maciça no cotidiano dos alunos e professores fora da Escola vem, há algum tempo, forçando-a indiretamente a se adaptar a esse novo mundo. Hoje a escola deixou de ser a exclusiva agência de promoção educacional; os meios de comunicação passaram a funcionar como mediadores dos processos educativos, quer formais quer informais. Os pólos de formação descentraram-se e tenderão a intensificar cada vez mais as possibilidades de se obter informações e mesmo conhecimentos por meio de mecanismos fora do espaço escolar.

Tendo em vista esses diversos aspectos propomos uma (re)aproximação inovadora entre a escola, o cinema e outras formas de expressão e comunicação áudio visual. Desejamos exercitar um vigoroso processo de inclusão social e audiovisual com a implementação de sessões de cinema, vídeos, fotografias e outras exposições nos Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) entre outras instituições parceiras, com atividades abertas a comunidade interna e externa.

Acreditamos que essa iniciativa poderá fornecer elementos para um amplo debate sobre temas contemporâneos de maneira a subsidiar processos de ensino-aprendizagem, como também gerar indicadores sociais a partir do aprimoramento do desempenho escolar.

O CINÊNCIA é um projeto que visa fortalecer o processo de inclusão social através da disseminação da ciência, cultura e comunicação, em suas diversas formas semióticas de expressão e linguagem, sobretudo a partir da exibição e discussão do conteúdo de filmes, para um público excluído ou com menor acesso, sendo portando, de importância inquestionável.

### **Fundamentação Teórica**

Podemos afirmar que vivemos cercados por imagens e somos invadidos por elas a todo o instante. Essas imagens nos estimulam e nos movimentam para novas dimensões do tempo e do espaço, transformando nossa experiência diária em uma verdadeira expansão de nossas fronteiras sensoriais. Já não estamos limitados por aquilo que podemos ao alcance de nós mesmos, pois somos continuamente

convidados a extrapolar nossa própria existência com a ajuda de ferramentas digitais que “presentificam” aquilo que já não podia ser alcançado antes.

Ainda assim, essa experiência de ampliação vivenciada no que tange a possibilidade de acesso de uma quantidade muito grande de imagens de diferentes naturezas ao toque de um dedo ou de um clique de mouse, não nos garante um momento exclusivo para que possamos interpretá-las de maneira mais própria ou, em muitos casos, de qualquer maneira. Somos avassalados pelo ter que ver tudo sem parar. Perdemos em alguns momentos o sentido de um processo de escolha de nossos sentidos e com isso limitamos nossa capacidade de produzir significados sobre esse mundo imagético amplo e plural.

O CInÊNCIA se compromete com essa faceta do mundo contemporâneo e com as diferentes formas de comunicação cultural e visual. Nossa intenção não é construir um novo sítio da internet ou aplicativo com suporte para ferramentas digitais móveis, mas criar uma experiência de interação entre sujeito e o audiovisual. Propomos a criação de um conjunto de sessões de cinema, um ambiente cuidadosamente pensado para permitir interação com o repertório sonoro e imagético, uma tentativa de estudar um conceito por meio da semiótica.

Pretendemos nesse projeto explorar uma ampliação do conceito de leitura, o qual não pode ser considerado exclusivamente o seguir contínuo de letras e palavras, e formular com inspiração no quadro teórico-metodológico proveniente da semiótica de Charles Peirce<sup>4</sup> um caminho exclusivo para leituras desse quadro sonoro e do perfil imagético vinculado a um dado conceito. Estamos investindo em um processo de alfabetização visual, no sentido de aprender a ler imagens<sup>5</sup>. No sentido estrito, o processo de alfabetização visual significa desenvolver sistematicamente as habilidades desenvolvidas na leitura de imagens, de modo a levar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações<sup>6</sup>.

A capacidade de decodificação individual de um sujeito receptor permite a compreensão da mensagem explícita veiculada pela imagem – qualquer pessoa é capaz de identificar uma linha diagonal, um círculo e a cor vermelha em um cartaz. Porém, a incapacidade de realizar uma leitura crítica da mensagem implícita impede este mesmo receptor de compreender o contexto no qual se insere a imagem e, em conseqüência, ele pode ser manipulado por ela – um número significativamente menor de pessoas compreende que a linha diagonal, o círculo e a cor vermelha são elementos que conferem à composição um aspecto dinâmico, atraente, estimulante.

No caso da leitura cinematográfica, é necessário aprimorar e desenvolver a capacidade de ler imagens, ou seja, de transpor o limite daquilo que se apresenta e compreender a soma de todos os processos que interagem durante a composição de uma cena. O alto nível de desenvolvimento tecnológico alcançado na atual “era da informação” torna essa habilidade especialmente relevante no contexto

contemporâneo para grande parte dos profissionais. Para fazer circular tamanho fluxo de informações, a forma mais ágil encontrada pela comunicação é a visual: linguagem universal, de fácil e rápida decodificação, altamente atrativa e envolvente.

É importante destacar que uma orientação marcante do CINÊNCIA é a aceitação de que até o mais básico da ciência que realizamos é um produto da nossa sociedade. Por isso, culpar a ciência pelas implicações ameaçadoras de seus produtos corresponde a culpar o modo socialmente dominante de produção em sua totalidade<sup>7</sup>. Por isso, este projeto insere-se em uma articulação diferente frente a prática dos complexos sociais, com o desejo de colaborar para a constituição atual da ciência.

Acreditamos na relevância de usar temas como sustentabilidade, sobrevivência, inovação, guerra, estigma e pertencimento como organizadores desse ciclo de apresentação de filmes (longas) e vídeos (curtas) em virtude de suas constituições históricas como conceitos de ampla penetração social, a despeito de como a sociedade em geral se sinta suficientemente esclarecida sobre ele.

## **Metodologia**

A primeira característica metodológica que merece destaque no CINÊNCIA é a sua vocação nômade e andarilha de levar Ciência em uma perspectiva de inclusão social para localidades que não possuem atendimento de aparelhos sociais de cultura científica. Este é metodologicamente um “projeto de mochila”, pois pretendemos levar a qualquer custo, mesmo que em uma mochila, a discussão semiótica por meio dos signos (imagens, música, filmes, mostras e atividades em geral) relevantes sobre temas científicos, sociais e culturais.

O quadro teórico de referência que organiza a metodologia de trabalho é o conceito de mediação semiótica proposto por Lev Vigotsky<sup>8</sup>. A partir desse quadro tomamos o material cinematográfico de maneira completa – em sua manifestação áudio e visual – como uma expressão cultural simbólica que será usada por nós em processo de mediação entre o conhecimento e o sujeito receptor desse processo. Nos estudos de Vigotski, a mediação ocorre por meio dos instrumentos ou ferramentas e dos signos. As funções psicológicas como memória, atenção e percepção, inicialmente têm um funcionamento não mediado e, com o emprego dos signos, alteram-se qualitativamente, configurando-se como funções superiores ou culturais. Entretanto, a apropriação do mundo cultural só pode acontecer pela participação do outro, primeiramente explícita, com gestos, palavras e ações com significação para o outro e que, posteriormente, adquirirão significação para o sujeito do conhecimento.

O Projeto será desenvolvido nos Campi do IFRJ nos municípios de Pinheiral, Paracambi, Paulo de Frontin, Volta Redonda, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, São Gonçalo, Duque de Caxias e Nilópolis; e nos Campi e Pólos da UFRJ

no Estado do Rio de Janeiro. O projeto também será levado ao Estado de Minas Gerais nos municípios de Juiz de Fora, Barroso entre outros, pela parceria com a UFJF e em São João del-Rei e municípios adjacentes através da parceria com a UFSJ. Essas localidades foram escolhidas por terem pouca ou nenhuma oferta de cinemas no interior dos estados, com a intenção de fomentar atividades interativas e inspirar núcleos de debates audiovisuais sobre temas científicos, sociais e culturais.

Para essa primeira etapa do projeto, foram indicados, após análise pelo grupo com o objetivo de estabelecer seus vínculos simbólicos (em caráter semiótico) com o foco do projeto, dois filmes para a abordagem da relação sustentabilidade-sobrevivência: Saneamento Básico e Blade Runner – Caçador de Andróides. O mesmo procedimento será adotado na escolha dos filmes para a abordagem sobre as relações: inovação-guerra e estigma-pertencimento.

O roteiro das atividades com os participantes constarão de: (1) apresentação do projeto ao público e diagnóstico dos pré-conceitos que serão abordados, (2) aplicação do pré-questionário com o objetivo de avaliar questões sociais referentes ao público, (3) exibição do filme, com discussão sobre a relação entre os temas trabalhados, (4) aplicação de questionário específico para cada abordagem visando o reconhecimento das relações semióticas para identificação de conceitos utilizando os signos presentes no perfil imagético. Nossa idéia é que a discussão seja iniciada presencialmente e que possa no futuro ser estendida através de outras ferramentas e tecnologias disponíveis, com sessões interativas do miniblog e chat, mediados por alunos bolsistas de extensão vinculados ao projeto. O projeto será divulgado nos municípios das Instituições para as comunidades externas e internas. A Instituição que receberá o projeto deverá oferecer um espaço para a sessão de apresentação das atividades, debates e exibição dos filmes para um público de 40 a 60 pessoas. Ressaltamos que as atividades podem ocorrer em outros espaços físicos que tenham parceria com as Instituições envolvidas, como prefeituras, espaços culturais, escolas da rede estadual e municipal.

## **Resultados e discussão**

No presente artigo apresentamos os resultados iniciais da investigação realizada em uma atividade do projeto CInÊNCIA, o qual propõe a criação de um ciclo de apresentações cinematográficas para reter o olhar, com destaque dado à discussão sobre a relação entre sustentabilidade-sobrevivência.

Os conceitos de Sustentabilidade e Sobrevivência foram trabalhados nessa etapa do projeto, com a proposta de resgatar ou “re-significar” temas de grande penetração social e que estão associados ao currículo escolar de maneira transversal e polissêmica. As atividades foram desenvolvidas nos Campus Pinheiral e Paracambi do IFRJ, e envolveu um grupo constituído por 50 alunos das três séries do ensino médio, com faixa etária de 15 a 18 anos, moradores, em sua maioria,

em zona urbana desses municípios no interior do Rio de Janeiro. Mais de 80% dos alunos tem acesso à internet, computador, DVD e TV. Todos possuíam pré-conceitos sobre o tema Sustentabilidade.

Para as atividades foram selecionados os filmes: *Saneamento Básico* (Jorge Furtado, 2007) e *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982). A censura dos filmes está adequada ao público alvo e os resultados apresentados aqui referem-se às atividades realizadas com o primeiro filme, que para 90% dos alunos correspondeu a primeira exibição. Utilizamos 2 questionários, pré e pós-filme, avaliando desde questões sociais até aspectos específicos para relacionar a noção de Sustentabilidade como valor de Sobrevivência de sujeitos no mundo, pela identificação (relação indicial) dos termos: VIDA, NATUREZA e PODER, com trechos e/ou cenas dos filmes.

Os resultados apontam, por exemplo, para o reconhecimento de relação entre VIDA e “necessidade de organização social”. Nesse sentido os participantes apontaram o movimento feito pelos moradores da “Linha Cristal” quanto ao problema da água contaminada e necessidade de construção da fossa, como o principal segmento do filme associado ao termo VIDA.

A associação ao termo NATUREZA aponta para o trecho do filme em que “a noiva discute com seu noivo por ter jogado a sua lata de cerveja na cachoeira e logo em seguida ela joga na mata”, situação identificada pelos participantes como “ignorância ecológica”.

De forma significativa, os participantes identificaram o termo PODER associado à “manipulação de opinião e promoção de imagem pelo poder público e a mídia”, através da passagem em que o prefeito da cidade, funcionários e mídia, vão rapidamente visitar o local onde será realizada a obra de construção da fossa para o tratamento do esgoto, e tira foto com a comunidade local, faz um breve discurso e vai embora.

## **Conclusão**

A tríade Ensino/Pesquisa/Extensão está consolidada no CInÊNCIA como uma atividade potencialmente produtora de resultados e de demandas empíricas sobre o tema de pesquisa da alfabetização visual e de sua realização a partir do uso de signos e do Perfil Imagético em ampla confluência com as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Cabe destacar a forte relação ensino/extensão do projeto, tendo em vista um processo histórico de realinhamento do valor da extensão nos contextos de produção de atividades dentro do viés acadêmico. Acreditamos no potencial de formação, tanto inicial quanto continuada, que o projeto pode oferecer a comunidade do IFRJ, da UFRJ, da UFJF, da UFSJ entre outros, como para o público das localidades aonde estão instaladas os campus dessas Instituições, revelando o alcance e a abrangência do CINÊNCIA.

A estratégia metodológica de associar conceitos amplos com segmentos filmicos no intuito de debater e estabelecer sentidos parece ser muito promissora. Entendemos que a forma de uso mais comum para a noção de sustentabilidade está associada a um sentido comercial, como valor de coisas e não das pessoas. Um dos problemas encontrados no projeto refere-se à dinâmica do tempo nas atividades pós-filme. A investigação das relações semióticas entre o filme e os temas necessitam de uma janela maior de debate para a produção de conceitos em sentido amplo e cultural.

### **Para saber mais**

1. SILVA, R. P. *Cinema e Educação*. 2007, São Paulo: Cortez Editora.
2. MACHADO C. A. Filme de ficção científica como mediadores de conceitos relativos ao meio ambiente. *Ciência e Educação*, v. 14, n. 2, p. 283-94, 2008.
3. PIASSI, L. P.; PIETROCOLA, M. Ficção científica e ensino de ciências: para além do método de 'encontrar erros em filmes'. *Educação e Pesquisa*, v. 35, n. 3, p. 525-540, 2009.
4. PEIRCE, C. *Semiótica*. 1999, São Paulo: Perspectiva
5. OLIVEIRA, M. M. C. Alfabetização visual: uma abordagem arte-educativa para a contemporaneidade. *Estudos Semióticos*, 2009, V. 5, n. 1, p. 17-27.
6. CASSIRER, E. *Filosofia de las formas simbólicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
7. MÉSZÁROS, I. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 1996
8. VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## QUANDO A(S) PERIFERIA(S) ENTRA(M) EM CENA

Pâmella Passos<sup>1</sup>

“Valeu a pena! Sou pescador de ilusões”  
O Rappa

A frase da conhecida música do Rappa sintetiza o sentimento que tenho após realizar a primeira turma do Periferias em Cena no IFRJ. Posso dizer que não foi fácil. Apesar do apoio institucional dado pela Direção do Campus Rio de Janeiro e pela Pró-Reitoria de Extensão, as dificuldades estruturais e conjunturais estavam postas. Para entender, é importante voltar um pouco no tempo...

Era a 4ª turma do curso de agentes culturais populares, a primeira tinha sido realizada na Universidade Federal Fluminense (UFF) com verba do PROEXT e coordenado pela Professora Adriana Facina, as turmas posteriores receberam apoio privado e as aulas ocorreram no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo em Santa Teresa. Chegara a hora do IFRJ!

Também contemplados com o edital PROEXT, pudemos realizar nossa experiência que chamamos de “Periferias em Cena”. Na trajetória que trouxe o curso para o instituto, mudanças visando o aprimoramento do projeto aconteceram. Além de um curso presencial, os sujeitos envolvidos no processo participariam de uma visita técnica de Produção Cultural, organizariam um Festival, confeccionariam seu próprio projeto e escreveriam um livro. Ufa! O caminho era longo...

Tudo começou com aprovação do projeto pelo MEC. A felicidade foi traduzida em divulgação entre os amigos e redes sociais. Muitos estavam ansiosos. Porém, mesmo tendo sido aprovado em 2010, o recurso só chegou ao IFRJ em 2011, e neste ano realizamos a 4ª turma do curso de agentes culturais populares.

Já nas inscrições dos candidatos nos deparamos com as seguintes questões: como cumprir a exigência de um edital público usando um linguajar entendido por todos? O que compreendemos como pré-requisito? Quais são os critérios de desempate?

As reuniões de equipe foram muitas e os debates intensos. Articulamos as exigências burocráticas a identificação do nosso projeto: popular. E assim, mesmo com um período pequeno de inscrições, que eram presenciais e realizadas no Campus Rio de Janeiro do IFRJ, tivemos um número de 70 inscritos para 30

---

<sup>1</sup> Professora do Campus Rio de Janeiro do IFRJ e Coordenadora do Projeto de Extensão “Periferias em Cena”. Email:pamella.passos@ifrj.edu.br

vagas. Todos foram chamados para as entrevistas que foram realizadas de maneira coletiva com grupos de 10 a 15 inscritos.

A seleção não foi fácil. Os pré-requisitos eram ser maior de idade e alfabetizado. Como critério norteador tínhamos o envolvimento com atividades culturais periféricas. Cabe aqui destacar que nosso entendimento de atividades culturais periféricas não são exclusivamente as realizadas em favelas, mas aquelas que fogem do padrão hegemônico de hierarquização da Indústria Cultural.

E assim, angustiados por ter que selecionar entre artistas e produtores populares de tanta qualidade delinhamos uma turma. Não somente as idades e escolaridade variavam, mas as experiências de mundo. E através da diferença fomos tecendo a rede do Periferias em Cena, turma 2011.

Nas aulas presenciais, na visita técnica ao Festival de Inverno de Ouro Preto, no Festival de encerramento do curso, no lançamento do livro em 2012 e no recente reencontro para o seminário de avaliação em 2013 foram muitas histórias... Risos, choros, desentendimentos, amizades, perdas de alguns, chegada de outros. Enfim, vivemos esta experiência e eu posso dizer que aprendi muito. Como diz o educador:

“O conhecimento não se estende do que julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoam nas relações críticas destas relações.”

Paulo Freire

Nas relações com os alunos e equipe do Periferias em Cena adquiri novos conhecimentos. O IFRJ, como um instituto da rede técnica federal que se lança ao desafio, tão difícil em nosso país, de expandir com qualidade, também aprendeu. A continuidade do projeto em 2013 foi marcada por um conjunto de atividades: o reencontro com os ex-alunos através da aplicação de questionários diagnósticos sobre os impactos do projeto em suas vidas e um seminário presencial de avaliação; o desdobramento no campo da pesquisa com a iniciação de um projeto institucional que investiga os impactos culturais da instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP's) e o lançamento do 2º livro do Periferias em Cena, intitulado “Política Cultural com as Periferias: práticas e indagações de uma problemática contemporânea”.

Assim, encerro esse breve relato de experiência afirmando que este projeto cada vez mais reforça minha certeza de que as favelas e periferias cariocas são formadas essencialmente por uma cultura marcada pela alegria, vida e não violência. Assim, em tempos onde um discurso de “pacificação” se afirma escondendo interesses de mercado e violações aos direitos humanos termino parodiando o samba “Nomes de favela” de Paulo César Pinheiro. “O galo continua cantando no Canta Galo, a água corre na cachoeirinha, os meninos pegam manga na Mangueira e ainda se fazem muitas juras de amor no Juramento.

Eu, que também não sou do tempo das armas, acredito e construo uma paz com voz e sem medo, pois como diz o MC Liano, “Chega da favela chorar”. É hora das Periferias entrarem em Cena!

## DO DISCURSO À REALIDADE: CAMINHOS PARA A ESCOLA INCLUSIVA

Rosi Marina Rezende<sup>1</sup>  
Milene Teixeira Ahouagi<sup>2</sup>  
Ricardo Esteves Kneipp<sup>3</sup>

O presente projeto foi submetido ao Edital de Extensão nº 03/2012, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão, do IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro e obteve recursos para a sua implementação.

A ideia e a concepção do projeto se deve a princípio a três eixos norteadores: atender as políticas públicas de inclusão; a criação do NAPNE – Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas, no IFRJ – Campus Engenheiro Paulo de Frontin, por meio da Portaria 124 de 20/09/2011 e a necessidade de oferecer subsídios ao corpo docente para o fortalecimento da prática pedagógica, considerando principalmente, que os professores do curso Técnico em Informática para Internet, oferecido pelo campus desde 2011, em sua maioria, são oriundos de cursos de bacharelados e não receberam em sua formação de graduação conceitos e teorias pedagógicas para embasamento de suas ações profissionais.

Entendemos que um projeto que possibilite a formação continuada em serviço é de grande relevância. É preciso deixar claro que não se trata de questionar a competência técnica dos docentes, mas compreender a importância da ação conjunta da Equipe Gestora do campus, Coordenação Técnica Pedagógica e Coordenação do NAPNE, em prol do planejamento e implementação de ações que possam contribuir para o êxito ou eficácia do processo ensino-aprendizagem.

A LDB 9394/96, explicita que os Sistemas de Ensino deverão promover a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes “aperfeiçoamento profissional continuado e período reservado a estudos e planejamento inserido em sua carga horária de trabalho”, pois não se pode negar que a escola é o lócus privilegiado para que a formação continuada se concretize.

Quando falamos em inclusão nos remetemos aos alunos com necessidades específicas diagnosticadas, mas é preciso, também, que se tenha o olhar voltado

---

1 IFRJ – Campus Engenheiro Paulo de Frontin. rosi.rezende@ifrj.edu.br

2 IFRJ – Campus Engenheiro Paulo de Frontin. miahouagi@gmail.com

3 IFRJ – Campus Engenheiro Paulo de Frontin. Ricardo.kneipp@ifrj.edu.br

para os discentes que apresentam dificuldades de aprendizagem não diagnosticadas, dificuldade para socializar-se ou integrar-se ao grupo e adaptação ao ambiente escolar.

**\*Objetivo Geral do projeto:**

Desenvolver ações que estimulem a reflexão e a construção de práticas pedagógicas inclusivas.

**\*Objetivos Específicos:**

- Difundir a Política Nacional de Educação na perspectiva da educação inclusiva;
- Promover a sensibilização com relação ao respeito para com a diferença e os direitos humanos;
- Oferecer subsídios relacionados às diversas teorias educacionais com vistas ao embasamento da práxis pedagógica;
- Proporcionar momentos de estudo em grupo e debates de forma a favorecer o crescimento profissional da equipe;
- Promover ações que possam proporcionar aos profissionais da educação diferentes caminhos para atendimento do corpo discente;
- Criar um ambiente escolar que tenha como meta o acesso, a permanência e a redução dos índices de evasão e retenção.

**Período de Desenvolvimento do Projeto:**

As ações do projeto foram implementadas de outubro de 2012 a abril de 2013.

**\* Ações do Projeto:**

I – Encontros quinzenais com duração de três horas com participação do corpo docente, CoTP, CoCur, para reflexão e avaliação do trabalho pedagógico implementado no campus e propostas de discussões de temas que subsidiem o trabalho docente.

**I - Temas abordados nos encontros:**

- A construção de objetivos gerais e específicos e suas aplicabilidades;
- A construção de estratégias de ensino e avaliação;
- O projeto do Curso Técnico em Informática: repensando os planos de ensino;

- Construção do ementário e fluxograma do curso Técnico em Informática para Internet;
- Discussão sobre os princípios e legislações que fundamentam a acessibilidade dos espaços físicos;
- Dificuldade de aprendizagem e terminalidade específica.

## **II – Temas propostos em palestras e oficinas:**

As palestras e oficinas foram realizadas em dois momentos: na semana de formação continuada e planejamento nos meses de outubro de 2012 e abril de 2013, conforme previsto em calendário escolar.

### **Outubro de 2012**

*\* A Educação Inclusiva no Município de Mendes: realidade em construção.*

Equipe de Educação Inclusiva do município de Mendes/RJ.

O encontro foi desenvolvido a partir da realização de dinâmica inicial de sensibilização e apresentação do programa de educação inclusiva do município de Mendes. Os técnicos administrativos e funcionários do campus também participaram do encontro.

*\* Políticas Públicas e Práticas Inclusivas*

Profissionais da UFF e IFRJ – campus Pinheiral

Palestra que objetivou apresentar as políticas públicas de inclusão no Brasil com apresentação de histórico, políticas atuais e seus desdobramentos nas instituições de ensino.

*\* Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar*

Profissional IFRJ – campus Pinheiral

Desigualdades sociais e a banalização das diferenças; A reprodução das desigualdades na escola; A educação como ferramenta de transformação social; Ações para a inclusão na escola.

Os técnicos administrativos e funcionários do campus também participaram do encontro

### **Abril de 2013**

Processo de Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem

Profissional do IFB – Instituto Federal de Brasília

Como ocorre o processo de aprendizagem fundamentado em diferentes teóricos; Distúrbios de aprendizagem e de comportamento; Estudo de Casos.

*\* Adaptações Curriculares*

Profissional do IFB – Instituto Federal de Brasília

Reflexões sobre quem são nossos alunos; Transtornos funcionais específicos; Adaptações de grande e de pequeno porte; compreensão das potencialidades e dificuldade dos alunos; Currículo, estratégias educacionais, prática docente e avaliação; estudo de casos.

*\* Como elaborar um projeto para editais de fomento*

Profissional Reitoria IFRJ

Caminhos para a obtenção de recursos para a implementação de projetos; Como elaborar um projeto: partes e formação de um projeto, clareza dos objetivos, justificativa, avaliação; Oficina para elaboração de projeto.

*\* O papel da mulher enquanto agente de inclusão na família*

Profissionais da CoTP e Coordenação do Programa Mulheres Mil – campus Engenheiro Paulo de Frontin.

Palestra e oficina com a participação das mulheres do Programa Mulheres Mil.

*\* Relações interpessoais, trabalho em grupo e comunicação*

Profissionais da CoTP do Campus Engenheiro Paulo de Frontin.

Palestra e oficina com a participação dos Servidores Técnico-Administrativos e funcionários.

*\* Game Day*

Docente do IFRJ – Campus Engenheiro Paulo de Frontin

Torneio com a utilização de jogos digitais, com o objetivo de integrar o corpo discente do campus.

**\* Parceiros no Projeto:**

- Pró-Reitoria de Extensão do IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
- IFRJ – Campus Pinheiral
- IFB – Instituto Federal de Brasília

**\* Avaliação:**

**O processo de avaliação ocorreu da seguinte forma:**

I - a partir da aplicação de questionário semi-estruturado com questões abertas e fechadas visando conhecer a opinião dos docentes sobre a

pertinência dos temas discutidos, o tempo proposto para as atividades, verificar a sugestão de temas do interesse dos docentes para a segunda fase do projeto, assim como, possibilitar críticas e sugestões.

II - através de conversa individualizada com os docentes, visando a avaliação do semestre letivo e se os temas propostos auxiliaram na construção de caminhos para a prática docente.

#### **\* Resultados:**

- Os docentes consideraram que o projeto é relevante e colabora para o crescimento profissional.
- Os encontros quinzenais permitem conhecer também o trabalho do outro e a avaliação conjunta do trabalho desenvolvido no campus.
- A partir do desenvolvimento do projeto, docentes demonstraram interesse em desenvolver projetos para produzirem ferramentas para trabalharem com alunos autistas e com déficit de atenção. Três projetos foram submetidos à Coordenação Geral do NAPNE e já foram aprovados. Estamos aguardando os recursos para que os mesmos sejam colocados em prática.
- Percebe-se um olhar diferenciado da equipe com relação ao atendimento a dois alunos com necessidade de atendimento especial diagnosticada: um autista e um esquizofrênico.
- Solicitação para implementação do curso de LIBRAS no campus. Reivindicação que foi prontamente atendida pela Reitoria. Atualmente o curso está sendo realizado às quintas-feiras, das 10h às 13h, com a participação de docentes, servidores técnico-administrativos e alunos.
- A CoTP e a Coordenação do NAPNE, reconhecendo a importância do projeto para o crescimento e aperfeiçoamento do fazer pedagógico do campus, submeteu em junho de 2013 o projeto a novo edital. A II fase será desenvolvida de outubro de 2013 a março de 2014.

#### **Considerações Finais:**

As políticas públicas de inclusão defendem o direito para todos à educação de qualidade, preferencialmente, conforme previsto na LDB 9394/96, na rede de ensino regular, mas para que os preceitos preconizados nas legislações não fiquem somente no âmbito documental é preciso que questões como acessibilidade, adaptações curriculares e em especial a formação do docente se constitua em realidade.

É preciso que se construa uma cultura inclusiva enquanto processo permanente de aprendizagem no cotidiano escolar, onde todos façam parte do processo.

Num primeiro momento, o projeto aqui apresentado foi denominado “Do Discurso à Realidade: caminhos para a construção da escola inclusiva”, porém, a partir do trabalho desenvolvido e dos círculos de conversa analisou-se que a palavra ‘construção’ poderia apresentar conotação em algum momento de algo pronto, concluído. Não é isso que o projeto deseja expressar. A escola que se quer inclusiva nunca estará pronta, considerando a diversidade humana, os níveis de conhecimento e aprendizagem com que nos deparamos o tempo todo. Nesse sentido, queremos deixar claro que estamos buscando a construção da acessibilidade física do prédio, porém, em termos pedagógicos o que almejamos é construir caminhos. Referimo-nos à práxis, ao olhar que precisa estar impregnado de sensibilidade, ao conhecimento construído individualmente e em conjunto, que se consolidará no empoderamento de novas visões de mundo e na prática pedagógica capaz de produzir um espaço educacional menos excludente e discriminatório.

## SUSTENTA-AÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Priscila Marques de Siqueira  
Filipe Pereira Mesquita Santos  
Mariana Petri da Silva  
Ana Paula da Silva  
Andressa Menezes Souza

### Introdução

O Campus Nilópolis do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ, fundado em 1994, oferta três cursos técnicos, sendo um na modalidade Educação de Jovens e Adultos, seis cursos de graduação (três licenciaturas), dois cursos de especialização e um curso de mestrado. Situado no menor município da Baixada Fluminense, o campus recebe alunos de toda região metropolitana do Rio de Janeiro, além é claro de alunos de graduação de outros Estados do país em função de ofertar vagas para os cursos de graduação pelo Sistema de Seleção Unificada – SiSU do Ministério da Educação.

Integrando professores de diversas áreas do conhecimento, sem a estrutura departamental tão comum nas Universidades, o IFRJ se destaca pela verticalização do ensino comum a rede de Institutos Federais, e tem como um dos desafios para a consolidação de uma política que integre ensino, pesquisa e extensão nos diferentes níveis de ensino em que atua. É nesse contexto que o Grupo de Estudos em Sustentabilidade e Educação Ambiental – GESEA inicia o Programa Sustenta-Ação que tem como principal objetivo promover a incorporação da Educação Ambiental no cotidiano do campus Nilópolis do IFRJ e adjacências numa perspectiva dialógica e emancipadora.

### Apresentação do Programa

O Programa Sustenta-Ação propõe uma articulação de ações relacionadas à sustentabilidade no campus Nilópolis do IFRJ e região, inserindo a prática do diálogo e da construção coletiva para a resolução de problemas socioambientais, articulando grupos interinstitucionais que desenvolvem ações sobre o tema. Nesse sentido, a atuação de licenciandos é de extrema importância, posto que a formação de profissionais críticos e engajados na construção de uma sociedade mais justa e ambientalmente sustentável passa pela formação de professores que possam

ser multiplicadores da ideia e sejam capazes de se articular com o público externo ao IFRJ promovendo a troca de experiências e informações, a incorporação de técnicas para práticas sustentáveis e o início do diálogo entre IFRJ/Nilópolis e escolas da região sobre sustentabilidade. Estratégias para institucionalização da Educação Ambiental poderão ser propostas a medida que o trabalho for evoluindo, através da implantação da Comissão para o Meio Ambiente e Qualidade de Vida – Com-Vida e da elaboração da Agenda 21 do IFRJ/Nilópolis, estabelecendo vínculos externos para propagação de ações relativas a Educação Ambiental de forma que cada cidadão envolvido sinta-se convidado a assumir seu papel de protagonista na transformação da sua realidade em prol da sustentabilidade.

### **Percurso Metodológico**

Todo o trabalho tem sido pautado no protagonismo estudantil e fundamentado na metodologia de educação tutorial, na qual os docentes fomentam as discussões e provocam reflexões que promovem o aprofundamento conceitual e mudanças comportamentais relacionadas aos temas trabalhados.

Dessa forma, os estudantes são convidados a planejarem as intervenções interferindo desde a concepção até a etapa de divulgação e assim colocam em prática o conhecimento adquiridos.

As etapas de trabalho do Programa Sustenta-Ação têm como base as diretrizes do Ministério do Meio Ambiente para a implementação da Agenda 21 Local e das diretrizes do MEC e MMA para formação da Com-Vida nas escolas; e as ações foram divididas em eixos descritos na Figura 1.



Figura 1 – Eixos do Programa de Extensão Sustenta-Ação

### **Resultados e Discussões**

As atividades do Eixo 1 constituem a base de todo programa e tem acontecido de forma contínua. Foram realizadas várias reuniões para discussão de artigos científicos, documentos internacionais, como a Carta das Cidades Educadoras e outras publicações relacionadas aos temas trabalhados no programa. Verificou-se que intervenções como exibição de filme seguido de debate, evento do Dia Mundial do Meio Ambiente, dentre outros, mais que colocar em práticas o planejado,

esses momentos têm se constituído também como momentos de formação e consolidação de conceitos.

Dentro do Eixo 2, estão previstas as ações de sensibilização para o tema sustentabilidade. A manutenção de uma página no Facebook (<https://www.facebook.com/GeseaIfrrj>) e de um BLOG (<http://www.gesea.eco.br/blog/>) tem sido uma das maneiras que o grupo encontrou de divulgar o que tem acontecido no campus e tem repercutido bem, principalmente, entre os estudantes. Eventos como a exposição no pátio do campus no dia 5 de junho: Dia Mundial do Meio Ambiente, com a presença da cooperativa de catadores Associação de Catadores e Amigos Do Meio Ambiente de Nilópolis – ACAMAN, junto com o Parlatório, um local onde as pessoas convidadas entram para responder diante de uma câmara a perguntas sobre Meio Ambiente e com uma oficina sobre preparação de sabão a partir de óleo de fritura usado. Houve também uma exibição seguida de debate do filme “Não haverá amanhã” no auditório com a presença de várias turmas de Ensino Médio/Técnico em 26 de junho, o evento de trocas e doações de livros Leituras Sustentáveis: Feira de Livros e Ideias, em 18 de julho, com a presença de escritores da Baixada Fluminense, declamação de poesias e exibição de filmes em parceria com o Cine Ankito.

O diagnóstico sócio-ambiental é a primeira etapa do desenvolvimento das atividades relacionadas ao Eixo 3, que começou com o uso do questionário “De olho no local” aplicado no campus e serviu como base para o planejamento e execução de outras atividades para sensibilização e conscientização da comunidade escolar, planejadas (e algumas já realizadas) para este ano e para 2014. No Dia Mundial do Meio Ambiente, também foi realizada uma pesquisa utilizando o “parlatório”, e esses dados também forneceram informações importantes para compor um panorama do campus no que tange a sustentabilidade. O parlatório foi uma ação, pensada pelo grupo, para estimular os participantes do evento à responderem questões de percepção ambiental. Paralelamente ao levantamento desse diagnóstico de percepção ambiental, a professora Ana Paula da Silva conduziu uma pesquisa sobre os resíduos gerados no campus e sobre a Com-Vida nas escolas de Nilópolis.

Algumas atividades foram apresentadas em outubro do corrente ano, no IV Encontro de Iniciativas Ambientais Internas e Externas à UNIRIO, no Rio de Janeiro. O primeiro sobre uma parte do diagnóstico feito no campus Nilópolis, intitulado: “De Olho no Local – Um diagnóstico das expectativas da comunidade escolar do IFRJ-Nilópolis com vistas à elaboração da Agenda 21 do Campus” e o segundo um relato sobre o evento Leituras Sustentáveis, intitulado: “Leituras Sustentáveis – o livro sobre outro olhar”.

O Eixo 4 será realizado durante a XIX Sematec & XVII Encontro Escola Comunidade e no dia 14 de novembro de 2013 acontecerá a I Feira de Ideias Sustentáveis, que compõe a atividade principal do Eixo 5. A ideia de realização da

Feira surgiu para que a comunidade da Baixada Fluminense pudesse compartilhar iniciativas que colaborem na construção de um mundo sustentável. Como as escolas têm um papel importantíssimo nesse processo, gostaríamos de convidá-los para participar das exposições e oficinas que acontecerão ao longo da tarde na quadra do IFRJ/Nilópolis.

Dentre os principais desafios encontrados, destaca-se a problemática sobre a construção do conceito de meio ambiente. Esse conceito é compartilhado pelo senso comum como algo distante do indivíduo, sendo relacionado, quase sempre, a problemas como desmatamento e poluição. Buscamos a desconstrução desse conceito, tornando-o mais abrangente, de modo a considerar o lugar que frequentamos e toda a cidade como nosso ambiente. Além disso, cumpre ressaltar a dificuldade perene existente na implementação de idéias novas. Tal dificuldade é intrínseca ao processo de renovação, quer seja de conceitos, quer seja de ações práticas.

Destacamos outros desafios, não menos importantes que os já mencionados, que são: fortalecimento nas parcerias com outras instituições; e construção de uma rede de professores colaboradores do programa de dentro da instituição.

### **Considerações Finais**

A partir da proposta da Educação Ambiental crítica, o ambiente escolar (campus Nilópolis) foi utilizado como cenário para o levantamento de saberes e expectativas, para que em etapa posterior torne-se palco de mudanças acordadas democraticamente, com a elaboração coletiva da Agenda 21 escolar. Acreditamos que o sucesso na implementação do programa é um passo importante na formação cidadãos - a palavra cidadão ressalta o caráter extra institucional das ações - mais envolvidos com o meio ambiente e com a sociedade que o cerca. Esse sucesso apenas poderá ser medido a longo prazo, não sendo possível ser quantificado imediatamente. Esperamos que a utilização de novos recursos tecnológicos, que estão sendo providenciados, sejam importantes coadjuvantes para atingirmos os objetivos delineados.

# CAPACITAÇÃO DOS PRODUTORES RURAIS DO MUNICÍPIO DE PINHEIRAL – RJ: UM INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL

Julia Oliveira Barros Santoro<sup>1</sup>  
Gilmar Bui Ferrini<sup>2</sup>  
Patrícia Rodrigues da Silva  
Anelize Barboza Oliveira  
Michel Rodrigues da Silva  
Munic Prado Simonaci  
Noel da Silva Pereira

## Introdução

Essa experiência de extensão é fruto de uma pesquisa intitulada “*Diagnóstico das Agroindústrias Familiares Rurais do Município de Pinheiral – RJ: Um Instrumento para o Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local*”.

A pesquisa traçou um panorama das Agroindústrias Familiares Rurais -AFRs, para levantar quantas eram, onde estavam localizadas, o quê e quanto produziam e sob que condições, além de identificar a demanda dos produtores por cursos na área de agroindústria.

Os resultados da pesquisa revelaram a informalidade do processamento e comercialização dos produtos, a precariedade dos locais do processamento das matérias-primas nas propriedades e, portanto, a necessidade de levar aos produtores rurais informações que pudessem promover a melhoria desta realidade. Neste sentido, a pesquisa foi um instrumento norteador e facilitador no desdobramento de atividades de extensão e pesquisa, voltadas para os produtores rurais do município de Pinheiral – RJ.

Assim foram propostas ações para capacitar os produtores rurais do município na área de Agroindústria, através de um projeto de extensão vinculado ao Programa Institucional de Incentivo às Atividades de Extensão (PRÓ-EXTENSÃO) do IFRJ.

Buscando agregar valor à matéria-prima, elevar a renda e a qualidade de vida dos agricultores e suas famílias, foram ofertados cursos de processamento

---

1 IFRJ – Campus Nilo Peçanha Pinheiral. Email: Julia.santoro@ifrj.edu.br

2 IFRJ – Campus Nilo Peçanha Pinheiral. Email: gilmar.ferrini@ifrj.edu.br

de alimentos e palestras sobre a importância da higiene na manipulação dos alimentos, implantação e legalização de agroindústrias, com foco nas necessidades específicas dos produtores rurais do município.

Neste sentido, ações como estas fazem com que o IFRJ/CANP cumpra sua missão e contribua para o fortalecimento do arranjo produtivo local, a partir do levantamento das potencialidades das propriedades rurais do município de Pinheiral – RJ.

### **A execução das ações propostas no desenvolvimento projeto**

A primeira ação para o desenvolvimento do projeto foi apresentá-lo aos estudantes do IFRJ/CANP e, convidá-los a participar como voluntários na execução das atividades. Em seguida buscou-se estabelecer parceria com a Prefeitura Municipal de Pinheiral, por meio da Secretaria Municipal de Ambiente e Desenvolvimento Agrário, Associação de Produtores Rurais do Município de Pinheiral e Conselho Municipal de Desenvolvimento Agrário. Estas parcerias foram importantes na divulgação do projeto junto aos produtores rurais.

Em seguida, criou-se uma identidade visual para o projeto e a aquisição de canetas personalizadas, camisetas, folder, flyers e banners utilizados na divulgação junto ao seu público alvo.

De posse do material de divulgação os estudantes, supervisionados pela coordenadora do projeto, saíram a campo, nas propriedades, divulgando as ações que seriam realizadas e convidando para um evento de apresentação do projeto. Na mesma data, foi realizada a primeira palestra que tratou das Boas Práticas de Fabricação e foram abertas as inscrições para os cursos de processamento de alimentos.

### **Colocando as Boas Práticas de Fabricação em Ação**

A abertura do projeto aconteceu na sede da Coordenadoria de Agricultura, endereço estratégico, pois está localizada na área rural do município.

Os participantes, no momento da inscrição, receberam uma ficha para avaliar o evento, que foi devolvida ao término da palestra.

Estiveram presentes 81 participantes, inclusive de municípios vizinhos, que ficaram sabendo do evento através de matéria publicada nos jornais locais, que divulgavam o projeto. Também estiveram presentes autoridades do IFRJ, do poder público municipal, da Emater, da Defesa Agropecuária Estadual, entre outras.

O projeto foi apresentado ao público, falou-se da importância de se executar atividades de extensão, de se estabelecer uma aproximação entre o Campus e os produtores rurais e da importância desta parceria para toda a comunidade.

Em seguida aconteceu a palestra intitulada “*Colocando as Boas Práticas de Fabricação em Ação*”, chamando a atenção para situações de inconformidades na

manipulação de alimentos que foram observadas durante as visitas às propriedades para realização do diagnóstico.

Na avaliação deste evento, foi possível identificar a insatisfação dos produtores de outros municípios que não puderam participar dos cursos de capacitação, pois estes eram exclusivos para produtores do município de Pinheiral. Também se identificou a demanda dos produtores por cursos de outras áreas, como: produção de mudas, avicultura, turismo rural, recuperação de áreas degradadas, artesanato rural, entre outros.

Dos participantes deste evento, 99% deixaram registrado o seu interesse em participar de futuras ações de extensão do IFRJ.

### **Os cursos de Capacitação**

Os cursos de capacitação oferecidos foram: processamento de carne suína, processamento de leite e processamento de vegetais, todos com carga horária de 12 horas, sendo três encontros de 4 horas cada.

Inicialmente foram ofertadas 10 vagas para cada curso, sendo os mais procurados o de processamento de leite e o de processamento de vegetais. A demanda nos levou a permitir a participação de um número maior de produtores rurais do que o previsto inicialmente, a fim de atender, de acordo com as nossas condições estruturais o maior número de produtores interessados possíveis.

O curso de processamento de carne suína foi o primeiro a ser oferecido e, teve a participação de 11 produtores rurais. Nele foi realizada a desossa das carcaças, a identificação dos cortes e seu emprego no processamento, além da produção de: lingüiça fresca e defumada, lombo, lombinho, costela e barriga defumada, pé, rabo e orelha de porco salgados e preparo de torresmo.

Ao término dos cursos, os participantes responderam uma ficha de avaliação. Por meio deste instrumento observou-se que todos os 11 participantes tiveram suas expectativas atendidas e afirmaram que participarão de novos cursos de extensão no IFRJ/CANP. Quanto aos conhecimentos adquiridos no curso, 9 produtores afirmaram que irão colocá-los em prática no seu cotidiano.

As aulas foram realizadas na planta de processamento de carnes da Unidade Educativa de Produção de Agroindústria. O local foi avaliado por 10 participantes como ótimo e bom por 1.

Zilmar, um dos produtores participantes, do curso de processamento de carne suína, após o curso, adquiriu os equipamentos necessários para a fabricação de lingüiça e já está colocando em prática os conhecimentos adquiridos no curso, processando os suínos que são criados na sua propriedade.

A produtora rural, Cléa e seu marido, Vander que também participaram do primeiro curso revelaram em entrevista ao Informativo (publicação mensal do CANP/IFRJ, edição nº 36) que as expectativas em relação à sua participação no projeto são grandes. Ela espera agregar valor as matérias-primas produzidas em

sua propriedade e fidelizar clientes com a oferta de alimentos seguros, baseados nos princípios higiênico-sanitários. “A esperança è aumentar a renda familiar”, completa.

O curso de processamento de leite contou com a participação de 14 produtores rurais. Além das Boas Práticas de Fabricação, assunto que foi tratado nos três cursos oferecidos, também foram conteúdos trabalhados noções de microbiologia para sensibilizar os produtores da importância da pasteurização do leite. Foram preparadas placas para contagem total de unidades formadoras de colônias com a utilização de leite cru e leite pasteurizado. Para sensibilização da importância da higiene, foi realizada a técnica do esfregaço de superfície swab nas mãos dos produtores antes e depois de serem lavadas e higienizadas. Também foram feitos testes para avaliar a qualidade do leite, como Alizarol, acidez e densidade.

Com relação a fabricação de derivados lácteos, os produtores participaram de aulas práticas em que foi realizada a pasteurização do leite, a fabricação de iogurte, coalhada, licor de leite, licor de chocolate, requeijão de corte, queijo minas frescal, queijo minas curado, queijo prato e queijo mussarela.

As expectativas dos participantes do curso de processamento de leite foram totalmente atendidas para 12 participantes, e parcialmente atendidas para 2. Novamente todos os participantes confirmaram que possuem interesse em realizar outros cursos de extensão no CANP/IFRJ.

Em se tratando da avaliação dos instrutores, todos os produtores informaram que estes tinham o domínio do conteúdo trabalhado. Quanto ao material didático utilizado, este foi avaliado como ótimo por 9 participantes e bom por 5.

Informaram que irão colocar totalmente em prática os conhecimentos adquiridos no curso 10 participantes, enquanto 4 irão parcialmente colocar em prática esses conhecimentos.

É importante ressaltar que o produto processado mais encontrado nas propriedades do município durante a pesquisa foi o queijo minas frescal e, que para a fabricação do queijo, nenhum produtor fazia a pasteurização do leite, que no Brasil é obrigatória. Esta capacitação contribuiu com os produtores, no sentido em que viabilizou orientações para a adequação das condições de processamento de alimentos nas suas propriedades.

No curso de processamento de vegetais participaram 11 produtores. Nesta capacitação foram realizadas aulas práticas para a fabricação de banana passa, que depois de desidratada foi envolvida em chocolate ao leite, conserva de berinjela, picles, geleia, compotas, licor, conserva de pimenta e vegetais minimamente processados.

Durante as aulas deste curso, recebemos a visita da equipe da TV Rio Sul, afiliada a Rede Globo, que realizou uma reportagem sobre as ações de capacitação do projeto. Esta reportagem foi exibida no jornal RJ TV do dia 15 de março de 2013. Nela, os produtores apresentaram seus depoimentos sobre a importância

deste projeto para a vida deles, e principalmente o que tratou do processamento de vegetais, considerando que o Município tem destaque na produção de frutas e olerícolas.

Na avaliação de 10 dos participantes o curso de processamento de vegetais atendeu totalmente as expectativas, sendo que para 1 participante suas expectativas foram parcialmente atendidas. O tema trabalhado é totalmente importante nas atividades diárias para 10 dos participantes e parcialmente importante para 1.

Os participantes destacaram como pontos positivos nos cursos “*o aprendizado de utilizar o que se tem na propriedade evitando o desperdício e possibilitando o aumento da renda familiar*” e “*sair daqui com planos de colocar em prática tudo que aprendi para aumentar minha renda*”.

Também foi destacado pelos participantes o fornecimento de transporte para os produtores nos dias de cursos e lanche durante os intervalos de aulas em todos os dias de atividades.

Como ponto negativo, foi unânime em todos os cursos a solicitação de aumento de carga horária para que se possa tratar da fabricação de maior quantidade de produtos.

### **Como implantar uma Agroindústria?**

A palestra intitulada “*como implantar uma Agroindústria*” foi proferida por servidores da Defesa Agropecuária Estadual – Regional Barra Mansa e marcou o encerramento das ações de extensão previstas no projeto.

Sabe-se que é um desafio viabilizar orientação para a adequação das condições de processamento de alimentos existentes nas AFRs às normas sanitárias, físicas e ambientais. Assim esta palestra orientou os produtores rurais do município sobre as exigências legais para a implantação de agroindústria de processamento de produtos de origem animal.

Ao término da palestra, iniciou-se a cerimônia de encerramento que contou com mais de 70 participantes, dentre eles, representantes do poder público municipal, da Pró-Reitoria de Extensão e do Campus Nilo Peçanha – Pinheiral e dos produtores rurais e seus familiares.

Durante a cerimônia o Prefeito Municipal falou da sua atuação para a promoção do desenvolvimento rural do município e afirmou a importância da parceria do IFRJ para o alcance desse objetivo. Também foi apresentado um panorama sobre as potencialidades da produção rural no município e as demandas do mercado consumidor, além dos planos para a retomada da feira da Roça e das possibilidades de fomentar atividades voltadas para o turismo rural.

Os discursos dos representantes do poder público municipal refletem a importância desta capacitação e de futuras ações de extensão promovidas pelo IFRJ, voltadas para a comunidade rural do município em parceria com a prefeitura para o desenvolvimento do arranjo produtivo local.

Os produtos fabricados pelos produtores rurais durante as aulas ficaram expostos durante a cerimônia e, ao final, após a entrega dos certificados aos produtores rurais, foram sorteados entre o público participante do evento.

Ao final do evento os participantes foram convidados para um lanche preparado e servido pelos estudantes voluntários do projeto.

## Conclusão

O desenvolvimento do projeto contou com o apoio dos estudantes dos cursos técnico em Agropecuária e técnico em Agroindústria, que atuaram nas etapas de divulgação, organização e no acompanhamento dos cursos de capacitação ofertados. O envolvimento dos estudantes permitiu-lhes relacionar a teoria com a prática. Noel, estudante do terceiro ano do curso técnico em Agropecuária revelou que sentiu um interesse pessoal em participar do projeto de extensão. Filho de trabalhadores rurais, confessou que tem fascínio pela área agropecuária e sua participação no projeto lhe permitiu conhecer um pouco mais sobre a realidade do trabalho no campo, por meio do contato com os produtores da região.

Na opinião da estudante Anelize, o trabalho de Extensão Rural proposto pelo projeto foi de extrema importância para sua formação. Destacou o valor do conhecimento da realidade do produtor para o desenvolvimento de um bom relacionamento interpessoal com a classe.

Ao término do projeto de extensão, os produtores perceberam o quanto foi importante a sua participação nas ações desenvolvidas. Discursos como: *“trouxe expectativas de melhoria financeira”*, *“um olhar voltado para os agricultores, projetos importantes foram tratados para a melhoria do campo”*, *“bom para o crescimento da agricultura”* e *“buscar os caminhos do desenvolvimento”* foram registrados na ficha de avaliação de encerramento do projeto.

Dando continuidade a este projeto, encontra-se em desenvolvimento o projeto intitulado

*“capacitação dos produtores rurais do município de pinheiral e seu entorno na produção de mel”*

também vinculado ao PRÓ-EXTENSÃO. Com base nas potencialidades das propriedades rurais do município e efetiva participação da comunidade escolar, espera-se estimular a produção de mel nas pequenas propriedades da região e, com isso, aumentar a renda e a qualidade de vida dos produtores rurais.

Para o CANP/IFRJ, consolidar e fortalecer os arranjos produtivos, a partir do levantamento das potencialidades da sua região de inserção é tarefa imprescindível para obter êxito na sua finalidade e missão, pautadas no tripé ensino, pesquisa e extensão. Assim, os arranjos produtivos locais estão presentes na sociedade produtiva, configurando-se como estratégia de desenvolvimento local e de fomento à geração de renda e ao emprego.

## CULTIVO AGROECOLÓGICO DE PLANTAS MEDICINAIS NO FARMAHORTO/IFRJ – CAMPUS REALENGO

Meriane Pires Carvalho<sup>1</sup>  
Murilo Marinho de Castro Lima<sup>2</sup>  
Ana Paula Pizzochero Gomes Morais  
Angélica Cardoso Pereira  
Cristiane de Freitas Lima  
Samara Ramalho Matta  
Ana Ferreira Ribeiro  
Ângela Maria Bittencourt Fernandes da Silva

### **Cultivo de Plantas Medicinais**

O uso de plantas medicinais é uma das formas mais antigas de medicamentos, se tornando cada vez mais popular entre os povos. Os medicamentos à base de plantas são usados para os mais diferentes fins: acalmar, cicatrizar, expectorar e muitos outros.

O cultivo de plantas medicinais pode ser considerado um método alternativo de obter remédios e recursos terapêuticos complementares ou ainda como única opção disponível de tratamento. Esta prática depende das características da região e pode-se utilizar técnicas de baixo custo, socialmente justas e ecologicamente corretas.

A adoção dessas práticas sustentáveis, principalmente se no cultivo forem usados materiais recicláveis, pode aumentar a conscientização da comunidade a viver com qualidade, adotando práticas naturais de tratamento podendo-se recorrer às plantas medicinais disponíveis no intuito de prevenir ou tratar doenças de baixo risco de forma correta, racional e segura.

### **O FarmaHorto**

Horto é um pequeno espaço de terreno onde se cultivam plantas de jardim, plantas aromáticas, plantas medicinais, legumes e hortaliças. Já o horto

---

1 Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Realengo. E-mail: meriane.carvalho@ifrj.edu.br

2 Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Realengo. E-mail: murilo.lima@ifrj.edu.br

didático é uma unidade de referência de plantas bioativas catalogadas de acordo com a biodiversidade local, que serve pra orientar quanto classificação, identificação e uso. Desta forma o horto funciona como um espaço pedagógico como fonte de consulta para que a comunidade conheça a espécie vegetal, o seu uso terapêutico, a parte que deve ser utilizada, os possíveis efeitos adversos, a dosagem e posologia, bem como as boas práticas de cultivo e processamento da matéria prima vegetal. Possibilita ainda a educação ambiental, promovendo uma transformação sócio-político-cultural, a partir do resgate e da manutenção de conhecimentos e valores tradicionais passados de geração em geração com as famílias envolvidas.

O FarmaHorto, assim nomeado pelos alunos do curso de farmácia do campus, foi implantado em agosto de 2012 a partir da necessidade do curso em capacitar os graduandos em farmácia a atuarem em programas “Farmácias Vivas” e programas de Fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS) e na possibilidade de desenvolver projetos de pesquisa e extensão com a comunidade entorno e dos bairros vizinhos ao campus. Este projeto faz parte do programa “A Farmácia na promoção da saúde: Incentivando o Uso Racional de Medicamentos” desenvolvido pelos autores no campus Realengo.

O processo de implantação do FarmaHorto foi realizado em diversas etapas, desde a escolha do local a ser usado, o formato dá área de cultivo, este foi posto em votação na comunidade acadêmica através das redes sociais para que fosse escolhido, de forma democrática e participativa a fim de divulgar o projeto a ser realizado no campus.

Escolhido o local e formato do horto, os professores e alunos iniciaram a construção dos canteiros dispostos em “mandala” e plantio das mudas certificadas adquiridas da empresa parceira do projeto (BioErvas Plantas Mediciniais) localizada em Tombos/MG.

Inicialmente foram plantadas 30 mudas de espécies variadas, dentre elas Arruda (*Ruta graveolens* L.), Babosa (*Aloe spicata* L.), Capim-limão (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf.), Guaco (*Mikania glomerata* Spreng.) e Maracujá (*Passiflora edulis* L.), observando-se as condições de luminosidade característica de cada espécie, neste ponto a copa das árvores exerce o sombreamento das espécies mais sensíveis ao sol.

Após o plantio, iniciaram-se os estudos de adaptação dessas mudas às condições climáticas e de solo além do plantio de novas mudas trazidas por membros da comunidade entorno, totalizando cerca de vinte espécies diferentes cultivadas no horto. Foram então realizadas análises de caracterização da identidade botânica das espécies presentes, possibilitando a elaboração de placas explicativas.

As placas explicativas foram elaboradas e afixadas de forma a viabilizar aos visitantes externos e comunidade acadêmica a informação correta a cerca de cada espécie cultivada, tais como, nome científico, nome popular, parte utilizada, uso terapêutico e possíveis efeitos adversos.

Todas as informações, eventos e oficinas de cultivo e manejo de plantas medicinais envolvendo o FarmaHorto foram reunidas em uma página eletrônica, o <http://farmahortoifrrj.blogspot.com.br/>, nesta os alunos e comunidade podem acompanhar todas as linhas de pesquisa e extensão na área de plantas medicinais realizadas pelo Grupo de Farmacognosia do Campus Realengo, assim como se inscrever e participar das visitas extensionistas, oficinas e palestras sobre cultivo, manejo e utilização de plantas medicinais.

### **Desafios e Perspectivas**

O cultivo agroecológico não só enfatiza a utilização racional dos recursos naturais como desenvolve perspectivas sócio-cultural e econômica da população. O cultivo de plantas medicinais em hortos pode ser considerado uma prática exemplar dos princípios agroecológicos. Como espaço didático, possibilita a integração e socialização dos conhecimentos tradicionais e científicos referentes ao contexto das plantas medicinais, incentivando a redução do extrativismo e a geração de renda principalmente para a agricultura familiar.

No sistema agroecológico de produção normalmente são utilizadas técnicas de manejo como, por exemplo, adubação verde, cobertura verde e morta, prática da compostagem e biofertilização, associações entre plantas, controle alternativo de plantas espontâneas e pragas, entre outros. Possibilita produção com qualidade, tanto do ponto de vista de teor de princípios ativos quanto microbiológico, livre de substâncias agrotóxicas, acesso fácil e constante ao recurso natural e baixo custo de implantação e manutenção. Assim, consiste em uma opção interessante de obtenção de matéria prima de qualidade para fins medicinais, cosméticos e alimentícios, podendo ser comercializados “*in natura*” ou transformados em produtos com valor agregado.

Além da promoção da saúde na comunidade, o cultivo de plantas medicinais destaca-se também como alternativa de geração de renda, o que vem de encontro às principais demandas levantadas na população das zonas rurais e periféricas na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

O desafio encontra-se em promover um espaço de discussão dos conhecimentos tradicionais e científicos, proporcionando sua integração articulada, bem como o reconhecimento das potencialidades e limitações a curto, médio e longo prazo. Ações dessa natureza promovem o resgate cultural, o registro do

conhecimento tradicional e a construção do conhecimento científico aplicado a realidade local, promovendo a utilização racional e sustentável das plantas medicinais e disponibilizando tais conhecimentos para as gerações futuras.

# PROMOÇÃO DO USO RACIONAL DE PLANTAS MEDICINAIS ENTRE MULHERES DA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO

Murilo Marinho de C. Lima<sup>1</sup>  
Meriane Pires Carvalho<sup>2</sup>  
Bruna Fernandes de Castro  
Ana Ferreira Ribeiro  
Samara Ramalho Matta  
Ângela Maria Bittencourt F. da Silva

## O uso radicional de plantas medicinais

As plantas fazem parte do cotidiano da humanidade desde os seus primórdios como fonte de alimentos, de materiais para vestuário, habitação, utilidades domésticas e na cura de diversas enfermidades.

No que se refere à manutenção da saúde, diversas plantas são utilizadas por diferentes sociedades para o tratamento de doenças. Neste contexto, as populações se utilizam da transferência do conhecimento etnoecológico tradicional a cerca de plantas medicinais e o seu uso, propagando este conhecimento entre diferentes gerações ao logo do tempo.

Considerando que o uso de plantas medicinais constitui-se numa prática terapêutica milenar, deve-se considerar que o sucesso do processo terapêutico com o uso destas plantas deve ser eficaz e com menor risco de efeitos adversos. Sendo assim, o uso racional de plantas medicinais, relacionado à posologia, parte da planta utilizada, o modo de preparo e a forma de administração, é essencial para o sucesso desta prática terapêutica.

## A Política Nacional de Plantas Medicinais

Dada à importância histórica da utilização de plantas no tratamento de diversas enfermidades, no ano de 2006 foi publicado o decreto 5813/2006, que institui a Política Nacional de Plantas Medicinais. Este decreto teve como objetivo principal garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas

---

1 Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Realengo. E-mail: murilo.lima@ifrj.edu.br

2 Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Realengo. E-mail: meriane.carvalho@ifrj.edu.br

medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional.

Neste contexto é nítido a importância de ampliar as opções terapêuticas aos usuários, com garantia de acesso a plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à fitoterapia, com segurança, eficácia e qualidade, na perspectiva da integralidade da atenção à saúde, considerando o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais. Entretanto ainda se faz necessárias atividades que promovam o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, estes muitas vezes utilizados de forma indiscriminada, o que leva a um insucesso da terapia.

### **O projeto “Promoção do Uso Racional de Plantas Medicinais”**

O referido projeto começou a ser desenvolvido em Janeiro do ano de 2013, sendo o público alvo mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro, todas integrantes do Programa “Mulheres Mil” do IFRJ/*Campus* Realengo. Dentro do contexto do incentivo ao reconhecimento da cidadania, capacitação e resgate da cultura popular o presente projeto surgiu em meio a necessidade de reconhecer o perfil etnofarmacológico que as mulheres deste programa possuem a cerca de plantas medicinais, bem como promover o uso racional de plantas medicinais como prática de promoção de saúde.

### **Objetivos e Ações do Projeto**

O objetivo deste projeto é promover o uso racional de plantas medicinais entre mulheres da zona oeste do Rio de Janeiro através de atividades de extensão, envolvendo, além do público alvo, professores e estudantes do IFRJ/*Campus* Realengo.

O presente projeto foi iniciado com a caracterização do perfil etnofarmacobotânico do público alvo, através da aplicação de questionários. A partir da análise dos questionários foi possível traçar o referido perfil com relação à formação acadêmica, idade, bairro de moradia, bem como sobre o conhecimento tradicional que estas mulheres possuem sobre as plantas medicinais.

A segunda etapa do projeto foi a realização de palestras sobre o uso racional de plantas medicinais e o cultivo agroecológico. O objetivo destas palestras foi, além do promover o uso racional de plantas medicinais, incentivar o público alvo quanto ao cultivo agroecológico de plantas medicinais em hortas caseiras.

Na terceira etapa do projeto foi realizada uma oficina de preparo de remédios caseiros. Inicialmente, foi realizada seleção das preparações a serem manipuladas, tendo como base as formulações do “Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira”, de forma a adaptar as quantidades de cada componente utilizado a medidas caseiras. Em seguida, foi elaborada uma cartilha de fácil compreensão, para orientar as alunas no preparo das formulações.

Durante a oficina, foi realizada palestra inicial abordando conceitos básicos de higiene e segurança no laboratório, apresentando a estas mulheres noções de um ambiente que muitas frequentavam pela primeira vez. As alunas receberam orientações com relação ao preparo de tinturas e manipularam formulações como xarope de guaco, gel de arnica, creme de calêndula, sabonete em barra e sabonete líquido contendo extrato de capim cidreira. Ao final da oficina as alunas responderam a questionários avaliando sua participação no projeto.

Outra atividade deste projeto é o “Chá com Informação” onde estudantes do curso de Farmácia elaboram um jornal semestral contendo curiosidades e orientações quanto as plantas medicinais e o seu uso, e realizaram junto à comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro, uma exposição de diversos chás medicinais, orientando a comunidade local quanto ao preparo e consumo de chás, bem como de suas aplicações medicinais e curiosidades.

### **Considerações finais e Perspectivas futuras**

O presente projeto tem reunido ações que integram ensino, pesquisa e extensão no *campus* Realengo. Este tem contado com a participação efetiva das mulheres do programa “Mulheres Mil”, bem como de professores e estudantes de cursos de graduação. Através da aplicação de questionários é possível verificar a eficácia das ações do projeto com relação ao uso racional de plantas medicinais pelo público alvo. Como perspectivas futuras, a continuidade do projeto está garantida, uma vez que este está inserido no projeto central “Mulheres em foco: plantas medicinais, da agroecologia sustentável ao seu uso racional” contemplado com verba do PROEXT (MEC 2014).



## REUSO DE ÓLEO VEGETAL RESIDUAL

Sérgio Thode Filho<sup>1</sup>  
Marcelo Fonseca Monteiro de Sena<sup>2</sup>  
Gabrielle Borges Cabral<sup>3</sup>  
Ana Paula da Silva da Costa<sup>4</sup>  
<sup>5</sup>  
Fabiola da Silveira Maranhão<sup>6</sup>  
Thuanny Moraes de Almeida<sup>7</sup>

Os óleos vegetais são amplamente utilizados pela população brasileira, seja em nível doméstico, comercial ou industrial. Ao final do processo de fritura, o óleo remanescente é descartado, muitas vezes, de forma incorreta, tornando-se um resíduo altamente poluidor. Caso seja descartado pela rede de esgoto, pode provocar o entupimento das tubulações e aumentar em até 45% os custos de tratamento. O material pode ocasionar também sérios danos ambientais ao alcançar os corpos d'água, pois o óleo forma uma camada na superfície da água que impede a entrada da luz solar, diminuindo a fotossíntese, o oxigênio dissolvido, e, conseqüentemente, provoca a morte da fauna local. Os solos são também impactados pelo óleo, pois este impermeabiliza-o, desestruturando e causando enchentes. No Brasil estima-se a produção de três bilhões de litros de óleo vegetal comestível por ano. Deste total, apenas 2,5% é reutilizado para alguma finalidade, enquanto que o restante é indevidamente descartado, pela população e indústrias, nos solos, corpos d'água, rede de esgotos, ou ainda, incinerados. No município do Rio de Janeiro, mais de 20 milhões de litros de óleo vegetal são consumidos por ano. Em 2008, apenas 50 mil litros, ou 0,2%, foram reciclados. Em 2009, com a implementação do Programa de Reaproveitamento de Óleos Vegetais do Estado do Rio de Janeiro (PROVE), foram recolhidos cerca de 60 mil litros nos três primeiros meses do ano.

---

1 IFRJ campus Duque de Caxias. sergio.thode@ifrj.edu.br

2 IFRJ campus Duque de Caxias. marcelo.sena@ifrj.edu.br

3 IFRJ campus Duque de Caxias. gabrielleborges@hotmail.com.br

4 IFRJ campus Duque de Caxias. anapaulaestrela\_rj@hotmail.com

5 IFRJ campus Duque de Caxias. cintia.patricia.santos@gmail.com

6 IFRJ campus Duque de Caxias. fabiola.sma@hotmail.com

7 IFRJ campus Duque de Caxias. thuannymc@gmail.com

Os primeiros registros de um material semelhante ao sabão atual foram encontrados em uma placa de argila de aproximadamente 2800 a.C., na região da antiga Babilônia, que hoje corresponde à região do Iraque. A produção do sabão e do sabonete segue praticamente a mesma regra básica: é uma reação entre um ácido graxo (gorduras e óleos de origem vegetal ou animal) com um material alcalino, isto é, de caráter básico. Normalmente, a base é o hidróxido de sódio (NaOH), que é conhecida como soda cáustica.

O projeto reuso de óleo vegetal residual aprovado pelo PIBICT 2012-2013 tem o objetivo de conscientizar os alunos do IFRJ *campus* Duque de Caxias e a população do município de Duque de Caxias sobre os impactos associados ao descarte inadequado do óleo vegetal residual, propondo o processo de fabricação de sabão e outros bioprodutos como possível medida de mitigação. Outras ações foram propostas pelo projeto como: criação de um Posto de Entrega Voluntária (PEV) no próprio *campus* para entrega do óleo usado, estabelecer um processo de troca com a comunidade, isto é, a cada litro de óleo doado para o PEV o doador recebe uma pedra de 100g de sabão em barra ou derivados a sua escolha. Capacitar os alunos e a comunidade no processo de fabricação de sabão e outros bioprodutos artesanais, desenvolver o empreendedorismo local, proporcionando renda para a comunidade a partir do reuso do óleo vegetal, potencializar a comercialização do sabão artesanal como gerador de renda através de métodos de ecomarketing, logística reversa e desenvolver protocolos mais econômicos, rentáveis e ambientalmente sustentáveis para produção doméstica.

O Projeto iniciou suas atividades em julho de 2012 fazendo uma palestra de apresentação aos alunos. Em seguida, foi criando o PEV para recebimento do óleo vegetal residual. Até o mês de setembro de 2013 o posto recolheu cerca de 650 litros de óleo. O material foi doado em agosto de 2013 para a Cooperativa COOPAMA, operadora do PROVE – Programa de Reaproveitamento de Óleos Vegetais. Todas as pesquisas realizadas para produção de saponáceo foram feitas a partir do óleo doado pela comunidade. Após isto, foi feito levantamento do estado da arte de como era produzido o sabão até então. Iniciaram-se as pesquisas para melhoria dos protocolos e conseguiu-se encontrar uma relação ótima entre os insumos.

Entre os dias 28 e 30 de novembro de 2012 o projeto participou da V SEMACIT com um minicurso. O minicurso, denominado: “produção de saponáceos a partir de óleo vegetal residual”, foi dividido em duas etapas: no dia 28 foi ministrada uma apresentação sobre a história do sabão, os impactos associados ao descarte inadequado, a reação química, os materiais necessários para produção e os cuidados com a segurança e produção do mesmo. A etapa realizada no dia 30

consistiu na parte prática de produção de sabão artesanal, além do levantamento dos custos de produção e possibilidade de venda para geração de receita, consolidando com ações de educação ambiental. Para realização do minicurso foram adquiridos materiais e insumos de cunho doméstico.

Após o encerramento, o minicurso continuou repercutindo positivamente. A maioria dos participantes iniciou a produção do sabão no domicílio e disseminaram os procedimentos, principalmente com relação ao modo ideal de descarte do óleo residual. Assim, vários moradores da micro região do IFRJ Duque de Caxias, passaram a encaminhar o óleo residual para o Laboratório Multidisciplinar de Gerenciamento de Resíduos (LMGR), para que pudesse ser transformado em sabão. Por fim, todos os produtos feitos nas aulas foram distribuídos entre os participantes.

Após a obtenção destes resultados pôde-se concluir que: (1) Os problemas ambientais causados pelo descarte inadequado do óleo residual de fritura são desconhecidos por grande parte da população local; (2) A rentabilidade dos produtos fabricados a partir do óleo residual de fritura é um dos principais fatores estimulantes do seu reaproveitamento, seguido pela facilidade de aplicação dos métodos de produção; (3) Os produtos fabricados possuem qualidade satisfatória e semelhança com os produtos industrializados, sendo um grande facilitador para a sua comercialização; (4) Os participantes do minicurso passaram a ser multiplicadores das informações aprendidas estimulando outros moradores da região de Duque de Caxias a doarem o óleo vegetal para postos de coleta ou para o LMGR, dentro do próprio *campus*; e (5) O minicurso teve um baixo custo de implantação e um grande poder de mobilização social, demonstrando que ações simples, dotadas principalmente de vontade de mudança, podem resultar em impactos positivos para toda a comunidade.

A partir de então, mensalmente eram estruturados cursos para explicar os impactos e a produção de saponáceos. O projeto tornou-se parceiro da Direção Geral e de Ensino do *campus* nas ações institucionais com a Prefeitura de Duque de Caxias. Participamos da I Semana de Meio Ambiente do município com palestras, oficinas e um estande expondo os produtos desenvolvidos.

Em julho de 2013 o projeto passou a trabalhar em colaboração com o Blog Química Sustentável. Atualmente o projeto possui um alcance maior por conta da penetração da internet e oportunidade que temos de acompanhar aqueles que um dia tiveram algum contato com o projeto. Além de possuir uma linha de saponáceos, após a parceria contamos com a produção de vela artesanal aromatizada e giz de cera. Todos os produtos desenvolvidos com o óleo residual, após a parceria. No momento estão em fase de confecção cartilhas que estarão

disponíveis no laboratório e no blog de como conservar, utilizar e descartar o óleo residual.

Em agosto de 2013 a Cooperativa COOPAMA que coleta o óleo do PEV, solicitou uma orientação sobre o manejo do material, caracterização, conservação e armazenamento do mesmo. Desde então, o projeto incubou uma planta piloto de produção, onde até a presente data já foram produzidos 150L de sabão líquido.

## BLOG QUÍMICA SUSTENTÁVEL

Ana Paula Bernardo dos Santos<sup>1</sup>  
Ana Carolinha Lourenço Amorim<sup>2</sup>  
Marcus Vinicius Broto de Almeida<sup>3</sup>  
Sérgio Thode Filho<sup>4</sup>  
Ana Paula da Silva da Costa<sup>5</sup>  
Cintia Patricia Santos da Paixão<sup>6</sup>  
Fabiola da Silveira Maranhão<sup>7</sup>  
Thuanny Moraes de Almeida<sup>8</sup>

A vida e os hábitos da sociedade moderna têm contribuído para a degradação do nosso planeta nas últimas décadas, muitas vezes associada à falta de educação e consciência ambiental. Desde a Eco-92, inúmeras iniciativas foram tomadas na tentativa de minimizar os danos provocados ao meio ambiente.

Neste âmbito, a educação ambiental constitui-se como peça chave para a melhoria da qualidade de vida e sustentabilidade dos recursos oferecidos pelo planeta. As escolas configuram-se ambientes privilegiados na implantação de atitudes educativas que visam a proteção, recuperação e manutenção do meio ambiente. Um exemplo disso foi a criação do blog Química Sustentável em 15 de outubro de 2011 por uma aluna do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias, do curso de Polímeros, com participação de 3 alunas também do curso de Polímeros do Instituto Federal do Rio de Janeiro, campus Duque de Caxias e sob orientação de professores do mesmo Instituto. A iniciativa partiu da necessidade de sensibilizar os alunos e a população em geral para uma leitura crítica de suas atitudes e a busca de valores que contribuam para uma convivência harmoniosa entre as espécies que habitam o planeta e o meio ambiente, promovendo a sustentabilidade de seus recursos naturais, além de utilizar a química como instrumento para o desenvolvimento sustentável.

---

1 IFRJ campus Duque de Caxias. ana.bernardo@ifrj.edu.br

2 IFRJ campus Duque de Caxias. anamorim13@hotmail.com

3 IFRJ campus Duque de Caxias. profportmarcus@hotmail.com

4 IFRJ campus Duque de Caxias. sergio.thode@ifrj.edu.br

5 IFRJ campus Duque de Caxias. anapaulaestrela\_rj@hotmail.com

6 IFRJ campus Duque de Caxias. cintia.patricia.santos@gmail.com

7 IFRJ campus Duque de Caxias. fabiola.sma@hotmail.com

8 IFRJ campus Duque de Caxias. thuannymc@gmail.com

A criação do blog Química Sustentável teve, como objetivo, o desenvolvimento de um ambiente interativo contendo notícias, enquetes, dicas e novidades sobre química e sustentabilidade. O blog também se preocupa com a divulgação de empresas e processos industriais que atendam ou caminhem na direção dos princípios da Química Verde, visando à redução de danos ambientais e o estímulo ao compromisso com a responsabilidade social, ambiental e ética na sociedade.

Em um período de 2 anos, já foram postadas mais de 92 notícias sobre assuntos e novidades da atualidade. Ligado a variadas redes sociais, o blog possui cerca de 487 seguidores no twitter, 1.671 fãs no facebook e mais de 113.000 visitas com uma média de 4.708 visitas por mês. Nossos leitores são basicamente estudantes e empresas da área de química, petróleo e gás e polímeros, bem como blogueiros da área de sustentabilidade, que possuem um compromisso com as questões ambientais. O blog é parte de um dos projetos do Programa de Formação de Recursos Humanos (PFRH) da Petrobrás desenvolvido em parceria com o Instituto Federal. O projeto envolve a realização de experimentos, palestras em escolas e eventos da área visando à conscientização ambiental em ambientes escolares.

Os experimentos, cujo objetivo é trabalhar somente com resíduos utilizando a química como instrumento de pesquisa e desenvolvimento de soluções para minimizar os impactos ambientais, são realizados no Laboratório Multidisciplinar de Gerenciamento de Resíduos do IFRJ *campus* Duque de Caxias.

No laboratório estão sendo realizados trabalhos para solucionar o descarte incorreto do óleo vegetal e do esmalte residuais, produção de biocombustível e bioplásticos, entre outros. Em pouco mais de um mês de trabalho no laboratório já temos três artigos publicados na Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental – REGET.

O blog Química Sustentável também teve aceitação em dois Congressos o Encontro Nacional de Química, ENEQ e o Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação, o Connepi, para apresentação em forma de painel. Também ganhou o Prêmio Green Nation Fest como melhor blog pelo júri oficial do evento e ficou em primeiro lugar no concurso “O Legado Rio + 20: que futuro queremos?” realizado pela Sociedade Brasileira de Química.

# A ORIGEM DO JIU-JITSU BRASILEIRO: FATOS E VERSÕES

Israel Souza <sup>1</sup>

## Introdução

A confusão causada pela incompreensão do sejam as modalidades Jiu-jitsu, Vale-tudo, MMA (mixed martial arts) têm suscitado a curiosidade para a prática e para crítica social de tais modalidades na comunidade escolar e na comunidade em geral, principalmente pelo sucesso recente do MMA (mixed martial arts) em eventos como UFC, JungleFight, Shoto e o reality show TUF exibido em rede nacional em TV aberta.

Com relação ao Jiu-jitsu, uma definição do dicionário Aulete diz: “modalidade de luta corporal, proveniente das artes marciais orientais, que envolve diversas técnicas de ataque e defesa, com o objetivo de imobilizar o adversário”.

Nesse sentido, cabe perguntar: Qual a origem do Jiu-jitsu brasileiro? Ou melhor: existe algo que podemos realmente chamar de Jiu-jitsu brasileiro?

A resposta a estas perguntas dependerá, em parte, do nível de conhecimento e convivência com a arte marcial, e, em parte, da curiosidade daqueles que não se satisfazem com respostas simples.

Assim, uma das primeiras indagações aos participantes do Projeto de Extensão “Arte Suave na Escola” é: Você sabe o que é o Jiu-jitsu e qual a sua origem?

No presente artigo pretende-se levantar as principais respostas dadas pelos participantes, bem como elementos para a reflexão sobre a origem do Jiu-jitsu brasileiro.

## O Projeto “Arte Suave na Escola”

O projeto de extensão “Arte Suave na Escola” compreende o Jiu-jitsu como uma prática corporal integrante da cultura corporal, e assim um conteúdo da

---

<sup>1</sup> Instituição: IFRJ / Paracambi. E-mail: israel.souza@ifrj.edu.br

Educação Física, cuja finalidade é introduzir e integrar o aluno a esfera da cultura corporal, contribuindo para a formação do cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformar essa cultura.

O processo de implementação do projeto incorpora a participação da comunidade escolar do IFRJ/Paracambi no desenvolvimento das atividades em estreita relação com a Coordenação de Extensão do IFRJ/Paracambi. O projeto também vincula-se às ações do NAPNE/Paracambi, no sentido de viabilizar a prática esportiva por alunos com necessidades especiais.

Os resultados das ações do projeto serão apresentados nos eventos institucionais (como SEMAC e semana de acolhimento) no intuito de promover e divulgar a participação da comunidade escolar no projeto. Sendo o norte de execução a prática da cultura corporal, o esporte de rendimento torna-se uma alternativa possível de ser disponibilizada.

O objetivo do projeto de extensão “Arte Suave na Escola” é democratizar a prática do Jiu-jitsu de modo a possibilitar a sua re-significação como uma manifestação da cultura corporal. Não é o intuito fornecer uma prática que retorne as origens do Jiu-jitsu, mas sim compreender sua origem, transformação, e adaptação ao contexto social, seus usos e abusos, e contribuir para a formação do cidadão através da prática esportiva.

As aulas são desenvolvidas duas vezes por semana no espaço cedido pela Guarda Municipal de Paracambi. Ademais, visitas técnicas a outras academias são realizadas periodicamente. Atualmente participam alunos, ex-alunos e integrantes da comunidade externa ao IFRJ/Paracambi.

### **O que pensam os participantes do projeto**

Qual a origem do Jiu-jitsu brasileiro?

As respostas dos participantes do projeto a esta pergunta podem ser agrupadas em 4 (quatro) grupos: origem na família Gracie, origem no Japão, origem na China, origem na Índia.

Ao analisar as respostas podemos encontrar uma conexão entre elas que as encadeiam como numa história única. E assim elas serão descritas a seguir.

Uma das histórias mais conhecidas pelo público em geral é que a família Gracie teria criado o Jiu-jitsu brasileiro a partir do Jiu-jitsu japonês. O principal responsável por tal inovação seria o Grande Mestre Hélio Gracie que em várias entrevistas afirmava ter reinventado o Jiu-jitsu. Embora o seu irmão, o Grande Mestre Carlos Gracie, tivesse aprendido o Jiu-jitsu japonês com o Conde Koma, Hélio Gracie insistia em dizer que seu irmão aprendeu Judô, e que ele (Hélio) teria desenvolvido o Jiu-jitsu brasileiro. Esta é uma das histórias mais comuns,

contadas com menos detalhes, e que atribui a origem do Jiu-jitsu brasileiro à família Gracie.

O segundo grupo de respostas atribui a origem do Jiu-jitsu brasileiro ao Japão. E a história mais comum é a que os japoneses, com a abertura dos portos e a Restauração Meiji (séc. XIX-XX), teriam criado um novo estilo de Jiu-jitsu a fim de ludibriar os estrangeiros, e assim manter a essência do Jiu-jitsu sob sua tutela e segredo. Este novo e ineficiente estilo seria o Judô. No entanto, os japoneses esconderam tanto o Jiu-jitsu que acabaram por esquecê-lo, mas graças a alguns imigrantes japoneses o Jiu-jitsu chegou ao Brasil.

O terceiro grupo de respostas não difere muito do segundo, e consiste em atribuir a origem do Jiu-jitsu à China. Participantes do projeto com um pouco mais de curiosidade encontram facilmente esta origem em pesquisas na internet, que atribui ao monge chinês Chen Gen Pin a introdução no Jiu-jitsu no Japão por volta do século XVI-XVII.

O quarto grupo de respostas segue a mesma linha de raciocínio, porém atribui a origem aos monges indianos. Esta história é muito contada e atribui à Índia a origem do Jiu-jitsu com datas que variam de 1000 anos antes de Cristo, até 2500 atrás (a precisão, ou pelo menos um intervalo mais coeso, é descartada). Os monges com grande conhecimento da anatomia humana desenvolveram um sistema de luta que ficaria conhecido como Jiu-jitsu. Sua migração para China propiciou a difusão das artes marciais, em especial o Jiu-jitsu, que posteriormente chegaria ao Japão e enfim ao Brasil, onde foi modificado e aperfeiçoado.

### **Elementos para a reflexão**

O que realmente sabemos sobre a origem do Jiu-jitsu brasileiro?

Trata-se de um pergunta que não nos traz uma resposta consensual.

Sobre a origem na Índia, parece mais uma resposta clichê que atribui a origem de todo o pensamento oriental a este local. Porém, tal resposta não pode ser descartada.

Estilos de luta indiano como o Vajramushti ou o Kalaripayattu possuem similaridades com diversos estilos de luta atuais. Contudo, dizer que estes estilos deram origem a todas as artes marciais, incluindo o Jiu-jitsu, parece-nos um exagero.

É notório que muitos povos desenvolveram algum tipo de técnica de combate, que posteriormente pode ter sido sistematizado e batizado com algum nome. O intercâmbio entre os povos (amigável ou não) também pode ser um fator de contribuição no desenvolvimento de sistemas de combate e artes marciais. Afinal, a própria Índia já esteve sob o domínio estrangeiro por diversas vezes, e nada

impede que, por exemplo, no período de Alexandre Magno (336 a.C. - 323 a.C.) um “intercâmbio” tenha ocorrido também nas artes de combate.

Com relação a China encontramos evidências mais sólidas. Alguns manuscritos parecem citar o nome Jiu-jitsu já por volta do séc. II-III d.C. Como se tratam de ideogramas torna-se um pouco mais complexo desvendar a que se referiam os mesmos. A história do monge chinês Chen Gen Pin é contada pelo Mestre Jigoro Kano (fundador do Judô) para se referir a chegada do Jiu-jitsu ao Japão por volta dos séculos XVI-XVII.

No entanto, é no Japão, por volta do final do século XIX e início do século XX que temos a mudança de paradigma (parafrazeando Kuhn). Jigoro Kano com sua habilidade técnica, e principalmente política, cria o Judô a partir das técnicas ensinadas por algumas escolas de Jiu-jitsu japonesas. O seu objetivo alinha-se com as transformações sofridas pelo Japão no mesmo período. Sintetizando, sai o samurai e entra o cidadão. Jigoro Kano consegue reunir os grandes mestres de Jiu-jitsu da época, e alicerçar o Judô como o estilo mais eficiente, vencendo combates contra diversos lutadores dos demais estilos remanescentes de Jiu-jitsu, que aos poucos foram se aliando ao mestre Kano. Aqui vemos um processo de construção coletiva do Judô, mas que infelizmente é registrado como criação apenas de Jigoro Kano.

Fundamentos pedagógicos, progressão técnica e treinamento que minimizasse as lesões foram grandes inovações do mestre Kano – além de unir o melhor dos estilos de Jiu-jitsu na luta em pé ou no chão. No seu início, para conquistar mais adeptos, o Judô era conhecido como Jiu-jitsu moderno, ou estilo Kano de Jiu-jitsu, ou ainda Jiu-jitsu da Kodokan (escola fundada por Kano).

Fato interessante é que no início do século XX chega uma grande leva de imigrantes japoneses ao Brasil, e com eles também chega o Jiu-jitsu, ou melhor, o Judô (que já gozava de popularidade no Japão tendo suplantado o Jiu-jitsu).

Porém, alguns mestres ainda utilizavam o nome Jiu-jitsu que era mais conhecido pelos estrangeiros.

Entre eles estavam o grande Mitsuyo Maeda, mais conhecido como Conde Koma. Maeda era aluno da Kodokan, e no Brasil ensinou Jiu-jitsu não só a família Gracie. Outros mestres japoneses também merecem destaque, como Satae, Laku, Yano e Shimitsu que divulgaram/ensinaram o Jiu-jitsu/Judô pelo Brasil.

O que podemos destacar é que o que veio ao Brasil e por aqui foi ensinado foi o Judô da Kodokan. Então, por que o Jiu-jitsu brasileiro é diferente do Judô?

Primeiro, a diferença se dá mais na ênfase da luta do que na essência em si. No Judô luta-se predominantemente em pé, enquanto no Jiu-jitsu brasileiro

luta-se predominantemente no chão. O objetivo é sempre o domínio e a desistência do adversário.

Segundo, o Judô passou por diversas reformas no próprio Japão. Um dos motivos era o objetivo de Jigoro Kano incluir o Judô nos Jogos Olímpicos. Por isso, em 1922, as lutas, que antes poderiam se desenrolar no chão assim como o Jiu-jitsu brasileiro atualmente, passaram a uma ênfase maior na parte em pé. A essa altura muitos japoneses já haviam migrado para o Brasil e ensinavam conforme apreenderam, a luta em pé e no chão.

Terceiro, a família Gracie não foi a única que apreendeu com os japoneses, há relatos de mestres no Rio de Janeiro, Maranhão, Pará, Amazonas, São Paulo, entre outros, na mesma época. E, por coincidência, na década de 50, um grupo de japoneses vem ao Brasil com a missão de divulgar o Judô, e tentam convencer estes mestres a migrar o nome Jiu-jitsu para Judô. Parece que a maioria deles se recusou. É dessa época o famoso desafio “Hélio Gracie x Masahiko Kimura” – que, diga-se de passagem, não foi o único.

Quarto, a família Gracie foi a grande divulgadora do nome Jiu-jitsu, agora já consolidado como uma arte marcial adaptada pelos brasileiros. É nesse sentido que muitas vezes a criação do Jiu-jitsu é atribuída a família Gracie.

Assim, podemos considerar que o Jiu-jitsu brasileiro é originário do Judô Japonês, que por sua vez é originário dos antigos estilos de Jiu-jitsu Japonês. E como em todos os casos citados, trata-se da construção coletiva de uma comunidade, e não de apenas um único indivíduo.

### **Considerações finais**

Nota-se que concepções equivocadas, controvertidas e, em alguns casos, intencionalmente deturpadas, estão presentes e arraigadas nas tradições das artes marciais e esportes de luta, seja com relação à origem, filosofia, história ou finalidades das mesmas. É claro que tais concepções também fazem parte do movimento histórico e cultural das artes marciais, sendo, portanto passíveis de estudo e análise.

Nesse sentido, pretende-se com o projeto “Arte Suave na Escola” consolidar um caminho de mão dupla no qual o conhecimento tradicionalmente formado sobre as artes marciais (especificamente aquele sobre o Jiu-jitsu) chega até os estudantes de diversos níveis (tanto na Educação Física Escolar, como nos cursos superiores de Educação Física, nas academias de artes marciais/lutas e pela mídia) é re-significado, estudado, reelaborado, democratizado, retornando à sociedade, num processo de retro-alimentação do processo ensino-extensão.

## **Agradecimentos**

O projeto “Arte Suave na Escola” recebeu cota de auxílio do Programa Institucional de Incentivo às Atividades de Extensão (PRÓEXTENSÃO) referente ao Edital de Extensão Nº 31/2013.

## INTERVENÇÃO MULTIDISCIPLINAR COM ÊNFASE DA TERAPIA OCUPACIONAL NO SOBREPESO E OBESIDADE COM MULHERES ATENDIDAS PELO PROGRAMA MULHERES DE PLATÃO NO CAMPUS REALENGO DO IFRJ

Marco Seleno Carneiro Santos<sup>1</sup>

Eliane Tinoco Belarmino<sup>2</sup>

Márcia Elane Teixeira Duarte Nunes Angela<sup>3</sup>

Maria Bittencourt Fernandes da Silva<sup>4</sup>

### Introdução

A obesidade vem se destacando nas últimas décadas no Brasil e no mundo como um dos grandes desafios para a saúde pública. Ela é uma doença multifatorial, crônica, que envolve fatores endócrinos, familiares, genéticos, sócias, culturais, psicológicos, sedentarismo e hábitos alimentares, sendo fator de risco para outras doenças crônicas, como a hipertensão e o diabetes (OMS, 1998), cujas.

A suscetibilidade do indivíduo para o ganho de peso tem nos fatores genéticos importância relevante. Entretanto, as condições de hábitos alimentares e o sedentarismo, presentes na sociedade atual, são os que mais influenciam na questão do sobrepeso e da obesidade, trazendo preocupação aos órgãos de saúde, devido suas altas taxas de prevalência (MONTEIRO, CONDE, 1999). Segundo os dados do Vigitel mostraram que 48,1% dos brasileiros apresentaram excesso de peso e que 15,0% tinham obesidade. O excesso de peso e a obesidade foram maiores nos grupos de menor escolaridade. No período de 2006 a 2010, os percentuais de pessoas com excesso de peso ou obesidade aumentaram de 42,7% para 48,1% (RANGEL, GOMES, ARAUJO, 2010).

A estimativa do excesso de peso corporal pode ser obtida por meio de diferentes métodos como, relação cintura-quadril, ressonância magnética, pregas cutâneas e ultrassom, entre outros. Porém, o IMC (índice de massa corporal) vem sendo o mais utilizado para estudos pelo sua fácil aplicabilidade e

---

1 IFRJ Campus Realengo – selenocs@gmail.com

2 IFRJ Campus Realengo – eliane-tinoco@hotmail.

3 IFRJ Campus Realengo – m.elanenunes@gmail.com

4 IFRJ Campus Realengo – abittenc@gmail.com (Orientadora/Pesquisadora)

confiabilidade. O IMC é obtido pela divisão do valor referente ao peso corporal do indivíduo (kg) pelo quadrado da altura do mesmo (m<sup>2</sup>). Para valores do IMC maiores ou igual a 30,0 kg/m<sup>2</sup> está caracterizada a obesidade enquanto que 25,0 kg/m<sup>2</sup> e 29,9 kg/m<sup>2</sup> se classifica como sobrepeso (FRANCISCHI et al.,2000).

Além da contribuição para o agravamento de doenças crônicas e incapacitantes como, a diabetes tipo 2, dificuldades respiratórias, cardiopatias, osteoartrite e outras, a obesidade e o sobrepeso sofrem com o estigma que influencia na discriminação social (SICHIERI, 1998). Dessa forma contribui amplamente para distúrbios psicológicos como depressão, baixa autoestima, vinculando-se a distúrbios alimentares e distorção da imagem corporal.

Os gastos com tratamento, a baixa produtividade na vida profissional, o absenteísmo, e as mortes prematuras causadas pelos problemas relacionados com a obesidade e o sobrepeso são outra preocupação importante para a saúde social.

A Terapia Ocupacional é uma profissão do âmbito da saúde que tem por abrangência todas as fases da vida do indivíduo com amplo espectro na análise e aplicação de terapêutica de atividades voltada ao tratamento e prevenção de distúrbios físicos, psíquicas, afetivas, sensoriais, clínicas e sociais(COFFITO, 2000). Conferindo assim, plena condição de atuação junto à clientela em questão. Considerando a atividade humana como processo expressivo, criativo, lúdico, evolutivo, produtivo e de auto manutenção, observa-se que a obesidade interfere no cotidiano da cliente, no que se refere ao desempenho ocupacional, essa profissão busca otimizar seus potenciais e melhorar sua qualidade de vida.

O cuidar da obesidade na Terapia Ocupacional favorece a cliente a melhora da autoestima, interferindo no processo de perda de peso enquanto facilitadora do melhor uso de suas capacidades remanescentes beneficia sua autonomia e independência, resignificando a atuação deste em suas áreas de ocupação e habilidades de desempenho.

Dessa maneira o trabalho desenvolvido no grupo de obesidade busca proporcionar aos indivíduos a condição de melhor aplicação de seus próprios recursos, favorecer a mudança de hábitos alimentares e físicos, ampliar o conhecimento nutricional, promover e/ou otimizar as capacidades de auto cuidado que interfere positivamente na qualidade de vida possibilitando a promoção de saúde da clientela atingida pela obesidade e sobrepeso.

### **Justificativa**

Este trabalho é parte integrante do projeto maior – Intervenção Multidisciplinar no sobrepeso e obesidade nos sujeitos residentes na Região Oeste do Rio de Janeiro – desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro – Campus Realengo, que visa verificar se ocorre perda de peso e melhora na qualidade de vida de mulheres obesas após intervenção multidisciplinar e, cuja relevância se justifica por ser uma alternativa não medicamentosa na busca

do tratamento da obesidade. Este projeto se aproxima do PPC do curso de Terapia Ocupacional em seu fim, por quanto à orientadora deste é também responsável pelas disciplinas: Terapia Ocupacional na Saúde da Mulher, Terapia Ocupacional na Saúde do Trabalhador, Terapia Ocupacional na Abordagem de Grupo, Pesquisa Qualitativa em Saúde e, Terapia Ocupacional em Ação Social IV, disciplinas que abordam a obesidade e suas comorbidades. Sendo assim este trabalho torna-se de grande relevância na compreensão e nas ações da Terapia Ocupacional a cerca da obesidade e suas consequências na saúde da população estudada.

## **Objetivo**

O objetivo geral deste estudo é verificar a ocorrência de perda de peso e melhora da qualidade de vida de mulheres obesas após uma intervenção multidisciplinar. E temos como específicos: verificar a relação entre a redução da qualidade de vida e a obesidade; identificar o efeito obtido com a aplicação da abordagem multidisciplinar; avaliar hábitos de vida (alimentares e de atividades físicas) e aptidão física, antes e depois da intervenção nas participantes atendidas pelo projeto e; identificar conflitos emocionais que interferem negativamente na obesidade.

## **Metodologia**

Trata-se de pesquisa de caráter quali/quantitativo e exploratório, com corte transversal por quanto são feitas medições no início e no final da pesquisa, possibilitando a avaliação da eficácia da metodologia utilizada. Teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro (SMSDFRJ) pelo número 259/2011, o qual foi elaborado segundo Resolução 196/96. Atendendo ainda, a todas as características metodológicas aplicadas ao projeto de origem supracitado, diferindo apenas no tocante ao público alvo atendido, pois o mesmo se compõe apenas do gênero feminino. Sendo, entretanto mantidos todos os outros critérios para participação, tais como: idade entre dezoito e sessenta anos, nível de consciência, orientação, comunicabilidade, cadastro no programa de nutrição da unidade encaminhante e assinatura do termo de livre esclarecimento e de uso de imagem. Serão excluídos as gestantes, aqueles com doenças hormonais, metabólicas e mentais relacionados à obesidade. Os critérios de exclusão serão identificados pelos pesquisadores no momento do recrutamento do sujeito da pesquisa para participar da pesquisa por meio de perguntas. As participantes do sexo feminino deverão responder: “você está grávida?” e se “alguma vez um médico a disse que você tem uma doença hormonal, ou uma doença metabólica, ou uma doença mental relacionado à obesidade?”

Para coleta de dados serão aplicados questionário com perguntas fechadas, cuja finalidade é reunir os dados pertinentes ao problema a ser investigado, que segundo Chizzotti (1995), consiste no conjunto de questões pré-elaboradas,

sistemáticas e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito, ou verbalmente sobre o assunto permitindo aos participantes opinarem ou informarem o que acharem necessário. O questionário contemplará duas partes: a primeira diz respeito à produção de dados sócios demográficos objetivos com perguntas fechadas que caracterizam os clientes do estudo e dizem respeito à idade, instrução, estado civil, onde moram como vivem e com quem vivem. A segunda parte é de ordem subjetiva que objetivam identificar as informações, conhecimentos, atitudes e práticas cotidianas e educativas percebidas pelos sujeitos no âmbito de seu tratamento. As perguntas abertas seguiram roteiro próprio para que se pudesse captar tudo que pensam e sentem sobre o corpo, com a aquiescência dos atores deste estudo, para que não se perdesse a singularidade dos dados.

As Oficinas são dinâmicas de sensibilidade que visa a construção de representação sensível, eventual e motora que não se constitui na reprodução de objetos ou de situações vividas, mas de representações mítico-simbólicas dos sujeitos, que segundo Malrieu (1996) refere o caráter involuntário e não controlado caracteriza o aparecimento das imagens que nos faz relacioná-lo com a imaginação. Desta maneira a imaginação deixa de ser mera reminiscência de sensações inferiores de um sujeito privado do seu poder de crítica, para passar a ser a revelação do sentido das aparências e das atividades cotidianas. Essas atividades buscaram favorecer a conscientização, expressão e criação corporal, promovendo a organização e interação do corpo no espaço e no tempo, possibilitando novos posicionamentos em relação a sua vida, a mudança de hábitos. Essas dinâmicas terão duração de 50 minutos, a são realizadas quinzenalmente, com a participação dos acadêmicos pesquisadores, orientadora, com a parceria de outros profissionais de saúde e educação como: enfermagem, nutricionista, professores de diversas disciplinas desenvolvem atividades com as participantes do projeto visando a melhoria da autoestima, desenvolvimento do autocuidado, conhecimento a cerca da obesidade e suas comorbidades e as consequências advindas de tais patologias.

## **Resultados**

Participaram da pesquisa 15 obesas, que se encontram vinculadas ao posto de saúde do entorno do Campus Realengo do Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

No que se referem aos dados quantitativos do questionário, 60% das participantes, encontram-se na faixa etária entre 70 a 75 anos, 40% são brancas e 50% são viúvas, foi identificado pouco sofrimento, pois elas interagiram socialmente, optam em não recasar-se, porque a reconstrução de nova vida conjugal se vinculava a assumir novas responsabilidades, o que não fazia mais parte de suas vidas. A vividez significou experiência impar para elas, possibilitando o despertar para novo

estilo de vida desconhecido, distinto, mas repleto de expectativas, experiências e sensações novas.

Em relação as comorbidades 50% tem diabetes, 60% apresentaram alteração do colesterol e 40% tem hipertensão (40%). Coelho e Burini (2009) ressaltaram que a quase totalidade das DCNT aumenta sua prevalência, incidência e mortalidade com o envelhecimento. Os autores chamam a atenção para o fato de os idosos terem uma exposição mais prolongada a este grupo de doenças, o que pode levar a uma perda da importância de fatores hereditários na determinação de algumas patologias, prevalecendo os fatores adquiridos no decorrer da vida e resultantes do próprio processo de envelhecimento.

Apesar de alguns parâmetros cardiovasculares dependerem diretamente da idade, na maioria dos casos, do tipo de alimentação, pois o declínio do desempenho cardiovascular não é apenas uma consequência do aumento da idade, mas sim da agregação de problemas cardiovasculares e não cardiovasculares. Com o envelhecimento, ocorre o aumento da incidência de doenças, tais como: doenças das artérias coronárias; doenças cerebrovasculares; doenças vasculares periféricas; doenças renais e doenças pulmonares, que podem acelerar as alterações da função cardiovascular.

No que refere as atividades físicas, 80% delas referiram que realizavam caminhadas e exercícios de alongamento duas vezes por semana, mas que mesmo assim elas apresentam dificuldade para emagrecer, o que reforça os estudos de Buzzachera et al.(2008), quando refere que um dos fatores que contribuem para o aumento do peso corporal verificado entre os idosos encontram-se as modificações na composição corporal, pela diminuição da massa magra e da água corporal total e pelo aumento da massa gorda, somadas à redução da atividade física e à prática de hábitos alimentares inadequados.

Observou-se pelas respostas que 100% das atividades de lazer esta associada a assistir televisão, como novelas. Nesse sentido, as idosas se isolam em casa, favoreceu a psicodinâmica dos conflitos somatizados devido às reações adaptativas e defensivas débeis ou inadequadas (VOLICH, 2000), ou seja, fatores psicossociais e emocionais enfraquecem o funcionamento imunológico, bem como o metabolismo do organismo.

O transtorno alimentar é, na maioria das vezes, expressão de conflito inconsciente, onde o comer se associa para disfarçar seus sentimentos, representando situações emocionais inacabadas, negadas, de lutos não elaborados que reativam o sofrimento psíquico, acarretando compulsão alimentar. Desta maneira, a fuga por meio da comida é uma tentativa de atenuar as angústias e as frustrações, que assume a função de preencher o vazio afetivo e de trazer alívio para suas tensões e dificuldades das quais a obesa não consegue resolver e, assim, conquistar certo estado de paz ou equilíbrio psíquico. Esse transtorno ficou visível quando

elas relataram que quando está ansiosas ou depressivas fazem uso de produtos industrializados e de fácil preparo, como doces, massas, biscoitos, bolachas.

### **Considerações finais**

Concluiu-se que os objetivos do presente estudo foram alcançados, a partir da análise das informações obtidas pelas idosas, uma vez que trouxeram suas crenças e valores e os significados do corpo envelhecido obeso, e a relação existente entre a obesidade e a sua qualidade de vida e as estratégias usadas para emagrecer.

Diante desses resultados, parece fundamental traçar algumas recomendações no sentido de contribuir para implementar as práticas educativas em saúde, que disponibilizem uma equipe multiprofissional, assumindo compromisso com a comunidade e entendam a importância da interdisciplinaridade nesse processo educativo,

Desta maneira, a prevenção dos agravos na obesidade e a conquista da melhoria da qualidade de vida, fazem parte do processo que envolve muitos atores, na qual a Terapia Ocupacional está inserida, pois propicia espaço para troca e reflexão, favorecendo a participação das participantes na construção do processo de saúde e do conhecimento das causas e prevenção da obesidade, pois envolve orientação nutricional, atividade física e emocional que fazem parte dos recursos dessa profissão.

Nossa expectativa é implementar um programa junto a nutricionista do campus, visando abranger a comunidade acadêmica do IFRJ, criar metodologia de Terapia Ocupacional para essa questão, analisar questões referentes a imagem corporal, aplicar teste validados academicamente como a escala de depressão de Beck, de autoestima (Rosenberg, 1965); de ansiedade físico-social (EAFS); perfil de auto percepção física (PSPP), questionário de Imagem Corporal.

Nesse sentido, a pesquisa se realizará semanalmente, cujos testes quantificarão os dados junto às oficinas, as quais serão gravadas em vídeos, para discussão e aprendizagem junto ao grupo de pesquisa.

# OFICINA DE VIVÊNCIA CORPORAL: EMPODERAMENTO COMO INSTRUMENTO PARA FORTALECIMENTO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FEMININA DA ZONA OESTE DO RIO DE JANEIRO

Joyce Chaves de Souza Araújo<sup>1</sup>

Márcia Garcia de Quadros<sup>2</sup>

Nívea Fíaux<sup>3</sup>

Angela Maria Bittencourt Fernandes da Silva<sup>4</sup>

A violência acompanha toda a história da humanidade. Tal como numa epidemia, todos são afetados pela fonte comum de uma estrutura social desigual e injusta que alimenta e mantém ativos os focos específicos de violência, os quais se expressam nas relações domésticas, de gênero, de classes e no interior das instituições (MELO; 2010).

De acordo com pesquisas da Organização Mundial de Saúde as mulheres são alvos de todo tipo de violência, seja ela, física, simbólica ou sexual; doméstica ou abuso sexual, e na maioria provocada por parentes ou pessoas próximas a vítima. A violência consiste no “uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de acarretar lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” e esclarece que a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil e essa violência é a terceira causa de morte entre mulheres no país.

Segundo Day et al (2003), na violência familiar contra a mulher, o abuso praticado pelo parceiro é parte de um padrão mais repetitivo de controle e dominação do que ato único de agressão que pode caracterizar-se por: (a) Agressões físicas na forma de golpes, tapas, chutes e surras, tentativas de estrangulamento e queimaduras, quebra de objetos pessoais favoritos, ameaça de agressão física aos filhos e demais membros da família; (b) Abuso psicológico como menosprezo, intimidação e humilhação; (c) Coerção sexual; (d) Comportamento de controle

---

1 Bolsista CNPQ – Acadêmica de Terapia Ocupacional -araujo.joy1992@yahoo.com.br

2 Bolsista CNPQ – Acadêmica de Terapia Ocupacional -marciaquadros@live.com

3 Voluntária – Acadêmica de Terapia Ocupacional -niveafiaux@hotmail.com

4 Docente de Terapia Ocupacional – angela.silva@ifrj.edu.br

como isolar a mulher da família, vigilância das suas ações e restringir o acesso a recursos variados.

As consequências físicas não fatais decorrem de lesões como feridas na boca, sangramento no nariz, ruptura do tímpano, inflamação no tórax, problemas circulatórios, dores físicas que impedem a realização de atividades diárias, palpitações, tremedeiras, dores na coluna lombar, cefaleia, queixas somáticas, desordens gástricas associadas com stress crônico e hipertensão.

A noção de política de saúde das mulheres avançou de maneira significativa na década de 1980, com a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) em 1984 pelo Ministério da Saúde, que veio romper com o modelo de saúde para as mulheres das décadas anteriores, quando grande parte dos programas preconizava ações materno-infantis limitando assim a saúde da mulher a gravidez e ao parto, demonstrando uma visão restrita sobre a mulher, baseando-se em sua especificidade biológica e no seu papel social de mãe e doméstica.

A atuação do setor saúde, frente à violência doméstica contra a mulher, não deve se restringir meramente ao cuidado médico, mas também no apoio ao desenvolvimento de ações que identifiquem e previnam esse tipo de agressão. É o único setor utilizado pelas mulheres em algum momento de suas vidas, seja quando necessitam de cuidados relativos ao parto ou porque levam outros membros de sua família para receber atenção médica. Dessa forma, é possível que os profissionais de saúde atuem como parceiros no sentido de se obter dados que minimizem a subnotificação das estatísticas existentes.

A Terapia Ocupacional é uma profissão do âmbito da saúde, cuja área do conhecimento centra-se na análise e aplicação terapêutica de atividades: aplicadas de maneiras diretas ou indiretas, físicas ou mentais, ativas ou passivas, preventivas, corretivas ou adaptativas, abrangendo todas as fases da vida de um indivíduo.

Sua intervenção compreende em avaliar o cliente, buscando identificar alterações nas suas funções práxicas, considerando sua faixa etária e/ou desenvolvimento da sua formação pessoal, familiar e social. A base de suas ações compreende abordagens e/ou condutas fundamentadas em critérios avaliativos com eixo referencial pessoal, familiar, coletivo e social. Sua atuação compreende a atividade humana como um processo criativo, criador lúdico, expressivo, evolutivo, produtivo e de automanutenção, e o homem como um ser prático interferindo no cotidiano do cliente comprometido em suas funções práxicas objetivando alcançar uma melhor qualidade de vida.

O cuidar para o terapeuta ocupacional implica em conhecer a mecânica corporal, sensorial e a perceptiva de seu cliente, estabelecendo interação entre os sujeitos (quem trata e quem é tratado), e na realização de ações sensíveis que envolvam além da sensibilidade própria dos sentidos, mas também a liberdade, a criatividade, a subjetividade, a intuição, a comunicação e o acolhimento.

## Metodologia

Os objetivos do estudo são: acolher a mulher vítima de violência de gênero, em sua expressão doméstica; promover a reflexão sobre as relações de gênero, envolvendo as mulheres assistidas, favorecer a participação das mulheres em grupos de reflexão de Terapia Ocupacional com vistas à recuperação e/ou elevação de sua autoestima e ao reconhecimento e exercício de seus direitos.

A abordagem utilizada é a qualitativa pois esse modelo é sensível à realidade social do nosso tempo, marcada pela marginalização de amplos setores da sociedade, a sua discriminação por razões econômicas, de raça, sexo ou ter uma deficiência. Os terapeutas ocupacionais reconhecem a importância da criação de ambientes acessíveis e de prestar apoio, vindo reforçar o sentido, a conexão por meio da inclusão daqueles que foram marginalizados, com outras pessoas, em ocupações significativas.

Neste sentido, estabeleceremos diálogos, debates e discussões acerca do cotidiano das mulheres vítimas de violência com significativa troca de saberes e de vivências, com ênfase em “Gênero e Violência contra a Mulher -enfocando a questão da violência sexual e doméstica”.

Para a coleta de dados utilizar-se-á a técnica grupo focal e Oficinas de Dinâmicas de Estímulos a Mulher Vítima de Violência (ODEM) que facilitarão a construção do imaginário sensível, eventual, real da mulher que sofre violência doméstica que não se constitui na reprodução de objetos ou de situações vividas, mas de significados mítico-simbólicos delas. Incluir o diálogo com as participantes do estudo será estratégico de construção do imaginário e proposta ao grupo denominada de ODEM, que visa acrescentar alguns ingredientes lúdicos e que darão mais dinamicidade ao processo (SANTOS e GAUTHIER, 1999).

Tem-se como critério de inclusão, toda mulher na faixa etária de 18 a 65 anos, independente do nível de escolaridade, etnia e credo, que sofre ou sofreu violência familiar, sendo excluídas as vítimas de violência extradomiciliar e as que não permitirem ser filmadas ou fotografadas.

Para que possamos compreender o significado das oficinas é preciso que haja um rompimento com a caracterização adotada por aqueles que a utilizam, a sua significação abarca um longo espectro de experiências, sejam as mesmas vivenciadas dentro do local onde se desenvolve a mesma, seja fora desse espaço de produção coletiva. Vale salientarmos, que tais experiências podem surgir de diferentes maneiras e composições, o que realmente nos interessa é forma pelo qual a mesma implicou na condição humana desse indivíduo.

A Oficina de Dinâmica de Estímulo a Mulher Vítima de Violência (ODEM), denominada Corpo, Arte e Terapia Ocupacional procurou-se realizar trabalho de consciência corporal, dividido em quatro momentos, onde foram trabalhados em um primeiro momento dois trechos de um texto que possui reflexões a cerca da relação humana com o seu corpo. Durante esse primeiro instante as falas

mais comuns permearam o campo da representatividade com o corpo: “A maneira como o meu corpo se coloca no espaço, será a forma como as outras pessoas irão enxergá-lo”. ; “O meu corpo é a expressão do que sou”

No decorrer da oficina outros momentos foram propostos, os mesmos foram direcionados na perspectiva de integrarem ao trabalho de consciência, imagem e esquema corporal, reconhecimento, autoimagem e autoestima.

Dividimos o trabalho de conscientização corporal em diferentes etapas, as mesmas receberam os nomes de:

A Primeira etapa: Metade de mim; nessa etapa foram trabalhadas separadamente cadeias musculares anteriores e posteriores dos membros inferiores, por meio de atividades rítmicas, como a dança e nesta mesma perspectiva utilizou-se apenas metade dos grupamentos musculares. Desta forma, as atividades propostas tinham que gerar desequilíbrios, porque a meta era fazê-las compreender que apenas metade dos grupamentos musculares não possui a capacidade de oferecer movimento satisfatório e completo, em termos de amplitude de movimento, controle de tônus muscular e outros fatores.

A Segunda etapa: O corpo se reconhece, foi explorada a capacidade do corpo de ir além dos movimentos cadenciados pelas implicações do cotidiano, experimentaram-se movimentos diferentes dos que habitualmente se realiza como marchar, correr e pular.

Na terceira etapa: O corpo brinca, as participantes tinham que realizar atividades de reviver a liberdade originária do corpo, por meio de movimentos como abaixar e levantar, sentar-se em cima de uma bola, chutar, correr, trocar a bola em dupla, e outros movimentos, cuja meta era restaurar o pertencimento desses movimentos ao corpo da mulher vítima de violência doméstica.

Na quarta etapa: Catarse se buscou trabalhar os conflitos vivenciados tanto no presente, quanto no passado das mulheres. Durante a atividade as mesmas recebiam uma espécie de tarja para colocarem nos olhos, assim um delas era colocada no meio de uma grande roda e as demais deveriam pronunciar palavras de cunho pejorativo. Após esse momento a mulher que se encontrava no meio da roda deveria retirar a tarja e relatar como foi à experiência vivenciada e quais foram os sentimentos presentes naquele momento. Em um segundo momento a mesma mulher, não mais no meio da roda deveria expor suas maiores qualidades e se reafirmar na sua condição feminina, podendo relatar tudo aquilo que considera como direito e dever de uma cidadã.

E por fim a última etapa: Relaxamento, na qual a mulher no decorrer da atividade trabalhasse o relaxamento dos músculos, principalmente dos membros inferiores e realizam-se exercícios de respiração.

## Resultados

O projeto tem apresentado como principais resultados, propiciar vivências corporais e com jogos, brinquedos e brincadeiras, tematizando discussões em torno da educação do corpo, como processo histórico e social, capaz de proporcionar reflexão e colaborar com a formação humana pelo acesso e interação com essas formas de manifestação da cultura, das mulheres vítimas de violência doméstica. Tendo como referência a perspectiva de construção de propostas que respeitem a cidadania das mesmas pelo reconhecimento da sua condição de sujeito.

Proporcionando espaço e oportunidade de autoconhecimento, vivências inclusivas, melhora da autoestima, desenvolver habilidades de comunicação, expressão e interação social das mulheres envolvidas no projeto. Colaborando com a formação acadêmica das alunas envolvidas com o projeto tanto no que se refere à prática pedagógica exercida sob a perspectiva de professor, intelectual-pesquisador, bem como para a comunidade envolvida, no sentido de compor uma equipe de trabalho envolvendo profissionais de várias áreas, com vistas a lidar como a mulher em situação de risco, identificando nas oficinas corporais, uma forma de expressão e também de acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade.

Identificou-se no momento em que elas tinham que ficar vendadas que demonstraram pelo seu simbolismo corporal que vivenciam em seus lares, junto com seus familiares o que pudemos perceber é que tais experiências eram na maioria das vezes permeadas de sofrimento, seja ele físico ou mental. Esses conteúdos corroboram para a ideia que a relação que constituímos com o próprio corpo é importante, mas às vezes nos esquecemos deste fato.

Entretanto ao se abordar as complexas ligações o Eu e o ambiente, passamos inevitavelmente pelo corpo, por que ele é o meio através do qual e pelo qual tais relacionamentos podem ocorrerão é igualmente claro o grau de envolvimento entre a presença física, emocional e mental no mundo.

Neste sentido, o corpo é capaz de moldar suas próprias experiências. Podemos aprender com nosso processo corporal a formar nossas vidas continuamente e que vivemos mais de uma forma corporal ao longo da nossa vida.

Esses exercícios favoreceram não só o aperfeiçoamento das percepções corporais, das participantes, como também a ampliação das zonas de troca com o meio que as cercam, o que estimula a faculdade de adaptação e de reação aos acontecimentos. No momento do relaxamento, onde foi realizado os alongamentos musculares, as participantes perceberam seus corpos como unidade, familiarizando com eles, os reconhecendo progressivamente como elemento constitutivo de suas personalidades e de suas identidades. Nesse sentido, a tomada de consciência da realidade física do Eu, foi realizada pela execução de exercícios simples, o que tornou a oficina um espaço inter-relacional construído a partir da dinâmica de envolvimento e participação de todas as envolvidas nas sessões de vivência, o

que possibilitou a troca de experiências, relações de troca, reflexão sobre o outro, melhor convivência e socialização do grupo.

### **Conclusão**

Este artigo refere-se aos primeiros resultados da pesquisa intitulada *EMPONDERAMENTO DA MULHER VITIMA DE VIOLÊNCIA FAMILIAR: EXPECTATIVAS DE ACOLHIMENTO E CUIDADO DE TERAPIA OCUPACIONAL*, financiado pelo CNPQ e que visa acolher a mulher vítima de violência de gênero.

Trata-se de resultado da oficina de corporeidade, que possibilitou as participantes condições à percepção e à consciência corporal; formas de detectar e aliviar tensões a partir de eliminação das fixações tônicas; contato consigo mesma e com o mundo, além de descobertas pessoais, a partir do contato com a realidade interior.

Esse resgate aconteceu quando a mulher decidiu que só precisa ser quem ela é e que pode confrontar as opiniões, e não ficar presa a um único ponto de vista. Mas descobre que, se no passado era importante ouvir e respeitar as ordens dos adultos, hoje ela pode ser dona de seu próprio destino. Passa a respeitar mais suas próprias ideias, porque, automaticamente, está se ouvindo mais. É por esta razão que gente que tem uma boa autoestima nunca se sente sozinha, pois solidão é a distância que se tem de si próprio.

O Projeto em questão vem acumulando, desde início deste ano, experiências pedagógicas e produções, como artigos e participação em congressos, que tem possibilitado refletir significativamente sobre os direitos da mulher que sofre violência doméstica, reflexo principalmente da incapacidade de atuação eficiente do Estado.

Nesse sentido, acreditamos que a atuação do Projeto, tem cumprido significativamente o papel de formação, seja dos acadêmicos envolvidos, seja da comunidade beneficiada, principalmente propiciando-lhes exercício de cidadania e compreensão da diversidade, dos direitos humanos e do papel da Universidade na relação com a comunidade.

# INTERFERÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DE MULHERES UNIVERSITÁRIAS DA ÁREA DE SAÚDE

Priscila de Oliveira da Silva<sup>1</sup>  
Larissa de Carvalho Lila<sup>2</sup>  
Patrícia Alexandra Schettert<sup>3</sup>

## Introdução

A sexualidade constitui o conjunto de fenômenos orgânicos e psíquicos ligados ao exercício das funções sexuais; face a multidiversidade de fatores que interferem na sexualidade (JURBERG,1977) É compreendida como o modo de cada pessoa viver a sua condição de homem ou mulher com relação às outras pessoas. Essa dimensão da personalidade humana pode ser aprendida como se conhece qualquer outra forma de comportamento, pois acompanha o ser humano desde seu nascimento até sua morte. Pode manifestar-se de forma diferente para cada momento existencial em uma mesma pessoa e de modos distintos para diferentes pessoas (CAVALCANTI, 1995)

As sensações sexuais estão presentes durante todo o desenvolvimento da criança, desde a amamentação até o início pubertário, quando então há uma intensificação destas sensações. É com a chegada da puberdade, com o desenvolvimento físico, que o ser humano se torna apto a concretizar a sexualidade plena através do ato sexual propriamente dito, que permite tanto obter prazer erótico como procriar. A passagem da adolescência e da juventude para a vida adulta é, ainda, marcada por significativas e combinadas mudanças de ordem pessoal, social, psicológica e fisiológica, nem sempre harmoniosas e tranquilas. (VELHO, 2010)

A sexualidade do adolescente emerge num momento propício e de muita disposição para amar, criar, descobrir, aprender e tentar compreender tudo o que o cerca, num processo de descobrimento do próprio corpo, dos sentimentos,

---

1 IFRJ/Realengo/Fisioterapia. prideoliveira.fisioterapeuta@gmail.com

2 IFRJ/Realengo/Fisioterapia. larissalila@hotmail.com

3 IFRJ/Realengo/ Docente/Tutor PET Sexualidade. patricia.valle@ifrj.edu.br

emoções e descoberta do sexo com todas as suas relações quanto atração, excitação, relacionamento interpessoais (ficar e namoro).

A maioria dos adolescentes, mesmo conhecendo os métodos contraceptivos, inicia vida sexual sem proteção e, no seguimento da atividade sexual, o uso sistemático deixa quase 30% sem proteção, tanto na contracepção como contra as DST/AIDS. (COSTA et al, 2001). A confirmação do diagnóstico de DST acarreta alterações biológicas e psicológicas em razão dos aspectos culturais e do prejuízo causado ao relacionamento.

Ao ingressarem na universidade, muitos jovens vivenciam novas experiências, como distanciarem-se da família de origem pela primeira vez, residirem com outros estudantes e experimentarem a ausência da supervisão de adultos. (PERKINS, 2002) Nesse contexto, muitas vezes se iniciam os comportamentos sexuais de risco, como a negligência ao uso de métodos contraceptivos e à prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Entretanto, constatou-se que o desenvolvimento sexual da mulher, mais do que no homem envolve a integração da atividade sexual numa capacidade para intimidade e envolvimento emocional. Percebe-se que o sexo masculino ainda faz sexo pela satisfação física, e o feminino, para ser amada. (MINOTTO, 2009)

As modificações decorrentes das sequelas de DSTs podem interferir no ciclo da resposta sexual. Este foi descrito primeiramente por Masters e Johnson, em 1966 e constituído por quatro fases (excitação, platô, orgasmo e resolução) e comum aos dois gêneros (feminino e masculino). Na década de 1970, Kaplan formulou que, antecedendo à fase de excitação, há o desejo e não se justifica o platô, em vista de ser a excitação crescente o que conduz ao orgasmo. O novo esquema de respostas sexuais masculina e feminina, então reformulado, compunha-se de três fases: desejo, excitação e orgasmo (Kaplan, 1977). Recentemente, Basson et al. (2004) propõem um modelo circular para o ciclo de resposta sexual da mulher, em que há ausência de desejo sexual espontâneo (no início do ciclo). Sabe-se que qualquer alteração no ciclo da resposta sexual influencia diretamente a satisfação sexual. Davidson, Darling, e Norton (1995) consideram que o sentimento de satisfação com a vida sexual está intrinsecamente relacionado com as experiências sexuais passadas do indivíduo, expectativas atuais, e aspirações futuras.

Portanto, a insatisfação sexual pode resultar de disfunções sexuais na própria pessoa ou no companheiro, ou pode existir independentemente de disfunções. (Jehu, citada por Davis & Petretic-Jackson, 2000)

Esta pesquisa tem como objetivo identificar o perfil da população acadêmica feminina, traçando as possíveis interferências no desenvolvimento de sua sexualidade.

## Metodologia

O método utilizado foi quali quantitativo e o desenho escolhido foi transversal.

A população foi composta pelos acadêmicos dos cursos de Farmácia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ)/ Campus Realengo, durante a II feira PET: sexualidade, educação sexual, realizada em Fevereiro de 2013 Foram escolhidos alunos da área da saúde, por se tratar de pessoas mais qualificadas quanto aos riscos na saúde sexual, ou seja, um grupo que deveria possuir conhecimentos mínimos, uma vez que possuem formação na área da saúde, sobre o assunto e manter hábitos de vida saudável, devendo estar aptos a expandir informações inerentes à sexualidade humana.

Os critérios de inclusão foram: ser do sexo feminino e estar matriculada no IFRJ. O critério de exclusão foi não participar do evento. Foi utilizado um questionário semi estruturado validado por ABDON *et al*, em 2000, e modificado para atender ao objetivo deste trabalho, contendo perguntas sobre hábitos de vida, saúde feminina e satisfação sexual. As alunas foram instruídas acerca da finalidade da pesquisa e autorizava sua participação através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## Resultados/ discussão

esta é uma pesquisa de amostra interdisciplinar com representação de 31 alunos dos cursos de Farmácia (32,26%), Fisioterapia (29,03%) e Terapia Ocupacional (29,03%). A média de idade dos participantes foi de 24,8 anos, sendo todas do sexo feminino.

Ao analisarmos os hábitos de vida, observa-se que 70,97% tem o álcool como droga de maior consumo. (cigarro, 25,81% e Drogas, 6,45%)

Quanto à saúde feminina, a média de idade da menarca foi de 11,5 anos. O início da vida sexual aconteceu entre os 15 e 19 anos (51,6%), tendo estas preferências por parceiros, para esta iniciação, na mesma faixa etária ou acima.

Atualmente 70,97% tem vida sexual ativa. Destas, 51,6% não fazem uso de contraceptivo, 19,3% não usam preservativo ou usam algumas vezes, 29,03%, em suas relações e 9,68% já tiveram gestações. Sendo que 12,9% quando perguntadas sobre ter tido aborto deixaram em branco.

A partir das frequências apresentadas, verificou-se que somente 29,3% usam preservativos em todas as relações sexuais, apesar do maior nível de escolaridade, observa-se que a maior parte das jovens negligencia o uso do preservativo durante as práticas sexuais, estando vulneráveis a contrair doenças sexualmente transmissíveis e, até mesmo, uma gravidez indesejada.

Ao se perguntar sobre autoestima, a maior parte, 48,39%, se sentem atraentes sexualmente e 77,42% acham-se bonitas e interessantes. Observou-se

que mesmo estas mulheres tendo aparente boa autoestima, 22,6% não se sentem atraente para o sexo masculino.

Com relação à satisfação sexual, 74,2% tomam iniciativa para o coito, no entanto, 61,29% afirmam não ficar excitadas e não terem fantasias sexuais. Sendo que 29,03% finge ter orgasmo e 45,16% se masturbam. Quanto a pratica do sexo anal 22,58% praticam e 3,23% tem orgasmo com esta pratica. Apesar disso, 74,2% têm orgasmo (vaginal e oral) e se sentem satisfeitas sexualmente. A maioria teve de 1 a 2 parceiros sexuais durante a vida. 41,9% tem sexo vaginal e oral, tendo frequência sexual de duas vezes na semana e preferência sexual homens 70,9%.

### **Conclusão**

Mesmo com maior nível de escolaridade, as jovens negligenciam o uso do preservativo, quando deveriam possuir conhecimentos mínimos sobre o assunto e manter hábitos de vida saudável, uma vez que possuem formação na área da saúde. Ainda há baixa autoestima entre as jovens por não se sentirem atraentes sexualmente. É necessária a educação sexual, visando à orientação de jovens quanto aos comportamentos de risco e, fundamental, trabalhar a autoestima.

# DISFUNÇÃO SEXUAL DECORRENTE DA EPISIOTOMIA

Ariane dos Santos Wendt<sup>1</sup>

Michele Ribeiro<sup>2</sup>

Patrícia Alexandra Santos Schettert do Valle<sup>3</sup>

## Introdução

A sexualidade da mulher abrange um pertencente de desejo que implicará em atitudes, relações e escolhas de elementos possibilitando a satisfação, logo, se ausentando do doloroso. Certamente o objeto de satisfação esta relacionado ao desejo sexual, que Kaplan (1999) definiu como uma necessidade que impulsiona homens e mulheres a procurarem, iniciarem e/ou responderem a estímulos sexuais. Esses estímulos poderá levar a mulher ao pleno prazer quando perpassar aos ciclos da resposta sexual, sendo eles o excitamento, que é caracterizada por um aumento da tensão sexual quando este é exposto a um estímulo sexual efetivo; a fase platô que corresponde a um estágio avançado de excitamento; a fase do orgasmo, caracterizada pela descarga involuntária da tensão sexual que ocorre por intermédio de contrações reflexas e rítmicas da musculatura pélvica a intervalos de 0,8 segundos, em média; e a fase de resolução, que caracteriza-se por um processo de regressão involuntária e gradual do organismo ao estado de equilíbrio basal.

O desejo sexual hipoativo ou inibido é uma deficiência ou ausência de desejo pela atividade sexual causando angústia e dificuldades interpessoais, logo, atenuando a qualidade de vida. Apesar de o prazer ser saudável a vida, cerca de 25% a 63% das mulheres apresentam algum tipo de disfunção sexual, como: anorgasmia e dispareunia. A anorgasmia é o termo para regular dificuldade em atingir o orgasmo após suficiente estimulação sexual, muitas vezes causando frustração sexual significativa. Anorgasmia pode ocorrer através de problemas como neuropatia diabética, mutilação genital, desequilíbrios hormonais, a histerectomia total e trauma em parto (Berman et al. 2005). A dispareunia se caracteriza pela

---

1 Acadêmica de Fisioterapia/Bolsista do Programa de Educação Sexual-Sexualidade e Educação Sexual no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. arianeswendt@gmail.com

2 Acadêmica de Fisioterapia/Bolsista do Programa de Educação Sexual-Sexualidade e Educação Sexual no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. mr.michele@hotmail.com

3 Tutora do PET/Conexões de Saberes; Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. patricia.valle@ifrj.edu.br

presença de dor na vagina durante o intercurso sexual. Essa dor é referida no terço interno da vagina, no útero, trompas, ovários e região inferior do abdômen com variação da intensidade. As causas conhecidas podem ser: a anatomia (útero em antroversão ou retroversão), inflamação ou infecção vaginal, tumor no terço interno da vagina e laqueadura.

Devido às disfunções sexuais algumas mulheres podem apresentar aversão sexual, evitando completamente qualquer atividade sexual com um parceiro, trazendo então dificuldade em sua vida pessoal, e essa problemática pode estar relacionada a fatores físicos relacionados à episiotomia.

A supracitada trata-se de uma incisão no períneo com o objetivo de aumentar o canal vaginal, oportunizando, assim, um parto normal. (*ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Assistência ao parto normal: um guia prático. Genebra (SWT): OMS, 2006.*) Essa prática, trás consequências afetando a saúde sexual feminina, como possíveis dores, diminuição da lubrificação vaginal, decorrentes do enfraquecimento da musculatura do assoalho pélvico. Esses fatores são agravados com as gestações posteriores a esse procedimento, podendo levar a disfunções do trato ginecológico, como incontinência urinária, prolapso vaginais, entre outras, com isso implicando na sexualidade dessa mulher em seus aspectos físicos, psíquico, sociais e emocionais. Essa pesquisa visa identificar mulheres que apresentaram disfunções sexuais após o parto com episiotomia e os sintomas de causa física dessas mulheres submetidas à episiotomia.

## **Metodologia**

Essa pesquisa é um subprojeto do Programa de Educação Tutorial (PET). O PET conexões de Saberes: Sexualidade e Educação Sexual têm como foco a sexualidade feminina e desenvolve estratégias junto à comunidade ao entorno do campus Realengo do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), abordando assim a sexualidade em sua visão integral com os aspectos biológicos, socioculturais, psicológicos e afetivos. Essa pesquisa foi realizada no campus Realengo e trata-se de uma abordagem quali-quantitativa. A amostra consistiu de um grupo de mulheres que participam de um programa desenvolvido no próprio campus “Mulheres Mil”, onde foram aplicados 25 questionários, em mulheres com idade entre 36 e 65 anos de idade. O primeiro instrumento de pesquisa foi um questionário semiestruturado que teve como objetivo levantar o perfil das mulheres quanto sua sexualidade e identificar quantas haviam passado pelo procedimento de episiotomia. Uma vez identificado às mulheres com episiotomia, realizou-se uma entrevista individual com o objetivo de aprofundar a análise quali-quantitativa. Foram selecionadas para essa 2ª etapa 17 mulheres. O critério de exclusão foram mulheres que realizaram somente parto cesariano ou que não gestaram. O público selecionado consistiu de mulheres que realizaram parto vaginal com a presença de episiotomia e/ou laceração. A entrevista individual

ocorreu para que pudéssemos coletar sinais e sintomas de disfunção sexual decorrente ao procedimento da episiotomia.

## Resultado

Observa-se que a grande maioria das mulheres entrevistadas sofreu o procedimento em todos os partos normais que tiveram sendo este valor 59% e 41% dessas mulheres passaram por episiotomia na 1ª gestação de parto normal.

Na segunda etapa da pesquisa 59% relataram problemas na recuperação da episiotomia, dentre esses foram citados: demora da cicatrização, dor e queilóide e 35% sentem algum sintoma devido a episiotomia dentre eles: dor, ardência, coceira e incomodo. 41% das mulheres afirmaram sentir dor durante o coito sexual e 18% afirmaram que após a episiotomia passaram a sentir incomodo. Das entrevistadas 94% afirmaram não ter apresentado problema na relação antes da episiotomia e 18% afirmam que a episiotomia interfere na relação sexual até hoje. Quando perguntado se elas percebiam que a autoestima interferia na relação com o parceiro, 76% afirmaram que sim. E 71% das mulheres entrevistadas não conheciam o procedimento de episiotomia antes do parto.

Relatos das entrevistadas sobre o processo de cicatrização da episiotomia:

*“foi cortado como uma cruz eu senti muita dor e não tinha como sentar, tinha que sentar botando dois travesseiros com um vácuo no meio.”*

*“fiquei com dor, ardia, andava com as pernas abertas”*

*“tive problema na hora de evacuar”*

*“demorou muito para cicatrizar, tive de tomar e passar medicamento para cicatrizar.”*

## Discussão

O cuidado prestado às mulheres durante o processo do parto sofreu muitas modificações através dos tempos, decorrente das institucionalizações do parto, dos avanços tecnológicos e do desenvolvimento da medicina. A assistência à mulher no ciclo gravídico-puerperal tornou-se impessoal e tecnicista, refletindo no modelo atual da obstetrícia caracterizado pelo alto grau de medicalização e pelo abuso de técnicas invasivas (DINIZ, 2005).

A evolução da ciência e da tecnologia acarretou grandes transformações no modo de nascer e de parir. O uso rotineiro da episiotomia começou a ser defendido em 1895, por Stahl, que argumentava que a episiotomia permitia uma “melhor restauração do períneo” em relação às lacerações perineais. No Brasil, foi a partir dos anos de 1970 que foi incorporada pela prática obstétrica médica e transformou-se num procedimento de rotina nos hospitais. Esse procedimento constitui-se uma prática muito utilizada entre os profissionais de saúde, sendo muitas vezes adotada de forma indiscriminada, revelando-se como um dos mais comuns em Obstetrícia na assistência ao parto normal.

As justificativas apresentadas pela literatura para a realização da episiotomia são diversas, como a prevenção de laceração perineal, de relaxamento do assoalho pélvico e de traumatismo contra a cabeça fetal, além de acelerar o trabalho de parto. Entretanto, a episiotomia é também um agravante para as lacerações perineais de 3° e 4° graus, podendo resultar em incontinência fecal, estreitamento excessivo do introito vaginal, hematoma, edema, infecção e deiscência da sutura. Segundo a evidência científica, as lacerações perineais de 1° e 2° graus apresentam melhores resultados que a episiotomia em termos de perda sanguínea, dor, dispareunia, cicatrização e retomada da função muscular. Portanto, comparadas com a intervenção, as lacerações acarretam menos prejuízo para a mãe. Contudo, na maioria dos partos hospitalares, a episiotomia é praticada como medida para prevenção das lacerações perineais, apesar das evidências científicas. E mesmo com essas evidências literárias a pesquisa mostrou que das mulheres entrevistadas 68% passaram pelo procedimento de episiotomia, e dessas 71% não apresentava conhecimento em relação a esse processo, extraindo a autonomia da mulher de escolha perante o seu corpo.

A episiotomia representa uma violação dos direitos sexuais e reprodutivos da mulher, assim como uma violência de gênero. Esse procedimento pode trazer consequências afetando a saúde sexual feminina, como possíveis dores, diminuição da lubrificação vaginal decorrentes do enfraquecimento da musculatura do assoalho pélvico. Esses fatores são agravados com as com gestações posteriores. Os comprometimentos que podem gerar no trato ginecológico são: incontinência urinária, prolapso vaginais, entre outras, implicando na sexualidade dessa mulher em seus aspectos físicos, psíquico, sociais e emocionais, compreendendo as dificuldades que pode levar a essas mulheres a explorar sua sexualidade de forma prazerosa. Essa afirmativa pode justificar o fato de 18% das mulheres afirmarem que a episiotomia interfere na relação sexual até hoje.

## **Conclusão**

Acreditamos que a episiotomia possa originar consequências afetando a saúde sexual feminina, como possíveis dores, diminuição da lubrificação vaginal decorrentes do enfraquecimento da musculatura do assoalho pélvico, disfunções do trato ginecológico, como incontinência urinária prolapso vaginais, anorgasmia, dispareunia, entre outras, implicando na sexualidade dessa mulher em seus aspectos físicos, psíquico, sociais e emocionais.

Um fator que poderia contribuir para atenuar o índice de episiotomia seria um reajuste no olhar do profissional, isto é, ter como princípio que o parto normal é um processo fisiológico, necessitando haver uma justificativa para intervir no trabalho de parto e nascimento, observando o paradigma não intervencionista. É imprescindível rever as práticas de acolhimento à parturiente, analisando as evidências científicas e condutas individualizadas. Nesse sentido, há necessidade de estimular modelos de atendimentos mais humanizados, respeitando a singularidade de cada parturiente.

## **OFICINAS SOBRE SEXUALIDADE PARA MULHERES IDOSAS: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS E CONHECIMENTOS**

Ana Carolina de Melo Magalhães  
Janaina Vanessa Cardoso Rodrigues  
Jéssica de Souza Venturine  
Mayara Luna de Almeida  
Patrícia Alexandra Santos Schettert do Valle

### **Introdução**

A sexualidade esta presente em todo o momento na vida, porém não da mesma maneira, pois cada etapa da vida possui demandas diferentes. Na terceira idade a sexualidade muitas vezes é deixada de lado, sendo vista com menor importância diante de assuntos como a família e as preocupações financeiras e compromissos sociais, por exemplo. Na literatura encontramos estudos com foco nos mitos e tabus que cercam a vida sexual da mulher idosa. É de conhecimento do senso comum que existem vários mitos que reforçam a idéia de que, nessa fase, a mulher fica assexuada. Um deles é a associação da perda da função reprodutora com a perda da atividade sexual, outro é a idéia de que o desejo sexual se faz à custa somente da beleza física associada à jovialidade. O assunto mostra-se com extrema relevância ao meio acadêmico, tendo em vista que os resultados encontrados em nossa vivencia diferem da literatura pesquisada.

Promover a saúde dessas mulheres idosas é considerar a relação de cada uma com seu próprio corpo, com as mudanças visíveis que estão ocorrendo nelas e suas reações físicas e emocionais nessa fase. É reconhecer os reflexos das suas relações na família, no emprego e na sociedade, ouvindo e garantindo a elas a palavra, construindo espaços de diálogo, tanto individualmente, como também em grupo, para que possa haver um aprofundamento na vivência, maior compreensão da questão e um intercâmbio coletivo de experiências entre as próprias mulheres, facilitando a aquisição de novos conceitos, mudanças de comportamento e estilo de vida.

O PET (Programa de Educação Tutorial) tem como objetivo estudar a sexualidade feminina em todos os seus aspectos e funciona a partir da tríade, pesquisa, ensino e extensão. Uma de suas ações de extensão se deu em parceria com a Clínica da Família Antônio Palhares Aguinaga em Realengo. Foi acordado com a instituição que seriam formados grupos de oficinas para mulheres adolescentes, gestantes e idosas. Este último será objeto deste relato.

## **Material e métodos**

Nosso grupo era formado por quatro bolsistas do PET que tinham a responsabilidade de elaborar os encontros, fazer a captação do público alvo e ministrar as oficinas com auxílio e supervisão da tutora do programa. Foi definido que o público alvo seriam mulheres com idade a partir de 50 anos, moradoras da área coberta pela Clínica da Família.

As oficinas foram elaboradas a partir de literatura pertinente ao tema e foram extraídos os assuntos de maior interesse do público alvo. Os temas escolhidos foram: Conceito de sexualidade, mitos e tabus, Conhecimento sobre anatomia e fisiologia humana, Vida sexual na terceira idade, autoestima, Percepção Corporal e autoimagem, Disfunções Sexuais e incontinência urinária, DST, câncer de colo do útero e câncer de mama. Foi construído um questionário para levantamento de dados com o objetivo de traçar um perfil das mulheres participantes das oficinas.

A captação das mulheres foi feita em conjunto com uma agente comunitária que levou o grupo até a residência das usuárias previamente selecionadas de acordo com os requisitos do público alvo. As bolsistas realizaram a visita, aplicaram o questionário e deixaram um convite impresso com a data e o horário da realização da primeira oficina.

## **Resultado e discussões (oficinas)**

No dia anterior realizamos contato telefônico com todas as mulheres visitadas para reforçar o convite para oficina. Contamos com a presença de onze mulheres. Na primeira oficina tivemos uma boa adesão e as dinâmicas escolhidas favoreceu a integração do grupo. Já com a apresentação de cada mulher foi um momento de grande emoção onde foi possível compartilhar um pouco da experiência de vida de cada uma delas. Muitas associavam a felicidade com a importância da família, outras pela beleza, fé, religiosidade e atividade física. Nenhuma imagem negativa foi escolhida. Também nessa primeira oficina foi abordado o conceito de sexualidade. Nosso objetivo era entender o que elas pensavam a respeito da sexualidade e colher suas impressões a respeito do tema e também avaliara aceitação das oficinas.

A segunda oficina foi referente à anatomia e fisiologia da mulher. As idosas estavam participativas e mostraram bastante conhecimento sobre o assunto, até mais do que esperado pelo grupo, citaram nomes científicos e não populares para identificar partes específicas do órgão feminino, interno e externo.

A terceira oficina abordou o tema autoestima e percepção corporal. As mulheres demonstraram satisfação com a autoimagem e se declaram felizes com a vida em geral. A família foi citada por todas como uma dos motivos de satisfação, porém, a imagem do futuro ainda é questionada.

Na quarta e última oficina ocorreu uma breve discussão sobre os problemas que atingem a mulher idosa, como disfunções sexuais, incontinência urinária, DSTs e câncer de mama e colo de útero. Todas pareciam ter conhecimento prévio sobre os temas e confirmaram a necessidade de prevenção. Algumas admitiram que nunca usaram preservativo. As que não possuem parceiro fixo admitem a importância do uso, mas dizem que enquanto estavam casadas também não utilizavam. A novidade dessa oficina ficou por conta de exercícios de “Kegel”. Algumas participantes relataram conhecer, através aulas na academia carioca, alguns dos exercícios, porém desconheciam a eficácia para o fortalecimento do assoalho pélvico.

### **Avaliação**

Foram utilizadas fichas distribuídas ao final de cada oficina onde as mulheres respondiam três perguntas: O que você aprendeu nessa oficina?; Foi bom discutir esse tema? Por quê?; Alguma coisa te incomodou?; e por último, marcavam em uma escala visual como estavam se sentindo. Em 100% das avaliações as usuárias disseram ter aprendido algo com as discussões, e na escala visual sempre se marcaram com o símbolo feliz. As mulheres disseram que esse espaço para debate sobre o tema seria o mais importante benefício proporcionado pelas oficinas.

A experiência em trabalhar com esse grupo foi muito gratificante nos trouxe surpresas, pois essas mulheres, ao contrário do que era dito na literatura, se mostraram bem livres para falar sobre qualquer assunto, sem mitos e tabus. A maioria possuía vida sexual ativa e dizia que isso era extremamente importante para manter sua qualidade de vida e até mesmo as que não possuíam vida sexual também compartilhavam da mesma opinião. A troca de exercícios entre elas também foi muito rica, pois elas se entregavam a aquela discussão e aconselhavam ao mesmo tempo em que expunham suas experiências particulares de forma natural.

### **Conclusão**

Observamos que o espaço para a discussão é o essencial para essas mulheres, mesmo que a adesão aos encontros demore e seja conturbada, uma boa divulgação e o despertar de interesse mantêm o grupo regular. Formas de unir o grupo também são válidas, como por exemplo, dinâmicas de apresentação onde cada uma conta um pouco da sua experiência de vida; lanche ao fim dos encontros onde cada uma se responsabiliza por trazer algo. Essas pequenas atitudes mantêm laços entre o grupo o que é sempre benéfico. O convívio com outras mulheres da mesma faixa etária foi relatado como algo positivo, visto que assim a troca de experiências e as discussões são pertinentes ao cotidiano dessas mulheres. Os assuntos eram encarados de forma madura e responsável, com olhar de interesse. Percebemos que a melhor forma de levar conhecimento a essas mulheres foi levantando

questionamentos e gerando discussões entre elas sobre os diversos temas abordados. Esperamos ter contribuído para uma melhora na qualidade de vida dessas mulheres, na vivência de sua sexualidade e para uma renovação ou mesmo um recomeço das atividades sexuais.

**Apoio: Programa de Educação Tutorial:  
PET, PET: Sexualidade, educação sexual. SESU/MEC. IFRJ/  
Realengo.**

# EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL E PLANEJAMENTO FAMILIAR PARA UM GRUPO DE ADOLESCENTES

Jéssica Nunes Ribeiro<sup>1</sup>  
Vanessa Cristina da Costa Antunes de Andrade<sup>2</sup>  
Patrícia Alexandra Santos Schettert do Valle<sup>3</sup>

## Introdução

Ao estudar e trabalhar com o adolescente fica impossível não falar das suas relações sociais e a importância desta na sua vida, suas experiências sexuais ou mesmo sua in experiência. A Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza a adolescência entre o período que abrange a pré-adolescência (entre 10 e 14 anos) e a adolescência (dos 15 aos 19 anos). O início biológico é definido através da maturação sexual, e o final da adolescência é marcado por uma ordem sociológica, a partir do momento em que se torna independente dos familiares e passa a ser adulto determinado por sua liberdade econômica. As oficinas tinham por objetivo discutir as formas mais adequadas de contracepção, prevenção da gravidez indesejada, além de evitar as gestações de risco, proporcionando melhor qualidade de vida para a família. Nosso público alvo foram adolescentes do sexo feminino na faixa etária entre 13 e 19 anos, moradoras do Bairro Realengo - RJ. O espaço físico utilizado foi o da Clínica da Família Armando Palhares Aguinaga em Realengo, onde realizamos tanto a captação das adolescentes após preenchimento do questionário, como as oficinas de Planejamento Familiar.

A importância do planejamento familiar é promover a orientação das pessoas quanto à decisão de aumentar ou não sua família, ajudando-as a identificar o momento que seja mais propício. Visamos também o aconselhamento dos adolescentes sobre as mudanças físicas, sexo, relacionamentos, família e problemas relativos ao crescimento e amadurecimento, ajudando a diferenciar a anatomia masculina e feminina para que conheça melhor seu corpo, trabalhando assim sua autoestima, autoconhecimento e empoderamento feminino.

---

1 IFRJ/Realengo/Discente de Fisioterapia/ PET Sexualidade/ jessinhapv@hotmail.com

2 IFRJ/Realengo/Discente de Terapia Ocupacional/ PET Sexualidade/ vanessa.comunicologa@gmail.com

3 IFRJ/Realengo/Docente/Tutora PET Sexualidade/ Patricia.valle@ifrj.edu.br

## **Material e métodos**

O projeto consiste em uma atividade de extensão do projeto PET Educação sexual e sexualidade administrado na Clínica da Família Armando Palhares Aguinaga em Realengo- RJ para um grupo de 30 meninas adolescentes. Com o objetivo de avaliar o conhecimento e sua relação com a sexualidade foi aplicado um questionário semiestruturado antes da intervenção a fim de avaliar o perfil sobre sexualidade das adolescentes participantes. O questionário foi desenvolvido a partir da literatura estudada para o desenvolvimento das oficinas de Educação para Sexualidade de Adolescentes.

A coleta de dados foi obtida por graduandos dos cursos de Terapia Ocupacional e Fisioterapia, participantes do Programa de Extensão Tutorial sobre educação sexual e sexualidade do Instituto Federal de Educação, ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Realengo. O conteúdo abordava questões sobre sexualidade, religião, métodos contraceptivos, autoestima, mudanças corporais da puberdade, a relação entre os pais e o adolescente e sua decisão de escolha.

Foram realizadas o total de cinco oficinas com duração de 2 horas cada, desenvolvidas por meio de metodologia ativa contendo como instrumento de aprendizado: dinâmicas, vídeos expositivos, slides e rodas de conversa. Nosso grupo é composto por duas graduandas de fisioterapia e uma de terapia ocupacional. Os conteúdos das oficinas tiveram como objetivo avaliar o conhecimento da adolescente referente à sua sexualidade, suas escolhas, seu autoconhecimento, métodos contraceptivos e o método de abstinência, visando esclarecer dúvidas e a adesão de novas práticas. Em cada oficina realizávamos uma dinâmica, como forma prática de ilustrar o tema proposto, de maneira com que elas interagissem conosco. A cada oficina, realizávamos uma roda de conversa com um tema específico, as adolescentes falavam o que sabiam a respeito, e nós complementávamos com o conteúdo expositivo e no final esclarecíamos as dúvidas restantes. Onde duas de nosso grupo realizava a oficina com as adolescentes e uma relatava tudo que acontecia em um diário de Campo. O diário de Campo é uma ficha onde anotamos tudo o que aconteceu durante as oficinas, inclusive as falas das participantes, e ao final elas faziam uma avaliação que também era registrada na ficha. O diário de Campo também auxilia como parâmetro para observarmos o que era positivo nas oficinas, e o que poderia ser melhorado. No último dia de oficina a proposta foi realizar um novo questionário com perguntas qualitativas para observarmos o aprendizado ao longo das oficinas dadas.

## **Objetivo**

Os programas de saúde pública identificaram que os adolescentes têm necessidades específicas e isso gerou a atenção ao adolescente, que necessita de uma saúde diferente do adulto e da criança. Ao atender o adolescente não há

necessidade de classificar ou dar rótulos, mas se colocar a disposição para escutar com os ouvidos, falar, tocar, e entender que esse encontro acontece a partir das histórias de vida pessoal do profissional de saúde com as do adolescente. Como graduandas da área da saúde traçamos nossos objetivos de forma que as adolescentes pudessem refletir sobre as diferenças entre os gêneros, conhecer e escolher as formas mais adequadas de contracepção, incluindo a opção da abstinência. Esclarecer e alertar sobre DSTs, as formas de contágio e como se prevenir na adolescência, trabalhar a autoestima, o autoconhecimento e o empoderamento feminino destas meninas que são influenciadas pelo grupo a qual pertencem. Levando a discussão de assuntos que elas sugeriram, como Bullying, assédio e a violência contra a mulher nos diferentes grupos, já sendo reconhecida como relevante problema de saúde pública. Falando do assunto de modo a alertar e tornar conhecido os direitos dessas adolescentes. A proposta das dinâmicas teve como finalidade promover a aproximação entre o grupo e os educadores, além de proporcionar a identificação do perfil das adolescentes, avaliando o conhecimento pré-existente das mesmas, acerca de sua anatomia, ciclo sexual e métodos contraceptivos. Falar sobre a sexualidade e responder a questões sobre puberdade, menstruação, masturbação, ejaculação noturna e higiene genital. Discutir os tabus existentes que geram sentimentos de culpa e conceitos no adolescente que se refletem num ajuste sexual acompanhado de preocupações, ansiedades e/ou problemas. Buscando gerar conhecimento sobre o próprio corpo.

## **Resultado e discussões**

Tendo em vista o grande índice de adolescentes iniciando sua vida sexual precocemente, ocasionando muitos casos de gestações não planejadas, além de dúvidas relacionadas à sexualidade e o aumento de casos de DSTs no público jovem, o presente projeto teve como finalidade proporcionar a reflexão e a mudança de comportamento do grupo de meninas adolescentes. O questionário foi aplicado para 30 adolescentes, 10 meninas compareceram a primeira oficina, e apenas a metade desse grupo seguiu até o final. Ao responderem o questionário, na questão que perguntava com que idade deve-se iniciar uma vida sexual, a maior parte das meninas escolheram a opção “após 18 anos”, porém no mesmo questionário, quase 90% relataram não ser mais virgens e destas apenas 1 tinha mais de 18 anos. Podemos concluir que são meninas que sabem a importância da abstinência na adolescência, como forma de não contraírem DST's e como método contraceptivo, porém não são mais virgens.

Através das afirmativas de que o parceiro em algum momento já pediu para que não utilizassem preservativo, por motivo de alergia, outros porque não gostavam. Foi onde percebemos a falta de empoderamento destas meninas, que se submetem ao desejo do parceiro, como forma de agradá-lo. No entanto não

percebem o risco que correm de engravidar ou de adquirir alguma doença sexualmente transmissível.

Durante uma das dinâmicas, onde 6 das meninas participaram, nenhuma delas sabia como utilizar o preservativo no parceiro. Entorno de 90% das entrevistadas não souberam responder o que é sexualidade, e das que responderam todas responderam de forma inadequada. Através do questionário também foi possível avaliar que a perda da virgindade não é um assunto discutido com os pais, mas preferencialmente mantido em segredo pelas meninas, com medo da reação dos pais. O que mostra que as adolescentes não se sentem à vontade para conversarem sobre sexualidade com seus pais. Após as oficinas e aplicação do segundo questionário, avaliamos que o conhecimento prévio das participantes, sobre a importância dos métodos contraceptivos, havia melhorado e as respostas antes com dúvidas, haviam sido esclarecidas.

### **Conclusão**

Podemos concluir que de certa forma influenciámos de forma positiva na vida destas adolescentes, já que obtivemos um bom resultado no questionário de reavaliação, onde estas acertaram grande parte das questões relacionadas aos temas expostos, e acertaram todas as questões que se repetiam no primeiro questionário que anteriormente tinham errado. E tivemos boa resposta a este método de educação através de roda de conversa e dinâmicas, pois pudemos planejar as oficinas seguintes com temas sugeridos pelas próprias participantes, e observamos uma boa interação das mesmas. No final das oficinas percebemos que elas tinham confiança em nosso grupo e se sentiam à vontade para esclarecerem suas dúvidas. Um ponto positivo das dinâmicas foi poder interagir também com as adolescentes através de um convívio amigável.

Por meio das dinâmicas, procuramos despertar na mulher adolescente o empoderamento e a autoestima, através da mudança de atitude, pois se espera que esta, seja capaz de fazer escolhas sobre os métodos contraceptivos que queira utilizar para evitar a gravidez ou simplesmente ter a autonomia de impor sua escolha ao parceiro. Desta forma enxergamos que o planejamento familiar é de suma importância para redução da gravidez não planejada.

**Apoio: Programa de Educação Tutorial:PET/ SeSu/ME. PET: Sexualidade, educação sexual. Realengo.IFRJ.**

## O CUIDAR DA CRIANÇA COM AUTISMO: UMA VISÃO DA CUIDADORA INFANTIL

Jeane S. de Souza;<sup>1</sup>  
Luciana Nunes;<sup>2</sup>  
Jacqueline da Silva;<sup>3</sup>  
Ângela M. B. Fernandes da Silva;<sup>4</sup>  
Viviane A. da Silva<sup>5</sup>

O autismo infantil é uma síndrome geralmente diagnosticada entre os 2 e 3 anos de idade que se distingue por problemas na comunicação, na socialização e no comportamento da criança, fazendo com que ela apresente características específicas como dificuldade na fala e em expressar ideias e sentimentos, mal estar em meio aos outros e pouco contato visual, além de padrões repetitivos e movimentos estereotipados como ficar muito tempo sentado balançando o corpo para frente e para trás

O autismo é uma inadequidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de 20 entre cada 10 mil nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino. É encontrado em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social (AUTISM SOCIETY OF AMERICAN -ASA,1978).

Segundo a ASA, os sintomas são causados por disfunções físicas do cérebro, verificados pela anamnese ou presentes no exame ou entrevista com o indivíduo. Incluem: Distúrbios no ritmo de aparecimentos de habilidades físicas, sociais e linguísticas; Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo; Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certas áreas específicas do pensar, presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de ideias. Uso de palavras sem associação com o significado; Relacionamento anormal com os objetivos, eventos e pessoas. Respostas não apropriada a adultos e crianças (GAUDERER, 1997).

---

1 IFRJ/Realengo – Aluna Projeto Mulheres de Platão -jeaneanderson@ibest.com.br

2 IFRJ/Realengo – Aluna Projeto Mulheres de Platão -angela.silva@ifrj.edu.br

3 IFRJ/Realengo – Aluna Projeto Mulheres de Platão -angela.silva@ifrj.edu.br

4 IFRJ/Realengo – Gestora do Programa Mulheres de Platão e Docente do IFRJ campus Realengo  
angela.silva@ifrj.edu.br

5 IFRJ/Realengo -Coordenadora da Biblioteca do Campus viviane.silva@ifrj.edu.br

O perfil da criança autista se revela pelas: reações frente a seu ambiente e meio social; deficiências e anormalidades cognitivas porem não se tem provas de alteração neurológica e por certos processos bioquímicos básicos, pois já foi observado nessas crianças excesso de e serotonina em suas plaquetas.

Segundo a ASA, as crianças autistas tem os seguintes comportamentos;

			
USA AS PESSOAS COMO FERRAMENTA	RESISTE A MUDANÇAS DE ROTINA	NÃO SE MISTURA COM OUTRAS CRIANÇAS	
			
APEGO NÃO APROPRIADO A OBJETOS	NÃO MANTÉM CONTATO VISUAL	AGE COMO SE FOSSE SURDO	RESISTE AO APRENDIZADO
			
NÃO DEMONSTRA MEDO DE PERIGOS	RISOS E MOVIMENTOS NÃO APROPRIADOS	RESISTE AO CONTATO FÍSICO	ACENTUADA HIPERATIVIDADE FÍSICA
			
ÀS VEZES É AGRESSIVO E DESTRUTIVO	MODO E COMPORTAMENTO INDIFERENTE E ARREDIO	GIRA OBJETOS DE MANEIRA BIZARRA E PECULIAR	

Em relação a etiologia da doença, ela ainda não foi definida, estudos demonstram, indiscutivelmente, que fatores biológicos estão implicados na etiologia do transtorno autista, embora não tenha sido ainda identificado um marcador biológico específico. Atualmente, sabe-se que o autismo não pode ser causado por fatores emocionais e/ ou psicológicos. Estudos sugerem que não há um dano físico no Sistema Nervoso Central que desempenhe um papel primário na etiologia do autismo. Os fatores genéticos aparecem substancialmente na etiologia do autismo.

A presença de uma criança Autista tende a modificar as relações familiares e, em alguns casos, há a possibilidade do rompimento de vínculos (BARBOSA; FERNANDES, 2009). As dificuldades pertinentes ao transtorno devido à sua cronicidade e as condições físicas e mentais dos portadores resultam em uma maior dependência em relação às suas mães ou cuidadoras (SCHMIDT; DELL'AGLIO; BOSA, 2007).

Schmidt e Bosa (2007) apontam que a mãe é a principal cuidadora dos portadores de Autismo, e por isso está mais propensa ao desenvolvimento de altos níveis de estresse, o que resulta em sobrecarga. A sobrecarga foi identificada em vários estudos (DUARTE; BORDIM; JENSEN, 2001; FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2005; SCHMIDT; BOSA, 2007; SCHMIDT; DELL'AGLIO; BOSA, 2006), especialmente por resultar em agravos na saúde física e psicológica das mães

(SCHMIDT; BOSA, 2007). Outros fatores que podem contribuir para o surgimento da sobrecarga são: a falta de apoio conjugal, o excesso de cuidados com o filho, o isolamento social e a escassez de apoio social (SCHMIDT; BOSA, 2007).

Programa Mulheres Mil tem como objetivo oferecer as bases de uma política social de inclusão e gênero, mulheres em situação de vulnerabilidade social têm acesso à educação profissional, ao emprego e renda. Os projetos locais são ordenados de acordo com as necessidades da comunidade e segundo a vocação econômica regional. O programa Mulheres Mil faz parte das ações do programa Brasil Sem Miséria, articulado com a meta de erradicação da pobreza extrema, estabelecida pelo governo federal. Ele foi instituído pela Portaria do MEC nº 1.015, do dia 21 julho de 2011, publicada no Diário Oficial da União do dia 22 de julho, seção 1, página 38 (BRASIL, 2011).

### **Metodologia**

Trata-se de pesquisa bibliográfica de caráter descritivo. Para Salomon (2004) a pesquisa qualitativa descritiva envolve a descrição, registro, análise e interpretação de informações para com apreensão do funcionamento de grupos ou coisas. As pesquisas descritivas têm por finalidade apresentar as reais características, fenômenos observados em determinada população, seja por nível de renda, idade, gênero, para que sejam analisadas e interpretadas correlacionando os fatos e ou estabelecendo relações entre variáveis, sem quaisquer manipulações.

Este estudo foi realizado na Biblioteca do Campus Realengo, com auxílio da sua Coordenadora, a qual ensinou a realizar a pesquisa, solicitada pela gestora do Programa Mulheres de Platão, do Programa Mulheres Mil, da Secretaria de Educação Tecnológica do Ministério da Educação.

### **Resultados**

Dentre o material pesquisado identificou-se os seguintes núcleos, que favorecerem a presença de uma cuidadora infantil, no cuidar da criança autista:

#### **A formação do vínculo cuidador-bebê e sua complexidade**

Todas as espécies possuem capacidade própria para viver em ajustamento no ambiente ao qual pertencem. Boa parte do comportamento maternal ocupa-se em aproximar a mãe do seu filho, e para diminuir a distância que há entre eles, ela o retém em estreito contato físico, ou o mantém próximo do seu campo visual ou auditivo (BOWLBY, 2002), mas famílias com maior poder aquisitivo, as crianças autistas ficam sob a responsabilidade de uma cuidadora, e muitas das vezes a criança transfere para ela o vínculo materno.

O termo apego, portanto, pode ser considerado como a busca e a manutenção da proximidade de um indivíduo com outro. Uma criança, por exemplo, quando tem ao seu alcance uma figura de apego, vivencia sentimentos de

segurança e tranquilidade. E, uma possível ameaça de perda, é capaz de gerar uma profunda tristeza e ansiedade na criança (BOWLBY, 2002).

No mesmo sentido, pode-se entender que a promoção da proximidade depende de sinais, como por exemplo, o sorriso e o choro, que se tornam eficazes para a realização do contato, programando os adultos para responderem de acordo com o sinal emitido. Nesse sentido, a cuidadora deve estar atenta a proximidade e a relação entre os comportamentos da criança o que tem favorecido a criação do vínculo que se enraizado na infância humana, e que se desenvolve principalmente durante os três primeiros anos de vida.

Em circunstâncias normais, as crianças apresentam mudanças em seu comportamento após a metade do seu primeiro ano, e por volta dos nove meses começam a protestar frente à separação dos seus cuidadores, demonstrando capacidade de discriminá-los de outros adultos estranhos a ela. Quando ativados estressores como cansaço, medo e fome, a criança tem motivação para buscar conforto, segurança e nutrição em suas figuras de apego (ZEANAH; KEYES; SETTLES, 2003).

### **O luto pelo filho idealizado**

O nascimento de um filho portador de autismo representa a necessidade de alterar os sonhos e as expectativas construídas em torno de um filho saudável. Essas expectativas quando não satisfeitas, as limitações e as imperfeições do filho acabam gerando ansiedade nos pais, levando-os a atravessarem um período de luto, contrataram uma cuidadora para ficar com a criança, o que acarreta necessidades tanto financeiras quanto emocionais (BROWNS, 1995)

Schmidt e Bosa (2007) dizem que os comportamentos característicos dos portadores de Autismo associados à severidade desse transtorno podem ser estressores em potencial para os membros da família, não ocorrendo de forma linear, pois ela se baseia em causas e efeitos, assim a cuidadora deve estar atenta a esses efeitos, pois essas situações podem gerar agravamento do quadro da criança, como também aumento dos movimentos estereotipados e isolamento.

Estudos identificam o pai como membro menos atuante no processo de cuidar, com atitudes de rejeição e abandono paterno, acarretando sobrecarga materna, devido ao acúmulo de tarefas (CARMIGNANI, 2005).

A dificuldade de compreender a criança, os rituais e estereotípias levam a mãe ao isolamento social, inclusive de amigos e familiares, que denunciam a cronicidade deste transtorno. Essas características são apontadas como motivo de queixa e dor para essas mães. Fávero-Nunes e Santos (2005) e Serra (2010) complementam referindo que a mãe é a pessoa que passa mais tempo com o filho portador de Autismo, assim, além de assumir os cuidados com ele, exerce várias outras funções, o que gera diversos prejuízos, inclusive em sua carreira profissional e acadêmica.

Quando a mãe não consegue abandonar sua carreira, contrata-se uma cuidadora para fazer esse papel, e muitas das vezes somente ela consegue entender a linguagem da criança e realizar o acolhimento e o afeto.

## **A cuidadora**

Conforme Ferreira (2010), cuidar significa aplicar a atenção, o pensamento, a imaginação. Sinonimamente, cuidado corresponde a responsabilidade, atenção, cautela. Por analogia, pode-se inferir que o cuidador é, portanto, aquele que desprende atenção, zelo, ou seja, que é diligente diante de um indivíduo que requer o cuidado. O cuidar das crianças autistas, em especial, exige, sobretudo do cuidador, uma atenção diferenciada, um cuidado específico, que permita à criança desenvolver suas potencialidades de forma a portar-se enquanto sujeito ativo.

Certamente um indivíduo que propicia àquele que recebe seus cuidados a oportunidade de manter, mesmo diante de uma dificuldade, uma condição humana digna, garantindo a criança o direito à proteção, bem-estar e socialização. A convivência representar um peso material, subjetivo, e social para todos aqueles que trabalham com essa síndrome e convivem com o seu universo. As características que envolvem a vida de muitas dessas pessoas são: isolamento, distanciamento das relações afetivas, exclusão social, dificuldade em mobilizar o próprio desejo.

E assim, a cuidadora encontra-se, segundo Fávero e Santos (2005), em circunstâncias especiais, promotoras de mudanças nas atividades de vida diária e no funcionamento psíquico, uma vez que se depara com uma sobrecarga de tarefas e exigências especiais, que podem resultar em situações de estresse e tensão emocional; à exemplo do resultado obtido na pesquisa de Schmidt, Dell'Aglio e Bosa (2007), em que é exposto que as dificuldades comportamentais apresentadas por portadores de autismo, tais como agitação psicomotora, gritos ou agressividade, são de difícil manejo, dadas as especificidades de sua natureza e a complexidade de sua etiologia. Quando surgidas em um contexto social, como por exemplo, em locais públicos, torna-se inevitável o constrangimento das cuidadoras.

Esses fatores que circundam o dia-a-dia e o cuidar da cuidadora, em especial da criança autista, tem, enfim, uma íntima relação com a qualidade de vida e o bem-estar desses, uma vez que são com frequência expostos a superação e a busca por um ganho no desenvolvimento de suas crianças, visando propiciar a elas a oportunidade de manter uma condição humana digna, protegida, com bem-estar e socialização.

Diante das dificuldades imprescindíveis no trato do sujeito autista, se faz necessário um desprendimento de atenção intensa sobre a figura da cuidadora, que desempenha papel de importante na assistência e no tratamento da criança, sendo necessário que ela seja parceira do serviço de saúde, uma vez que ele está presente na maior parte da vida do usuário, acompanhando suas evoluções e suas limitações. E assim, não só a criança autista requer cuidado especial, a cuidadora também precisa de assistência, para que lhe seja possível suportar as atribuições causadas em seu cotidiano junto ao transtorno de sua criança.

## **Atividades lúdicas para crianças com autismo**

As atividades lúdicas que forem oferecidas para a criança com autismo podem estimular as áreas da interação social, comportamento e

comunicação. Dentre as atividades lúdicas que a cuidadora deve estimular a criança encontram-se:

- Passeio no super carro: esta atividade consiste em puxar a criança sobre um colchão ou cobertor pelo quarto. Você deve fantasiar a brincadeira para ser interessante, por exemplo, dizer que agora a criança vai andar no super carro relâmpago McQueen (Disney) e estimular a criança a repetir a palavra passear quando quiser mais. Nesta brincadeira estimula-se a comunicação verbal e período de atenção por 10 minutos ou mais.
- O sapo comedor de bolhas: para esta atividade você precisará de um fantoche de sapo e bolhas de sabão. A atividade consiste em fazer bolhas de sabão e com entusiasmo e animação fazer o sapo “comer” as bolhas. Dessa forma estimula-se a comunicação verbal quando a criança tem que dizer “bolha” para o sapo comer e o contato visual. O período de atenção é de 5 minutos ou mais.
- Dado das brincadeiras: esta atividade desenvolve a atenção por 15 minutos ou mais, flexibilidade e participação física. Você precisará de um dado gigante que poderá ser confeccionado com papelão ou tecido. Cada face do dado deve conter uma ação a ser realizada pela criança, por exemplo:
  - ▶ PULAR -deve-se incentivar a criança a repetir a palavra “pular” e junto com ela pular o mais alto que conseguir.
  - ▶ RODAR -girar em torno do próprio eixo com a criança em seu colo.
  - ▶ ESCORREGAR -puxar a criança gentilmente sobre um cobertor.
  - ▶ BALANÇAR -balançá-la em seus braços, em uma rede ou em uma balança.
  - ▶ APERTAR -oferecer massagens com diferentes tipos de movimentos e intensidade de pressões em diversas partes do corpo da criança.
  - ▶ PASSEAR -levar a criança de “cavalinho” em suas costas.

## **Conclusão**

É importante que a cuidadora infantil, conheça as características da doença de uma criança para poder saber como estimular, apoiar e criar vínculos, por isso compreender que ela é uma criança que precisa ser amada acima de tudo e estimulada um pouco mais para que se desenvolva, faz parte de sua formação.

Livrar-se de todo preconceito e buscar informação são atitudes essenciais para ajudar uma criança com autismo.

Em nosso ver, a pesquisa realizada junto a Biblioteca do Campus, só favorece a ampliação de conhecimento das alunas do Programa Mulheres Mil e deveria ser estimulada em todos os campus do IFRJ.

## A CUIDADORA INFANTIL E A PREVENÇÃO DE ACIDENTES EM CRECHES

Bethzebeth Serrão<sup>1</sup>  
Maria Cristina Nunes de Oliveira<sup>2</sup>  
Marilyn Reis Silva<sup>3</sup>  
Maria Santos da Silva<sup>4</sup>  
Angela Maria Bittencourt Fernandes da Silva<sup>5</sup>  
Viviane Araújo Da Silva<sup>6</sup>

### Introdução

As Instituições de Educação Infantil (IEI) se tornaram importante alvo para estudo devido ao fato de serem necessárias ao desenvolvimento da criança e à promoção social (NESTI; GOLDBAUNM 2007 apud SILVANI; GOMES; SOUZA, 2008) e ser um local onde as cuidadoras infantis desenvolvem suas atividades profissionais.

Segundo Brasil (1988), creche é uma instituição social dentro de um contexto de socialização complementar ao da família que deve proteger e propiciar cuidados diurnos integrais de higiene, alimentação, educação e saúde em um clima afetivo, estimulante e seguro às crianças sadias de três meses a quatro anos.

Diante dos cuidados citados acima, ressalta-se que as crianças dentro das instituições se tornam mais susceptíveis a acidentes. Este fato ocorre devido a dois fatores: vulnerabilidade ocasionada pela própria idade e mudança do ambiente domiciliar para a creche. Podendo esses fatores interferir no estado emocional das crianças causando-lhes tensão, mudando dessa forma seu padrão normal. Os acidentes podem ser previsíveis, podendo dessa forma ser evitados e controlados não sendo meramente acontecimentos acasos (MAIA; WILLIAMS 2005, VICO; LAURENT 2004; PEREIRA et al, 2007 apud SILVANI; GOMES; SOUZA, 2008).

---

1 IFRJ/Realengo – Aluna Projeto Mulheres de Platão - angela.silva@ifrj.edu.br

2 IFRJ/Realengo – Aluna Projeto Mulheres de Platão - maria mariacristinanunes2011@hotmail.com

3 IFRJ/Realengo – Aluna Projeto Mulheres de Platão - angela.silva@ifrj.edu.br

4 IFRJ/Realengo – Aluna Projeto Mulheres de Platão - angela.silva@ifrj.edu.br

5 IFRJ/Realengo – Gestora do Programa Mulheres de Platão e Docente do IFRJ campus Realengo  
angela.silva@ifrj.edu.br

6 IFRJ/Realengo - Coordenadora da Biblioteca do Campus viviane.silva@ifrj.edu.br

A faixa etária infantil de 0 a 5 anos é muito vulnerável a acidentes, portanto necessitam de atenção integral, pois nesta fase as crianças são muito ativas o que torna comum a ocorrência de acidentes.

Deste modo, quando se enfoca as IEI como as creches, as pessoas responsáveis pelo cuidado destas crianças, denominadas de monitoras (cuidadora infantil), têm papel de grande importância, implicando organização e adaptação das crianças a novos espaços e rotinas, com enfoque maior na prevenção de agravos e atendimento nas ocorrências de acidentes, pois as monitoras é que têm maior contato com a criança durante o tempo de permanência diário na creche (SILVANI; GOMES; SOUZA, 2008).

Outros fatores relevantes quanto à possibilidade de acidentes infantis incluem: fatores fisiológicos e psíquicos, tipo de educação, gênero, condições socioeconômicas e ambientais e idade. As crianças mais travessas estão frequentemente vivenciando situações mais perigosas, porém podem aprender mais cedo a lidar com tais situações. Por outro lado, a superproteção pode levar ao despreparo para enfrentar novas experiências (GUIMARÃES, 2004).

Além dos acidentes infantis, as crianças usuárias de creche têm maior probabilidade de adquirir e desenvolver infecções, pois o ambiente coletivo das creches proporciona grande circulação e transmissão de agentes patogênicos (VICO; LAURENTI, 2004).

Faz-se necessário que grande parte da sociedade conheça as ocorrências e as causas dos acidentes infantis em creches, de modo que as monitoras e a família saibam prevenir e intervir, focando sempre a minimização desses fatos acontecidos casualmente (SOUZA; RODRIGUES; BARROSO, 2000).

Programa Mulheres Mil tem como objetivo oferecer as bases de uma política social de inclusão e gênero, mulheres em situação de vulnerabilidade social têm acesso à educação profissional, ao emprego e renda. Os projetos locais são ordenados de acordo com as necessidades da comunidade e segundo a vocação econômica regional. O programa Mulheres Mil faz parte das ações do programa Brasil Sem Miséria, articulado com a meta de erradicação da pobreza extrema, estabelecida pelo governo federal. Ele foi instituído pela Portaria do MEC nº 1.015, do dia 21 julho de 2011, publicada no Diário Oficial da União do dia 22 de julho, seção 1, página 38 (BRASIL, 2011).

O Programa possibilita que mulheres moradoras de comunidades com baixo índice de desenvolvimento humano, sem o pleno acesso aos serviços públicos básicos, ou integrantes dos Territórios da Cidadania, tenham uma formação educacional, profissional e tecnológica, que permita sua elevação de escolaridade, emancipação e acesso ao mundo do trabalho, por meio do estímulo ao empreendedorismo, às formas associativas solidárias e à empregabilidade.

Os cursos do Mulheres Mil são sempre gratuitos e são oferecidos nos campi do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e em instituições parceiras. As mulheres que querem ser alunas desses cursos precisam ter, no mínimo, 18 anos e precisam comprovar a sua baixa renda.

Diante do exposto, a pesquisa se norteia pelo questionamento: quais riscos de acidentes que as crianças de uma creche estão expostas?

Considerando o grande número de crianças em creches e a realidade de algumas instituições, ressalta-se a importância da atuação da cuidadora infantil na prevenção e orientação quanto aos riscos de acidentes que podem ser preveníveis, e quais ações podem ser desenvolvidas no que se refere a prevenção de acidentes com crianças numa creche, uma vez que estes profissionais são aptos para o cuidar e desenvolver educação em saúde.

### **Metodologia**

Trata-se de pesquisa bibliográfica de caráter descritivo. Para Salomon (2004) a pesquisa qualitativa descritiva envolve a descrição, registro, análise e interpretação de informações para com apreensão do funcionamento de grupos ou coisas. As pesquisas descritivas têm por finalidade apresentar as reais características, fenômenos observados em determinada população, seja por nível de renda, idade, gênero, para que sejam analisadas e interpretadas correlacionando os fatos e ou estabelecendo relações entre variáveis, sem quaisquer manipulações.

Este estudo foi realizado na Biblioteca do Campus Realengo, com auxílio da sua Coordenadora, a qual ensinou a realizar a pesquisa, solicitada pela gestora do Programa Mulheres de Platão, do Programa Mulheres Mil, da secretaria de Educação Tecnológica do Ministério da Educação.

### **Resultados e discussão**

Dentro do levantamento bibliográfico realizado, verificou-se que a grande ocorrência de acidentes com as crianças na creche, encontram-se direcionados as quedas que ocorreram no banheiro, na escada, no piso do refeitório, na gangorra e lesão nos dedos das crianças porque pressionou na porta.

Intoxicações e envenenamentos, pois foi observado que os remédios permanecem sobre a geladeira da creche no local onde as crianças realizavam as refeições, e qualquer uma poderia alcançá-los se subisse em uma cadeira.

Outro fator importante nas creches que acarretam acidentes foi as queimaduras, afogamento, intoxicações, cortes, mordidas de animais, porque a maioria destas IEI, tem algum tipo de animal domestico, que favorece a aproximação da criança com o meio ambiente.

Em relação aos recém-nascidos, foi exposto que os acidentes mais comuns são as sufocações, queimaduras, intoxicações medicamentosas. Em relação aos lactentes, informaram-se que os acidentes mais prevalentes constituem as quedas, intoxicações por produtos de limpeza e medicamentos, queimaduras, sufocamentos (estrangulamento) e acidentes de trânsito.

Sendo assim, devem-se guardar remédios e material de limpeza em local seguro, colocar o estrado do berço baixo e com grades, móvel devem ter suas

bordas protegidas, tomar cuidado com objetos pequenos, brinquedos e decoração da casa com plantas, realizar o transporte adequado em veículos e impedir a permanência da criança na cozinha.

Quanto aos aspectos levantados nas creches, no que se refere a prevenção de acidentes, a literatura aponta para o cuidado pessoal da cuidadora para lidar com as crianças, as roupas não servem apenas para cobrir e proteger o corpo, pois ao lidara com com crianças, todo cuidado é pouco. Cada detalhe, como um brinco de tarraxa ou um cinto com fivela, pode gerar acidentes graves, colocando em risco a integridade física do adulto e da criança. Portanto, é imprescindível que os profissionais que lidam com as crianças estejam atentos às seguintes orientações.

Em relação aos cuidados pessoais.

### **Roupa e sapatos**

É importantíssimo que a roupa usada para trabalhar com as crianças esteja limpa e só seja vestida quando no interior da creche. Seu uso deve ser restrito ao ambiente da creche, vetado ao trajeto casa-creche-casa, visando assim prevenir infecções.

Os sapatos devem ser limpos, fechados, confortáveis, rasteiros, antiderrapantes e de uso exclusivo às áreas da creche, sempre acompanhados por meias limpas. No caso do berçário, devem ser retirados (deixando só a meia) ou cobertos com sapatilhas próprias.

### **Acessórios, adornos e cheiros**

Brincos, *piercings*, colares, anéis, cintos, relógios de pulso etc. devem ser retirados e guardados em local fora do alcance das crianças. Os perfumes e cremes não devem ser usados, em especial aqueles que têm cheiro forte e ativo, pois podem desencadear ou agravar quadros alérgicos.

### **Lavagem das mãos**

Deve fazer parte da rotina, especialmente entre as atividades, em local próprio para isso, sempre do cotovelo até a ponta dos dedos, espalhando o sabão com movimentos circulares, lavando bem os espaços entre os dedos, os polegares, as palmas e dorsos das mãos e antebraços. Não se esqueça de limpar embaixo das unhas com escovinha macia.

### **Cabelos e Unhas**

No caso de cabelos longos, usá-los presos (rabo, trança ou coque) por presilhas seguras, sem objetos pequenos ou pontas que possam se desprender. A rede é, sem dúvida, a opção mais segura. As unhas devem estar sempre curtas e preferencialmente sem esmaltes, pois facilitam a manutenção da sua limpeza.

Em relação ao ambiente

## **Tomadas / Fiação**

É ideal que estejam acima do alcance das crianças e, quando não for possível, que sejam resguardadas por protetores apropriados e estejam ocultas por mobiliário. Atenção ainda aos aparelhos conectados a elas. Além do risco de choques elétricos, eles oferecem o risco de quedas do próprio objeto e de tropeços para crianças e adultos. Assegure-se de que esteja em local firme e, tanto o aparelho quanto o fio, fora do alcance das crianças. Sempre que possível, o mobiliário deve ser fixado na parede.

## **Fios, cordas e cortinas**

Qualquer fio ou corda deve estar fora do alcance das crianças, pois há o risco de enforcamento e, quando utilizados em atividades, a supervisão deve ser feita durante toda a execução das mesmas. As cortinas, devem ser evitadas. Acumulam poeira e podem desprender-se. Quando indispensáveis, precisam ser frequentemente lavadas. As persianas plásticas são de fácil limpeza.

## **Sacos plásticos**

Apesar de fazerem parte do cotidiano e dos pertences da criança, exigem de nós total atenção, pois podem causar sufocamento

## **Murais e Portas**

São importantes veículos de comunicação, porém é preciso prestar atenção às miudezas que nele são fixadas. Alfinetes, grampos, tachinhas, imãs pequenos etc. não devem ser usados, nem mesmo em murais altos. Recomendamos o uso de fitas adesivas sempre. As portas oferecem riscos e requerem cuidado no manejo. Portas que separam espaços de acesso exclusivo de adultos devem estar sempre trancadas. Os trincos das portas devem estar fora do alcance das crianças e os protetores de borracha para as portas, assim como ganchos, que protegem a criança de batidas bruscas, devem ser colocados também fora do alcance das crianças.

## **Sono das crianças**

Em caso de berços, os lençóis precisam estar bem ajustados ao colchão, evitando que o rosto do bebê possa ser encoberto. Mantenha o colchão do berço na graduação mais baixa possível, evitando quedas. Cada criança deverá ter seu próprio lençol que será utilizado sempre que necessário e, quando retirado, deverá ser guardado em um saco protetor.

Os berços poderão ser usados por mais de uma criança, porém em horários diferenciados, desde que a troca de lençóis seja respeitada. Enquanto que as roupas de cama precisam ser lavadas na maior frequência possível. Tanto berços como colchonetes devem manter uma distância de aproximadamente, 90 cm entre eles, permitindo a passagem de um adulto. A supervisão do adulto é

obrigatória em todos os momentos do dia, com especial atenção à hora do sono das crianças.

Atenção redobrada para objetos que possam ser utilizados como degraus, inclusive dentro do berço. Evite o uso destes objetos sem supervisão dos adultos. Portanto, mantenha-os fora do alcance das crianças tendo em vista que os brinquedos precisam estar na sala frequentada pela criança, deve ser parte da rotina diária a atenção à limpeza dos mesmos, assim como à limpeza de chupetas, mamadeiras etc.

### **Uso de objetos**

Deixar ao alcance das crianças apenas aquilo que elas podem manusear sem riscos. Tenha o máximo de vigilância com tesouras, vassouras, produtos de limpeza (estes devem ser guardados fora da sala das crianças e fora do alcance delas) etc. Faça uma análise criteriosa dos livros e brinquedos que serão disponibilizados.

As cerâmicas da creche (paredes e pisos) exigem manutenção constante em caso de rachaduras e quebras. Todas as quinas devem ser abauladas ou revestidas com material protetor.

Pisos antiderrapantes diminuem o risco de quedas para crianças e adultos se, por acaso,

o piso de sua creche escorrega, evite sempre a passagem por áreas úmidas e em manutenção. O piso ideal para o berçário é o anti-impacto. Os objetos pessoais (pentes, sabonetes, toalha, escova de dente etc.) devem ser guardados em compartimentos individuais e fechados, devem estar sempre limpos e identificados.

Procure selecionar brinquedos e materiais apropriados e seguros para cada grupo. Atenção às partes que possam soltar. Retire aqueles que estão quebrados. Recomenda-se cuidado redobrado com a presença de plantas no espaço frequentado pela criança. Algumas contêm espinhos e outras podem causar mal à saúde, quando ingeridas ou ao simples toque. Procure informações sobre as melhores opções junto às instituições competentes.

### **Conclusão**

O estudo descreveu o cotidiano das creches e como devem ser desenvolvidas as atividades na prevenção de acidentes, representando a realidade dos cuidados que devem ser realizados pelas IEs.

Portanto, é preciso que as cuidadoras infantis compartilhem sua prática de cuidado com os profissionais do setor da educação, com princípios e ações, que efetivem as diretrizes que norteiam a escola promotora de saúde, não só prevenindo acidentes e outros agravos à saúde humana, mas, sobretudo, ampliando conceitos que contribuam com a promoção da saúde em comum acordo com a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência, do Ministério da Saúde.

Alia-se a esse desafio o desenvolvimento de competências e habilidades técnicas e humanas nos profissionais de educação infantil, que, formando parcerias com as famílias, fazem o indispensável elo entre as crianças e as creches.

# DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR INFANTIL: A RELAÇÃO DA MÃE E DE PROFISSIONAIS DE CRECHE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elisa Beatriz Braga dell'Orto van Eyken<sup>1</sup>  
Cristiane Sousa Nascimento Baez Garcia  
Ana Beatriz Santana Cavalcante  
Cibele Sousa Nascimento  
Johansson Alves Martins de Oliveira  
Luiza de Oliveira Carvalho  
Roberto de Lima Nagem Junior  
Thiago Moreira Xarles

## Introdução

Os primeiros anos de vida são importantes porque o que ocorre na primeira infância faz diferença por toda a vida. A aprendizagem começa na primeira infância, muito antes do início da educação formal, e continua pela vida afora. Para garantir a promoção do desenvolvimento saudável intervenções de qualidade, na primeira infância, são essenciais e têm efeitos duradouros sobre a aprendizagem e a motivação. A saúde física e emocional, as competências sociais e as capacidades cognitivas/linguísticas, que são desenvolvidas nos primeiros anos, são pré-requisitos para o sucesso na escola e, posteriormente, no trabalho e na comunidade. O desenvolvimento da criança ao ingressar na escola é preditivo do desempenho nos programas escolares.

Um importante agente nesse processo de desenvolvimento, no entanto, é a mãe. Para o exercício do papel de agente é necessário que a mulher seja independente e tenha poder de decisão, por ser informada e qualificada para isso. O respeito e a consideração pelo bem estar das mulheres são diretamente proporcionais ao fato dela possuir emprego e renda e exercer direitos sociais como a educação formal e a propriedade, sendo uma questão de justiça. A agência requer a responsabilidade do agente para valorizar objetivos que reconhece como importantes conquistas para o próprio bem estar e, nesse caso, também a responsabilidade pelo bem estar do seu filho.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. elisa.eyken@ifrj.edu.br

Para a promoção do desenvolvimento neuropsicomotor das crianças também são importantes as instituições de Educação Infantil (EI) e seus indicadores de qualidade: a infraestrutura do espaço, a saúde dos agentes e das crianças e o saneamento do local, as atividades desenvolvidas e a estrutura oferecida para o desenvolvimento dessas atividades, os recursos humanos e as relações com os pais e com a comunidade. Essa relação com os pais é fonte de preocupação, e de incentivo, de algumas políticas públicas.

Observou-se uma mudança política recente que aponta para uma maior preocupação com a primeira infância. A promoção da saúde e de seus condicionantes, pela Estratégia Saúde da Família e o Programa Saúde Escolar, e a distribuição da renda, pelo Programa Bolsa Família e seus condicionantes, tem na oportunidade de desenvolvimento um importante foco. Por isso ações intersetoriais têm uma alta concentração na secretaria de educação e estudos sobre o Programa Bolsa Família revelam um impacto positivo sobre a saúde e a educação da população infantil.

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência dos autores na participação de oficinas de educação para saúde infantil e agência materna. Essas oficinas articularam o desenvolvimento infantil, a interação social, o autoconhecimento das mães (seus objetivos de vida e como, através de quais recursos e redes de ação, poderão alcançá-los), a aproximação de pais e filhos e a otimização dos ambientes físicos ofertados por uma instituição pública de Educação Infantil do Rio de Janeiro.

## **Metodologia**

Este relato de experiência é fruto da vivência de discentes e docentes participantes do Projeto de Extensão *“Justiça para a saúde e o Programa Bolsa Família: o desenvolvimento infantil visto através do papel de agente da mãe”*, aprovado e financiado pelo edital PROExt N. 03/2012, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ. O projeto contou com a participação de 14 alunos, de diferentes períodos, do Curso de Graduação em Fisioterapia do IFRJ, Campus Realengo, de duas docentes do curso, de profissionais, de mães e de crianças matriculadas na Creche Pública Municipal Recanto Feliz, entre junho de 2012 e junho de 2013.

No que se refere à sistematização deste processo, foi elaborado e assinado um Termo concordância com a Creche Recanto Feliz e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os participantes. Inicialmente foi realizada uma pesquisa que colheu dados sociodemográficos e de conhecimento sobre o desenvolvimento infantil. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa sob o parecer N. 249.030 de 04/04/2013. O Objetivo dessa pesquisa foi caracterizar sociodemograficamente e mapear o conhecimento sobre o desenvolvimento das participantes para estabelecer os temas das oficinas. O estabelecimento

dos temas também levou em consideração as conversas informais com os educadores e auxiliares da creche.

Durante essa pesquisa as mães, as profissionais de educação infantil e as auxiliares da creche responderam à Ficha de Identificação e Caracterização Sociodemográfica e a versão em português do *Knowledge of Infant Development Inventory* – KIDI – (Inventário de conhecimento sobre desenvolvimento infantil) criado e validado por MacPhee em 1981.

Os dados da Ficha de Identificação e Caracterização Sociodemográfica analisados para a confecção das oficinas diziam respeito a escolaridade e a serem ou não beneficiárias do Programa Bolsa Família, para as mães, e ao fato de terem participado de grupos, oficinas ou cursos sobre desenvolvimento infantil para todas.

Após análise e interpretação dos dados, houve uma divisão dos discentes em seis grupos para a construção das oficinas que tiveram como temas: Cores e Formas, Brincar, Lateralidade, Autocontrole, Autoconhecimento e Marcos do Desenvolvimento, sendo essas duas últimas voltadas para os pais e profissionais. Para elaboração dessas oficinas, os alunos realizaram busca bibliográfica para o amparo teórico de métodos que estimulassem esses conceitos, atendendo às necessidades apontadas pela pesquisa do projeto.

A oficina Cores e Formas teve como objetivo estimular, através de brincadeira, a cognição das crianças sobre cores e formas geométricas. Para tal foi proposto que as crianças vestissem aventais de papel que continham um forma geométrica (círculo, quadrado ou triângulo) de determinada cor (vermelho, azul ou amarelo) colada. Estas mesmas cores e formas foram dispostas no chão em um tapete composto de placas de EVA. As crianças identificaram no tapete as formas e cores dos aventais que vestiam.

A oficina do Brincar teve como objetivo ensinar uma forma de brincar que incentiva a colaboração entre a criança e o adulto. Dessa forma, pretendeu estimular o uso da imaginação dessas crianças, por meio da história e seus efeitos, e a aprendizagem por meio do brincar. Foi proposto um teatro de sombras e posteriormente a pintura do personagem principal da história contada. A história teve como tema o Índio pois era o tema que estava sendo desenvolvido, naquele momento, pela creche.

A oficina da Lateralidade propôs a brincadeira de Completar o Rosto. O objetivo foi estimular a lateralidade através da cooperação dos colegas para enfrentar situação nova. Foi colocado um quadro com a imagem de uma face incompleta. As partes da face (orelhas, olhos, sobrancelhas, nariz e boca) precisaram ser identificadas pelo toque (manuseio) de uma criança com os olhos vendados. Após a identificação, os colegas orientavam à colocação dessa parte na imagem incompleta.

A oficina de Autocontrole propôs duas atividades: Estátua e Corrida com bolas. O objetivo foi estimular o autocontrole e a coordenação motora frente a

uma ordem ou uma situação de competitividade. Na brincadeira de estátua foi pedido que as crianças dançassem ao som de uma música e quando a música parasse de tocar elas deveriam ficar paradas. Depois elas deveriam observar as posições que as parte do próprio corpo ficavam quando estavam paradas. A corrida com bolas proporcionou a realização competitiva de duas tarefas: correr ou caminhar enquanto jogava uma bolinha de um copo para outro. A criança deveria percorrer uma distância determinada, voltar e entregar a bolinha e os copos para a outra criança do seu grupo.

A oficina de Autoconhecimento foi realizada com as mães através de 2 Grupos Focais. O primeiro grupo (GF 1) foi composto por 6 mães de crianças cujas famílias fazem parte do programa BF há dois anos e o segundo (GF 2), por 6 mães que não recebem o benefício. O objetivo do grupo focal foi investigar a percepção das mães em relação à mudanças em suas vidas nos últimos 3 anos, ao bem estar e ao que elas valorizam para viver bem. Para os dois grupos foram utilizadas a dinâmica do conhecimento, que visa o conhecimento do outro, e a resposta, escritas com canetas coloridas em papel Craft, à 3 perguntas que direcionaram a discussão plenária: o que mudou na sua vida nos últimos 3 anos? O que provocou essas mudanças? O que faltou mudar? Em seguida houve a discussão sobre as respostas.

A oficina de Marcos do Desenvolvimento teve como objetivo apresentar os principais marcos do desenvolvimento neuropsicomotor entre 6 meses e 4 anos e discutir o aparecimento desses marcos com pais e profissionais da creche. Foi apresentado um bloco contendo imagens e/ou frases sobre as principais mudanças no comportamento neuropsicomotor das crianças. Em seguida, foi perguntado à platéia em qual idade essas mudanças aconteciam e qual foi a experiência dos pais e dos profissionais de creche, em relação às suas crianças, com essas mudanças.

## **Resultados**

Em relação aos resultados da pesquisa, participaram da mesma 12 mães, 2 de cada turma e 12 profissionais (2 de cada turma), sendo 6 professoras de educação infantil e 6 auxiliares de creche. Sobre a escolaridade das mães, a média de anos de estudo das mães que recebem BF foi de 11,5 anos ( $10 \pm 13$ ) de estudo e das que não recebem o BF foi de 12,3 ( $9 \pm 16$ ). A respeito da participação em grupos ou atividades sobre desenvolvimento infantil, nenhuma das mães beneficiárias do Programa Bolsa Família (6 mães) relatou ter participado e apenas uma das mães não beneficiárias (6 mães) relatou ter participado. Em relação aos profissionais da creche todas haviam participado de algum tipo de grupo sobre desenvolvimento infantil.

Sobre o conhecimento estabelecido pelo Inventário do Conhecimento de Desenvolvimento Infantil (KIDI), com relação ao grupo de mães beneficiárias do Programa Bolsa Família a média percentual de acertos foi de 64,8% ( $70,7\% \pm$

60%). Já no grupo de mães que não recebem o benefício a média percentual de acertos foi de 68,2% (76%  $\pm$  62,7%). Estatisticamente, pelo teste t a 95% (IC), essa diferença entre os grupos não se mostrou significativa (p 0,204). A média percentual do grupo total de mães foi de 66,6%. O resultado do KIDI do grupo de profissionais mostrou uma média percentual de acertos de 66,7% (80%  $\pm$  45,3%). Estatisticamente, pelo teste t a 95% (IC), a diferença entre o grupo total de mães e as profissionais não apresentou significância (p 0,973).

O resultado direto das oficinas sobre o desenvolvimento neuropsicomotor das crianças foi a construção de uma cartilha intitulada *Atividades Promotoras do Desenvolvimento Infantil*. Esta tem como objetivo dar subsídios para a creche e as famílias promoverem a facilitação do desenvolvimento das crianças através de atividades lúdicas e de participação em grupo.

Sobre as oficinas realizadas com as crianças (Cores e Formas, Brincar, Lateralidade e autocontrole) pudemos notar uma grande euforia e vontade de participar por parte das crianças e uma ótima relação de participação e colaboração das professoras e auxiliares com os alunos do IFRJ. As oficinas foram realizadas em turmas diferentes sendo que a oficina do Brincar foi realizada em duas turmas, em momentos diferentes, e a de Lateralidade foi realizada com duas turmas juntas.

A oficina Cores e Formas foi um sucesso, com uma admiração das crianças em relação aos aventais que vestiam. Apesar desse tema ser trabalhado pela creche com as crianças, percebemos uma dificuldade de fixação desse conhecimento, tanto em relação às formas quanto em relação às cores. Em relação a oficina do brincar, houve dificuldade de realizar as sombras devido à claridade da sala, mas contamos a história utilizando as imagens recortadas em papel (colocadas em palito de churrasco) que as crianças alegremente coloriram ao final da oficina. A participação imaginativa das crianças durante a história contada foi mais de surpresa e curiosidade do que de ajuda na construção da história. O material utilizado na oficina Lateralidade precisa ser revisto para facilitar a fixação das partes sobre a face guia. Apesar disso, pudemos observar a dificuldade das crianças relacionarem os comandos com os termos direita/ esquerda ou lado direito ou esquerdo, com o lado da face correspondente. A oficina de autocontrole demonstrou a grande dificuldade das crianças entenderem a brincadeira de estátua e de ficarem imóveis, mas houve progresso da atividade após a repetição da mesma. Em relação a atividade de corrida de habilidade, ela teve que ser modificada e na nova versão, as crianças apenas caminhavam até a cadeira e voltavam segurando a bola. Durante essa atividade, a participação mais direta da professora e da auxiliar, fez com que, além de todas as crianças participarem, fosse mais fácil controlar as crianças.

Em relação as oficinas oferecidas aos adultos, pudemos notar que o fato delas terem acontecido em um sábado cuja presença seria garantida, por ser durante uma reunião de pais, favoreceu a participação. A oficina Marcos do Desenvolvimento envolveu todos os presentes e foi bem recebida por todos. O

relato pessoal de pais e profissionais da creche ilustrou muito bem cada uma das mudanças que foram abordadas pelos alunos. Muitos se entusiasmaram em lembrar esses marcos e identificaram aqueles que precisavam ficar alertas em relação às crianças. A avaliação da oficina foi positiva e, por isso, foi feita uma proposta para que seja oferecida em outras oportunidades, com temas diferentes ou com a repetição deste, pois essas atividades *incentivam a participação dos pais nas reuniões*. As mães que participaram dos grupos focais tiveram relações diferentes com a atividades dependendo do grupo que ficaram. As mães beneficiárias do BF foram espontâneas nas discussões e lidaram com suas diferenças de forma positiva. Buscaram uma integração do grupo e discutiram de forma imparcial. Elogiaram a atividade e disseram que *precisavam mais desses espaços para que pudessem conversar mais*. No grupo de mães que não recebem BF houve uma menor participação espontânea e mais parcialidade durante as discussões. O grupo pareceu menos interessado na atividade talvez porque elas já estivessem preocupadas com a hora do almoço.

### **Considerações finais**

Este projeto permitiu entender o ensino, a pesquisa e a extensão como atividades acadêmicas que se complementam. O conhecimento antecipado pela pesquisa favoreceu a escolha dos temas das oficinas e a construção destas foi facilitada pelo conhecimento adquirido nas disciplinas que compõem o eixo saúde da criança, do curso de fisioterapia do IFRJ.

A partir da realização das oficinas foi observado, por todos os discentes participantes, que a atividade produzida foi relevante para a formação como profissionais da saúde. Foi possível, além de praticar o que é ensinado em sala de aula sobre desenvolvimento infantil, interagir com um possível público de trabalho.

Em relação às crianças, percebemos que foram participativas e pareceram assimilar o conteúdo apresentado em algumas oficinas. Uma dificuldade encontrada foi a de adequar as atividades à idade das crianças sem saber antecipadamente qual oficina seria oferecida a qual turma. Um planejamento com esse conhecimento prévio facilitará futuramente a adequação de propostas de oficinas para as crianças mais novas da creche. Acreditamos, também, que o contato com a turma antes das oficinas traria resultados de participação mais favoráveis, pois algumas crianças demoraram para se acostumar com a nossa presença. De qualquer forma, a ajuda das professoras e das auxiliares foi muito importante para a interação com as crianças.

Por fim, consideramos importante a continuidade de atividades como estas na creche em questão e que nós, alunos e fisioterapeutas, podemos facilitar o desenvolvimento dessas crianças.

# ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A RELAÇÃO DO PROTAGONISMO JUVENIL E A PROMOÇÃO DE SAÚDE EM UNIDADE DE INTERNAÇÃO MASCULINA NO RIO DE JANEIRO

Rafaella Mendes Soares<sup>1</sup>  
Mayara Luiz da Mota<sup>2</sup>  
Jônatas da Cruz Marreiros<sup>3</sup>  
Danubia Capucho de Oliveira<sup>4</sup>  
Susana Engelhard Nogueira<sup>5</sup>  
Janaína Dória Líbano Soares<sup>6</sup>

## Introdução

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) são penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos que cometem crime ou contravenção penal. A estes jovens são perpetradas medidas socioeducativas. Em seu artigo 112º, o ECA descreve as possíveis medidas as quais o órgão competente pode aplicar ao adolescente após verificada a prática do ato infracional. Entre elas está a medida de internação, que é descrita como aquela que coloca o infrator sob custódia do Estado, privando-o de liberdade total ou parcial.

Os conceitos de risco e vulnerabilidade são conceitos distintos, mas intrinsecamente relacionados, pois, enquanto risco refere-se às condições fragilizadas da sociedade num todo, a vulnerabilidade identifica as condições dos indivíduos e suas suscetibilidades à respostas e/ou consequências negativas. É neste contexto que estão inscritos os adolescentes que praticam atos infracionais e cumprem medidas socioeducativas.

A vulnerabilidade dos grupos sociais somente será superada quando se transitar a noção de carências sociais para o terreno de direitos sociais. Direitos e

---

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rafasoares.m@gmail.com

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: xx\_mayara\_xx@hotmail.com

3 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro. Email: jcmarreiros@gmail.com

4 Universidade Estácio de Sá. E-mail: danubiacapucho@globomail.com

5 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro. Email: susana.nogueira@ifrj.edu.br

6 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro. Email: janaina.soares@ifrj.edu.br

cidadania são conceitos que implicam na promoção de habilidades dos indivíduos e da coletividade em compreender, analisar, refletir e se conscientizar sobre a realidade, tornando-se assim, um cidadão participativo, gerando desenvolvimento pessoal e social. Neste âmbito, o PROJOVEM visa estimular o protagonismo juvenil para que adolescentes em conflito com a lei que cumprem medidas socioeducativas sejam capazes de adquirir uma maior competência e segurança na autogestão de suas vidas. Portanto, esta iniciativa tem como campo de intervenção social o enfrentamento das questões relacionadas aos adolescentes em conflito com a lei e a possibilidade de redução da reincidência do ato infracional, através da promoção de saúde, utilizando o protagonismo juvenil como estratégia central, entendendo este é o ato do adolescente ser o principal responsável no seu processo de desenvolvimento.

O PROJOVEM consiste então, em uma proposta integrada de promoção de saúde e direitos humanos que visa a inclusão social de adolescentes que cumprem medida socioeducativa. Tendo em vista que os riscos e as vulnerabilidades sociais emergem de diferentes fatores interdependentes, estratégias para reduzi-los e ampliar a inclusão requerem ações em várias frentes. Por isto, se faz a necessária discussão da relação entre saúde e direitos humanos, exigindo o planejamento para que elas sejam executadas de forma integrada e complementar.

### **Metodologia**

O cronograma do projeto foi dividido em duas etapas, a primeira abordou questões relativas a saúde, já a segunda abordou a noção dos direitos segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente numa perspectiva pessoal dos adolescentes. Nas duas etapas foram realizadas oficinas temáticas semanais, debates, exposições e a elaboração de um livro, que estimularam a plena participação destes adolescentes. Os encontros têm contado em média com a presença de 15 adolescentes entre 13 a 18 anos de idade e tem como objetivo favorecer o acesso a informação aos jovens sobre saúde e direitos humanos. Todos os dados foram registrados em diários de campo e discutidos em grupo pela equipe de pesquisadores. Até o presente momento quarenta e dois adolescentes participaram das atividades propostas pelo projeto.

Na primeira etapa foram discutidos os temas “Doenças sexualmente transmissíveis”, “Drogas e seus efeitos”, “Urgência e Emergência” e “Saúde e o ECA”. A segunda etapa encontra-se em processo e já foram discutidos os temas “Ato infracional e medida socioeducativa: por quê e pra quê?”. “Educação”, “Coerência”, “Coragem e transformação” e “Autoconhecimento”. Todos os temas foram articulados aos artigos do ECA. Esta etapa pretende discutir e aprofundar as noções de direitos e deveres dos adolescentes.

### **Resultados**

Participaram da primeira etapa do projeto 22 adolescentes entre 13 e 18 anos incompletos, adolescentes que cumprem medida socioeducativa na Escola João Luiz Alves. É importante salientar que os temas abordados foram indicados pelos adolescentes de acordo com seus interesses.

O primeiro tema abordado foi “Doenças sexualmente transmissíveis” através de uma dinâmica de grupo, exposição e descrição das mais recorrentes doenças sexualmente transmissíveis. Este encontro contou com a presença de 14 adolescentes, os quais tiveram algumas dúvidas sobre os métodos contraceptivos, gravidez e também prevenção e tratamento destas doenças.

O tema seguinte “Drogas e seus efeitos” foi apresentado a um grupo de 6 adolescentes através de um jogo de encaixar as definições, os conceitos e efeitos das drogas que foram divididas em três grupos (Drogas depressoras, estimulantes e perturbadoras). Os adolescentes se mostraram interessados, apresentaram dúvidas sobre os efeitos e conceitos. Contudo, o conteúdo exposto pela equipe esclareceu algumas questões. Muito se foi perguntado sobre os diversos efeitos similares de drogas diferentes (que pertencem ao mesmo grupo). Alguns adolescentes negaram o uso de drogas, outros desconheciam a existência de algumas drogas. Alguns desconheciam também, que nicotina e álcool são considerados drogas. As mais conhecidas entre eles eram maconha e seu efeitos, o lança perfume e a cocaína.

O terceiro tema “Urgência e emergência” foi abordado também através de um jogo, o qual a partir de uma situação exposta pela equipe os adolescentes indicariam se era caso de emergência ou urgência. Ao apresentar os dois conceitos (Emergência e Urgência) uma pequena parcela do grupo de 14 adolescentes achou que nada além da nomenclatura diferenciava estes dois conceitos. Porém, com o desenvolvimento da atividade a maior parte afirmou que urgência seria algo rápido, neste conceito não fizeram associação com a saúde e sim com a vida cotidiana e seus problemas sociais. Já conceito de emergência foi relacionado às ações hospitalares.

O quarto e último tema abordado na primeira etapa deste projeto foi “Saúde e o ECA”, o qual contou com uma dinâmica de grupo que sinalizava se os direitos relativos à saúde estavam sendo cumpridos, esclarecia os direitos e deveres destes adolescentes, além de estimular a conscientização destes adolescentes sobre seu corpo. Diante deste encontro os adolescentes indicaram algumas mudanças, as quais representariam as condições que eles acreditam que seriam ideais e seus anseios no âmbito da saúde.

Iniciando a segunda etapa do projeto, foi realizado um encontro com o tema “Ato infracional e medida socioeducativa: por quê e pra quê?”, onde se discutiu os motivos de se cometer o ato infracional, todas as pessoas envolvidas neste ato (vítima e adolescente) e a eficiência e eficácia das medidas socioeducativas. O encontro com 13 adolescentes indicou que na maioria dos casos a motivação maior é a falta de condição econômica que leva os adolescentes a cometerem estes atos e que o sistema socioeducativo ainda é muito precário no que se diz respeito à ressocialização destes adolescentes.

No segundo encontro foi trabalhado o tema “Educação” com 8 adolescentes através de um jogo com frases para os mesmos comentar relatos de experiência e a sua opinião de acordo com o sub temas retirados em cada papel. Percebeu-se que os adolescentes acreditam que a educação é a base do conhecimento, sendo exercida através do respeito. Mas, em contrapartida há uma confusão entre a importância da educação escolar e educação familiar, tendo em vista que estes

adolescentes afirmam que a educação deve partir somente do ambiente familiar, tendo uma perspectiva negativa relacionada à educação escolar, interpretada como de má qualidade ou também por eles não atribuírem à escola um papel de colaboradora no processo educacional, como se fosse isenta dessa função.

O terceiro encontro contou com a presença de 16 jovens, tendo como objetivo explorar o tema “Coragem” como um meio de incentivá-los a buscarem mudanças em suas vidas, ressaltando a coragem como ponto de partida para se obter a transformação de uma realidade. Neste encontro foi trabalhado o ECA em seu capítulo V (art. 60 à 69), com a intenção de mostrar a importância de ter coragem para usar o que se aprendeu na reclusão com o objetivo de mudar de vida e transformar a realidade.

O quarto encontro abordou o tema “autoconhecimento” com a intenção de estimular o reconhecimento da identidade de cada adolescente e a importância dos valores para tal processo, contando com a presença de 16 adolescentes. Neste encontro foi apresentado o Capítulo II do ECA com a finalidade de expor a estes adolescentes que os mesmos estão em uma fase de desenvolvimento e que apesar das mudanças ocorridas em suas vidas, são portadores de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

### **Conclusão**

Visto que o projeto ainda está em andamento, nem todos os objetivos foram alcançados e/ou concretizados. Contudo, podemos afirmar que as ações do PROJovem têm possibilitado aos adolescentes o acesso à informação, o esclarecimento de algumas dúvidas sobre saúde e direitos humanos, além de estabelecer uma estreita relação destes com a equipe, o que por sua vez facilita o desenvolvimento das atividades propostas.

Com isto o PROJovem contribuiu também para o amadurecimento da concepção de saúde, direitos e deveres de alguns jovens que participaram dos encontros. Por meio desse tipo de ação, os adolescentes adquirem e ampliam seu repertório interativo, aumentando assim sua capacidade de interferir de forma ativa, consciente e construtiva em sua realidade.

Há, portanto, uma necessidade de continuidade desta discussão sobre a saúde dentro da realidade destes adolescentes, entendendo que os encontros semanais através de oficinas temáticas não esgotaram as inquietações sobre tal tema. Com base nos relatos dos adolescentes verificou-se também a necessidade de aprofundar questões relacionadas aos direitos e deveres destes.

Esse projeto de extensão foi viabilizado pelo Edital Pró extensão – IFRJ e pelo edital Nacional PROEXT 2013 MEC/SESu/IFRJ. Através de processo seletivo interno, cotas de auxílio a elementos de despesa de custeio foram investidas no projeto de extensão. Com o apoio financeiro do CNPq dois alunos de pesquisa PIBICT participam deste projeto, além dos 9 alunos contemplados com bolsas de extensão PROEXT 2013 MEC/SESu/IFRJ. Esta possibilidade permitiu que novos alunos participassem desta proposta multiprofissional, incluindo no ano de 2013 a participação do projeto em unidade de internação feminina.

## ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE: RELAÇÃO ENTRE O PROTAGONISMO JUVENIL E A PROMOÇÃO DE SAÚDE

Jonatas da Cruz Marreiros<sup>1</sup>  
Adriana Lustoza Ferreira da Silva<sup>2</sup>  
Susana Engelhard Nogueira<sup>3</sup>  
Janaína Dória Líbano Soares<sup>4</sup>

O presente trabalho visa apresentar e discutir ações de promoção da saúde com adolescentes em conflito com a lei do sexo masculino em duas unidades de cumprimento de medidas socioeducativas no Rio de Janeiro.

### Contextualizando

Adolescência é o período de doze a dezoito anos incompletos. Sobre os adolescentes não são imputadas penas, mas sim medidas socioeducativas, uma vez que não cometem crimes, mas atos infracionais. A promoção da saúde representa um campo de ação amplo que exige o envolvimento da população, para que esta incorpore estilos de vida saudáveis e melhore o seu autocuidado. Por sua vez, promover a saúde de jovens infratores exige o desafio da criação de estratégias mais eficazes de participação, rompendo com o modelo tradicional de educação em saúde - através do qual os objetos da ação educativa são simplesmente receptores passivos de informações - para praticar um novo modelo de educação, que se relaciona com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), em que os indivíduos são convidados a construir coletivamente uma consciência crítica, ética e cidadã, para transformação das condições de vida, no sentido de promover saúde no aspecto integral.

O Protagonismo Juvenil, como estratégia central, possibilita que os adolescentes promovam mudanças de atitudes e de comportamento, além de favorecer escolhas mais saudáveis, adquirindo competência e segurança na auto-gestão de suas vidas.

---

1 IFRJ. jcmarreiros@gmail.com

2 Secretaria de Estado de Educação. alustoza@educacao.rj.gov.br

3 IFRJ susana.nogueira@ifrj.edu.br

4 IFRJ. janaina.soares@ifrj.edu.br

## Resultados

As atividades foram desenvolvidas na unidade de internação provisória (Centro Socioeducativo Dom Bosco) e na unidade de internação (Escola João Luís Alves). O projeto desenvolveu-se em três etapas nos anos de 2011, 2012, 2013. A estratégia metodológica inicial em ambas as unidades foi a criação do banco de dados desses adolescentes. Após o mapeamento do público alvo foram iniciadas oficinas temáticas com eixos norteadores em ambas as unidades.

Na segunda etapa do projeto, os adolescentes da unidade de internação elaboraram um vídeo documentário com assuntos pertinentes a sua atual condição.

A terceira etapa do projeto priorizou a discussão sobre a busca de direitos relevantes para uma perspectiva de vida saudável desses adolescentes (educação, família, projeto de vida, sistema socioeducativo, justiça, direitos humanos). As estratégias metodológicas adotadas proporcionaram aos adolescentes uma oportunidade de reflexão sobre suas atitudes, além da possibilidade de discussão entre os pares sobre assuntos de interesse comum. Esta etapa permitiu a aquisição de conhecimentos específicos sobre saúde e seus direitos em saúde regulamentados por lei.

Ao analisar os dados constatou-se os 17 anos como faixa etária predominante, tanto no ano de 2011 e 2013. A frequência escolar antes da internação representou 66% de permanência nos estudos e 34% de afastamento da escola (ano 2011).

Ao observar as atividades laborativas desses adolescentes percebe-se que, em grande parte, estavam ligadas ao narcotráfico. Os adolescentes desse estudo, em sua maioria, apresentam o desejo de viverem longe da criminalidade, mas os dados de reincidência evidenciam o contrário, ao apresentarem altos valores. Outro resultado importante a ser relatado é sobre a visão desses adolescentes sobre o futuro. Para essa população o futuro está limitado a sair da medida socioeducativa, apresentando características imediatistas. Observando os resultados referentes ao uso de substâncias ilícitas percebe-se que os números são significativos, mas os adolescentes relataram que não cometem os atos infracionais para obtenção dessas substâncias ilícitas. As mais utilizadas foram maconha, cocaína, crack.

A estrutura familiar predominantemente observada foi monoparental (somente convívio com um dos pais). A figura maternal foi a mais citada como referência familiar mais importante na vida desses adolescentes. Pode-se perceber também que a maioria dos adolescentes relatou que algum de seus familiares já cumpriu ou cumprem alguma pena.

Em 2011, em referência aos agravos à saúde que acometem essa população, a maioria relatou apresentar algum dos principais agravos à saúde citados a seguir: frieiras, depressão, micose e tosse. Os adolescentes no ano de 2013 identificaram programas de atenção ao uso de álcool e outras substâncias psicoativas disponíveis na unidade de internação. No que tange a vida sexual desses adolescentes, 83%

dos adolescentes entrevistados na primeira etapa do presente trabalho relataram fazer o uso de preservativo em suas relações sexuais.

De acordo com as oficinas temáticas desenvolvidas (Corpo e autocuidado, Vocação para empreender, Valores humanos, Saúde sexual, Drogas, Emergência e urgência e Direitos em saúde) pode-se observar que os adolescentes possuem conhecimento sobre higiene e cuidados com a saúde sexual, apesar de algumas vezes não praticarem o conhecimento que possuem. O público alvo apresentou baixa auto-estima e uma visão limitada de futuro, dificultando uma construção completa de um projeto de vida. Esses adolescentes conhecem os efeitos nocivos e perturbadores das drogas utilizadas. Os adolescentes apresentam entendimento básico para situações de emergência e urgência, e as primeiras atitudes a serem prestadas, mas em referência aos seus direitos em saúde, os mesmos possuem dificuldades em relatar ou discorrer sobre estes.

### **Considerações Finais**

A experiência com o público alvo demonstrou que, apesar das dificuldades enfrentadas devido a dinâmica das unidades e a complexidade de inserção nesse campo de pesquisa, o presente trabalho indica que o protagonismo juvenil pode ser uma estratégia eficaz de promoção de saúde integral aos adolescentes privados de liberdade, pois oportuniza a esses adolescentes uma chance de apresentarem sua visão, debaterem assuntos de interesse próprio, serem escutados, além de propiciar um momento de reflexão sobre suas ações que podem ajudar na construção de um projeto de vida àqueles que desejarem. Nesse sentido, vale ressaltar que esta iniciativa contribuiu de forma positiva na vida desses adolescentes ao oportunizar momentos de reflexão e valorização de sua vida e das relações interpessoais. Foi importante discutir assuntos referentes à saúde e sobre os direitos desses adolescentes privados de liberdade, como uma estratégia para a promoção de saúde em seu aspecto mais amplo.

Outra consideração importante para ser abordada é se as políticas de saúde e educação voltadas aos adolescentes estivessem implantadas e executadas efetivamente, outro cenário poderia ser observado em relação, por exemplo, a redução de atos infracionais cometidos por esta população. É necessária a implantação de políticas públicas, visando um projeto de vida mais sólido para esses adolescentes, trabalhando os laços comunitários.

Importante seria que a sociedade identificasse a capacidade transgressora das leis desses adolescentes como uma fonte de vitalidade, que necessita de oportunidades, tendo em vista que uma adolescência pacificada não é um indicativo de sucesso.

A continuidade desse trabalho é de total importância para a manutenção e propagação das estratégias de promoção de saúde com adolescentes privados de liberdade. Esse trabalho está em fase de publicação de um livro com os resultados abordados simplificadamente nesse artigo. O presente trabalho também foi temática de Trabalho de conclusão de curso do aluno Jônatas Marreiros, graduando em Farmácia do Campus Realengo do IFRJ.

Esse projeto de extensão foi viabilizado pelo Edital Pró extensão – IFRJ e pelo edital Nacional PROEXT 2013 MEC/SESu/IFRJ. Através de processo seletivo interno, cotas de auxílio a elementos de despesa de custeio foram investidas no projeto de extensão. Com o apoio financeiro do CNPq dois alunos de pesquisa PIBICT participam deste projeto, além dos 9 alunos contemplados com bolsas de extensão PROEXT 2013 MEC/SESu/IFRJ. Esta possibilidade permitiu que novos alunos participassem desta proposta multiprofissional, incluindo no ano de 2013 a participação do projeto em unidade de internação feminina.

# ESTRATÉGIAS PARA PROMOÇÃO DE SAÚDE DE ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM UNIDADE DE INTERNAÇÃO FEMININA NO RIO DE JANEIRO

Monique Fernandes da Silva<sup>1</sup>  
Carolina Glória Faria Monteiro<sup>2</sup>  
Elizabeth de Nazareth Nascimento<sup>3</sup>  
Ester Rebeca Filipini<sup>4</sup>  
Jessica Ribeiro de Castro<sup>5</sup>  
Thainan de Fátima Ferreira dos Santos<sup>6</sup>  
Thaís dos Santos Barbosa Fonseca<sup>7</sup>  
Susana Engelhard Nogueira<sup>8</sup>  
Janaina Dória Líbano Soares<sup>9</sup>

## Introdução

A adolescência é um período de transição, permeada por conflitos, onde o jovem começa a se responsabilizar por seus atos, podendo estar vulnerável a cometer atos infracionais. As adolescentes em conflito com a lei do Estado do Rio de Janeiro, em cumprimento de internação, são levadas ao Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (CENSE-ACGC) do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), órgão responsável em promover medidas socioeducativas, indicado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Considerando este contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar e

- 
- 1 Universidade Estácio de Sá. Email: monique.uilos@gmail.com
  - 2 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro. Email: carolinagfm@yahoo.com.br
  - 3 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro. Email: elizabethsto@hotmail.com
  - 4 Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: esterfilipini@gmail.com
  - 5 Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: jessicaa\_ribeiro@hotmail.com
  - 6 Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: thainanmpx@yahoo.com.br
  - 7 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro. Email: thais\_b@hotmail.com
  - 8 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro. Email: susana.nogueira@ifrj.edu.br
  - 9 Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio de Janeiro. Email: janaina.soares@ifrj.edu.br

discutir o protagonismo juvenil, promoção da saúde e direitos humanos, como ferramentas para auxiliar as adolescentes a fazerem escolhas mais saudáveis e serem mais autônomas em suas vidas.

### **Metodologia**

Têm sido realizadas atividades que acontecem uma vez por semana, das quais participam em média 14 meninas entre 12 e 19 anos. A partir dessas atividades, busca-se estimular aspectos como: criatividade, trabalho em equipe, conhecimentos de saúde e direitos humanos, crítica e intervenção na realidade por meio de temas sugeridos pelas adolescentes ou por demandas observadas ao término dos encontros.

### **Resultados**

Os resultados provêm da problematização de cada temática alvo que é proposta, e de subsequente diálogo que permite- tanto à equipe multidisciplinar como ao público alvo – analisar o tema central discutido a cada atividade realizada. A participação no grupo é livre, pois a rotatividade das adolescentes é grande, já que se trata também de uma unidade de internação provisória.

Foram abordados os temas: noções de saúde, respeito, preconceito, saúde sexual, drogas, conflitos, ato infracional, ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), Passado, Presente e Futuro, nos quais as meninas tiveram a oportunidade de expor os seus pensamentos e atitudes diante do tema aplicado. Alguns foram sugeridos pela equipe, os outros pelas meninas e pela instituição.

No encontro sobre Noções de Saúde, as adolescentes demonstraram ter noção do que é saudável e do que não é, além da importância de se ter hábitos saudáveis, mas confessaram que nem sempre os têm, comprometendo assim sua qualidade de vida.

Houve dois encontros sobre o tema Respeito. As meninas mostraram como é difícil para elas respeitar alguém de maneira generalizada. Muitas dizem só respeitar quem as respeita, mas assumiram o quanto é importante respeito para a convivência entre elas.

Foram dois encontros sobre Preconceito. No primeiro, elas deram ênfase à discussão sobre o preconceito em relação aos homoafetivos. No segundo encontro, os pesquisadores tiveram a oportunidade de perceber, através das encenações delas, o olhar das meninas a respeito de preconceito linguístico, social, racial e em relação à opção ou condição sexual do outro.

No encontro sobre Saúde Sexual, elas apresentaram as dúvidas frequentes dos adolescentes em relação ao tema, tanto quanto ao exercício da sexualidade como a respeito dos métodos contraceptivos, mas houve também dúvidas sobre a maternidade, já que muitas adolescentes já são mães.

Houve dois encontros sobre Drogas. Esse foi um dos temas mais impactantes, pois algumas se declararam dependentes químicas, outras falaram dos dramas

familiares em decorrência do uso e venda das drogas. Discutiui-se sobre comércio e consumo de drogas lícitas e ilícitas.

O tema "Conflitos" foi trabalhado em dois encontros. No primeiro, tratamos da importância de se administrar conflitos internos e externos para uma vida mais saudável. A princípio, as meninas, ao invés de administrar o conflito, agravavam-no por tentarem resolver as situações de forma violenta e inconsequente. Elas perceberam que boa parte dos conflitos exigia diálogo e busca de autoconhecimento. O segundo tratou de conflitos com os pais. As adolescentes ouviram e interpretaram a canção Pais e Filhos (Legião Urbana), e muitas apresentaram suas histórias e seus conflitos familiares.

O encontro sobre ato infracional levantou a questão sobre os motivos que levam um(a) jovem a cometer um ato infracional, os resultados foram diversos como: necessidade, relacionamento, envolvimento com drogas. Também foram trabalhados os resultados dessas ações, o porquê da existência de uma instituição que justamente serve como uma forma de punir esse ato com a retirada da liberdade (assim surgiu a necessidade de se trabalhar o ECA em uma próxima reunião para que se entendesse a necessidade e funcionalidade de uma instituição de socioeducação). Por fim foi pedido que elas colocassem desenhos ou frases através dos quais elas pudessem se expressar sobre o ato infracional, sobre as consequências que esse trouxe e possibilidades de traçar um novo plano de vida depois do ato infracional. A atividade contou com a participação de todas com frases e desenhos.

No encontro sobre o ECA, foi feita uma discussão sobre direitos e deveres presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente, através da dinâmica em que cada adolescente tinha o poder de apresentar um direito para si mesma e um dever para a colega. As meninas se mostraram muito entusiasmadas ao apresentar o direito. No entanto, quando lhes era apresentado o dever, mostraram-se incomodadas. Tratamos da importância de se seguir as regras e conhecer os direitos.

A atividade falando sobre passado, presente e futuro e suas consequências foi elaborada através da confecção de uma pequena cartilha, onde elas poderiam falar através de desenhos ou palavras sobre o seu passado, presente e futuro. Elas tiveram dificuldade de falar sobre o seu passado na roda aberta, mas escreveram sobre ele na cartilha. Elas demonstram sentir muita tristeza e dor ao lembrar o que as levou a estarem naquele local. Mesmo quando falamos que elas poderiam lembrar os fatos positivos sobre o seu passado, elas não conseguiram elaborar e só se lembravam do delito cometido. Sobre o presente elas foram bem enfáticas em dizer que estavam tristes e não viam a hora de sair daquele lugar e estar novamente com as pessoas que amavam. No futuro elas falaram que queriam uma mudança positiva sobre ele, que pensavam em fazer algo diferente como trabalhar, estudar e estar com suas famílias. Falaram que não pretendiam de forma alguma retornar para aquele local.

O tema Valores Humanos foi introduzido com o objetivo de tratar da importância dos Valores Humanos para a vida em sociedade, mostrar que o desenvolvimento dos valores humanos pode contribuir para uma vida feliz e saudável e identificar a aplicação dos valores humanos em situações cotidianas. O tema foi introduzido com uma dinâmica que proporcionou ligar as situações, frases a valores.

O interessante foi que, no decorrer da atividade, os valores se confundiram e- mesmo de certa forma errados- foi possível compreender a interlocução dos valores, como eles se completam e que só juntos podem construir uma melhor qualidade de vida em sociedade. Ao mesmo tempo em que elas colocam esses valores como utópicos, também mostram que esses são desejados. O tema foi bem aceito e contou com a participação de todas na elaboração de um cartaz com figuras e pensamentos positivos, além dos valores que as meninas mais tivessem vontade de ter ou aplicar.

Percebeu-se que o tema aborto é polêmico entre as meninas, tendo sido necessária a realização de dois encontros para uma discussão mais ampla. No primeiro encontro, através de um teatro, as meninas encenaram o destino de uma adolescente grávida que não tinha o apoio do namorado e que tinha medo das reações familiares. Nessa atividade, ao se colocarem na perspectiva da personagem encenada, todas as adolescentes optaram em não realizar o aborto, mesmo diante das dificuldades que ela viria a enfrentar. Nas encenações improvisadas no imediatismo, as adolescentes expressaram um posicionamento que não isentava namorado da jovem de sua responsabilidade de pai, o que demonstrou uma concepção de responsabilidade mútua entre homem e mulher para com um filho.

O segundo encontro sobre aborto foi com intuito das meninas darem as opiniões sobre os impactos que um aborto pode causar. Essas opiniões foram sobre diversas situações passadas a elas como os impactos na saúde e na sociedade que o aborto pode causar. Aconteceu um debate sobre as leis e sobre a opinião particular de cada uma sobre isso. O tema nos deu abertura para que cada uma contasse suas experiências ou que expusessem seus sentimentos e crenças. Foi possível abordar causas que levam ao aborto como condição social e familiar que deixou a discussão mais flexível e dinâmica.

## **Conclusão**

O presente trabalho é parte integrante do programa PROJOVEM. Com sua equipe multidisciplinar e metodologia participativa, esta iniciativa leva à constatação da realidade dos adolescentes em conflito com a lei e a de toda a sociedade, permitindo uma análise mais crítica que extrapola uma percepção empírica, atingindo uma discussão mais ampla, sem pré-julgamentos ou preconceitos. O protagonismo desejado é capaz de transformar as condições objetivas e subjetivas dos adolescentes e de permitir a transformação da maneira em que estão inseridos nas expressões de saúde e de direitos humanos.

Esse projeto de extensão foi viabilizado pelo Edital Pró extensão – IFRJ e pelo edital Nacional PROEXT 2013 MEC/SESu/IFRJ. Através de processo seletivo interno, cotas de auxílio a elementos de despesa de custeio foram investidas no projeto de extensão. Com o apoio financeiro do CNPq dois alunos de pesquisa PIBICT participam deste projeto, além dos 9 alunos contemplados com bolsas de extensão PROEXT 2013 MEC/SESu/IFRJ. Esta possibilidade permitiu que novos alunos participassem desta proposta multiprofissional, incluindo no ano de 2013 a participação do projeto em unidade de internação feminina.

## DESMEDICALIZAÇÃO DA VIDA E AMPLIAÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Roberta Pereira Furtado da Rosa<sup>1</sup>  
Helen Lugão<sup>2</sup>  
Luciane Silveira<sup>3</sup>  
Sandra Araujo<sup>4</sup>

O presente estudo teve como proposta acompanhar um dispositivo de cuidado que funciona na rede de saúde mental no município do Rio de Janeiro: o ambulatório de Saúde Mental que é um dos primeiros dispositivos de atenção em saúde mental na reforma psiquiátrica brasileira. Este dispositivo vem como uma das alternativas para substituição da assistência psiquiátrica centrada no manicômio. A intenção deste projeto de extensão foi propor uma ação em uma unidade de saúde da Área Programática 5.1: o Centro Municipal de Saúde (CMS) Professor Masao Goto, localizado em Jardim Sulacap – Rio de Janeiro. Essa ação teve como tema central a medicalização da vida no contexto da saúde mental como um assunto pertinente à ser problematizado no espaço de cuidado do ambulatório por ser tema recorrente na busca pelo cuidado neste espaço. O objetivo do trabalho foi desenvolver estratégias de desmedicalização da população atendida no ambulatório de Saúde Mental do CMS Prof. Masao Goto, a partir de ações coletivas desenvolvidas nas oficinas articulando tais atividades à rede de saúde mental local a qual este serviço se insere.

O projeto contou diretamente com uma coordenadora que é docente do curso de Terapia Ocupacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ – Campus Realengo) e três alunas voluntárias inscritas no curso de graduação em Terapia Ocupacional deste Instituto.

- 
- 1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ – Campus Realengo.  
E-mail: robertafur@gmail.com
  - 2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ – Campus Realengo.  
E-mail: lugão1930@hormail.com
  - 3 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ – Campus Realengo.  
E-mail: Lucianesilveira@live.com
  - 4 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ – Campus Realengo.  
E-mail: Smssa1962@gmail.com

Os sujeitos pesquisados foram a equipe que trabalha no Ambulatório de saúde mental que se interessou pelo estudo e os usuários do serviço que foram indicados e quiseram participar. Não participou do projeto pessoas menores de idade.

A proposta foi analisar o funcionamento do serviço, sua inserção na rede de saúde mental no que se refere às ações conjuntas com essa rede, as dificuldades presentes e os modos de enfrentamentos. Propôs também a criação de uma oficina com temática própria “Ampliação do cuidado em saúde mental” realizada pelos alunos voluntários e pela coordenadora do projeto. A clientela atendida foram os usuários do Ambulatório de Saúde Mental mediante encaminhamento dos profissionais desta unidade a partir dos grupos que já aconteciam neste espaço e pelos grupos de recepção.

Essa oficina teve como intenção analisar o modo de cuidado que estes usuários solicitam e exercem sobre si mesmos e como pensam questões como autonomia e co-participação nos atendimentos. A proposta de funcionamento da mesma foi de um tempo de seis meses com encontros semanais de 1:30h acontecendo no auditório do CMS Prof. Masao Goto.

Os dados do projeto foram colhidos a partir de: questionário não estruturado realizado com a equipe de profissionais e coleta de dados em prontuários e informações colhidas nas oficinas onde se observou: motivo da busca pelo tratamento, se foi encaminhado por outro serviço, sexo, idade, tempo de uso de psicofármaco, se possuía algum vínculo social/de trabalho e o território onde morava. Estes dados foram analisados de forma qualitativa identificando questões relacionadas à autonomia, cuidado em saúde, medicalização da vida, conectividade da rede de saúde mental e demandas de tratamento. Tais dados foram sistematizados e debatidos junto à equipe do Ambulatório de Saúde mental do CMS Masao Goto e aos usuários que freqüentaram a Oficina. Esse debate teve a intenção de repensar coletivamente o cuidado nesse espaço com a proposta de ampliação deste cuidado. Pretendeu-se também analisar sua proximidade com a rede de saúde mental no que se refere ao trabalho conjunto e a co-responsabilização com os demais serviços que compõem a rede de saúde mental da região. As ações visaram seguir uma abordagem interdisciplinar e multiprofissional.

Essa oficina buscou trabalhar temas que pudessem problematizar o uso do medicamento como fator principal ou único de tratamento dessas pessoas. Para isso foram propostas algumas temáticas que facilitassem repensar o lugar do medicamento nas suas vidas. A proposta partia da fala e do fazer em grupo mesclando dinâmicas, jogos, conversas, construção plástica e seleção de trechos de textos como: Guia de Gestão Autônoma da Medicação (GGAM-BR); Cartilha da ANVISA: “O que devemos saber sobre os medicamentos”; Carta de Otawa; entre outros. As principais temáticas abordadas foram: Conceito de Saúde,

Desmedicalização da vida, construção de autonomia, ampliação da rede de apoio social e direito dos usuários em saúde mental.

Ao primeiro momento pôde-se observar em alguns participantes certa resistência em relação à temática proposta pelo projeto, notado pelo movimento de não adesão à oficina.

Nota-se que a compreensão sobre a medicalização da vida também como uma medicalização do social não é entendida de maneira ampla e se restringe à idéia do uso do medicamento prescrito pelo médico. Ficou patente o desconhecimento sobre o que ingeriam, como e qual era a atuação dessa medicação sobre seus corpos e, se poderiam estar substituindo por outra se a mesma não estivesse fazendo bem. Observamos nas falas um mau uso da medicação, ligada a uma auto-medicação.

Notamos que a relação com a medicação se torna problemática a medida que ela é colocada como centro de resolução de problemas na vida e as demais atividades e recursos na comunidade não são considerados.

Observamos que no decorrer do grupo as temáticas apresentadas e discutidas, assim como as vivências e atividades experimentadas pelos participantes permitiu construir outro modo de pensar o cuidado e a saúde de cada um. Principalmente como eles próprios vêm cuidando de si mesmos e vêm lidando com seus próprios sofrimentos.

Identificamos o aumento da responsabilização e empoderamento dos participantes em relação ao cuidado com sua própria saúde e a compreensão deste conceito de forma mais ampla o que facilita o próprio usuário em saúde mental ser protagonista de seu tratamento.

Compreendemos a medicalização da vida também como uma medicalização do social. Segundo Tesser (2006) seria um processo de expansão progressiva do campo da biomedicina a partir de uma redefinição da experiência humana convertida em problemas médicos.

Consideramos que muitos problemas em saúde mental que são complexos vêm seguindo o mesmo padrão de tratamento que passa exclusivamente pela prescrição de medicamentos. Este estudo mostrou que outras intervenções que ampliam a participação do usuário em seu tratamento são indispensáveis na melhora do mesmo. Compreendemos que tais ações estão diretamente ligadas à proposta da Reforma Psiquiátrica brasileira na busca pela ampliação da cidadania deste usuário.

Foi observado que esta ação possibilitou repensar a busca pelo cuidado e o modo como cada um busca seu próprio cuidado. Notamos que os meios mais rápidos são preferenciais na crença que sofrimentos complexos podem ser resolvidos com respostas simples. Nesta experiência a partir de uma oficina em grupo foi possível perdurar nas questões apresentadas e experimentar atividades propostas para permitir que cada participante fizesse reflexões acerca do que eles mesmos

buscaram ao solicitarem um atendimento no ambulatório de saúde mental. A intenção principal desta intervenção não foi a redução da medicação utilizada pelos participantes. Isso poderia ser consequência, mas seu objetivo principal foi fazer com que o medicamento pudesse sair da posição de destaque na vida destas pessoas e pudesse estar ao lado de outras alternativas de cuidado que eles mesmos pudessem buscar para si, ao se apoderar de seu tratamento. A medicação aí não seria a única nem principal, mas apenas mais uma possibilidade.

A construção da rede de apoio; a compreensão da idéia de autonomia como construção de redes de relações e suporte social; a diferenciação de medicação e remédio como algo que eles podem buscar para si; entre outros temas serviram como canal de acesso aos participantes. As atividades na oficina permitiram criar um espaço grupal de acolhimento que facilitaram nas respostas finais de cada um. Ao final dos encontros observamos questões como o reconhecimento do sofrimento de outra maneira, como parte da vida e desta forma podendo ser superado a partir das modificações do próprio modo de agir de cada um. Observamos que ao longo de todo o processo o grupo se construiu junto desmontando a dualidade entre sujeito da pesquisa e objeto pesquisado. Muitas vezes o direcionamento inicial era modificado pelo próprio movimento que o grupo tomava. Isso permitiu que as questões pudessem ser trabalhadas seguindo o desejo que era suscitado neste espaço de encontro. Compreendemos que tais ações estão diretamente ligadas à proposta da Reforma Psiquiátrica brasileira na busca pela ampliação da cidadania deste usuário e isso se aproxima da idéia que Liberato (2009) traz sobre cidadania.

A luta pela cidadania mostra-se intimamente ligada à participação efetiva da população no que se refere à tomada de decisão sobre sua vida e sua saúde. Assim vemos que a questão do modo de organização social pautado na lógica da medicalização precisa ser levado em conta na intenção de ser questionado e problematizado, no que tange o próprio direito a bens e serviços e, principalmente, no que diz respeito à autonomia dos usuários em escolherem o modo como querem ser cuidados.

Este projeto de extensão teve seus limites no que se refere à quantidade de participantes e decorrente disso poucos dados coletados que facilitassem sua ampliação e sistematização. Compreendemos, no entanto, que mais ações que tomem como orientação a maior responsabilização do usuário em saúde mental em relação ao cuidado de si mesmo auxiliarão na construção de uma saúde que possa se dar sempre no coletivo. A partir dos resultados obtidos neste projeto foi possível a ampliação do mesmo a partir da submissão e aprovação pelo Programa de Educação pelo trabalho para a Saúde – PET Saúde / Redes de Atenção, vinculado ao PRÓ Saúde Institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ – Campus Realengo.

# MULHERES DE SOL A SOL: EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO E AUTONOMIA COM MULHERES E ACOMPANHANTES ATENDIDAS PELOS CAPS NA TERAPIA OCUPACIONAL EM AÇÃO SOCIAL

Helenita L. P. Lourenço<sup>1</sup>  
Marco Seleno C. Santos<sup>2</sup>  
Marcia Dolores Gallo<sup>3</sup>  
Patrícia Trápaga<sup>4</sup>

## Introdução

O Projeto Mulheres de Sol a Sol: Educação, Arte e Profissionalização para mulheres com transtornos mentais e familiares em tratamento nos Centros de Atenção Psicossocial CAPS da região, realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, constitui uma das vertentes do Programa Nacional Mulheres Mil -Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável – do governo federal.

Este programa foi instituído pela Portaria No 1.015, DE 21 DE JULHO DE 2011, que está inserido no Plano Brasil sem Miséria e integra um conjunto de ações que consolidam as políticas públicas e diretrizes governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade. Que tem como público alvo mulheres de baixa renda, vulneráveis socialmente e de baixo nível de escolaridade; moradoras de comunidades integrantes dos Territórios da Cidadania e/ou com baixo índice de desenvolvimento humano (MEC 2011).

O projeto Mulheres de Sol a Sol: Educação, Arte e Profissionalização -é voltado à mulheres que além de atender as condições supracitadas sejam também diagnosticadas com transtornos mentais e estejam em tratamento regular nos Centros de Atendimento Psicossocial – CAPS situados no entorno do Campus Realengo do IFRJ.

---

1 IFRJ-helenitalp@ig.com.br

2 IFRJ-selenocs@gmail.com

3 IFRJ-marciadolgallo@hotmail.com

4 FRJ-patriciatrapaga@uol.com.br

O campus Realengo do IFRJ é destinado à formação de profissionais de saúde, mantendo graduação nos cursos de Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Farmácia, estando situado na Zona Oeste do Rio de Janeiro (capital), região onde se encontram os CAPS pertencentes a AP5.1 (Área Programática – SMS).

### **Justificativa**

Este projeto surge da demanda existente nessa região que apresenta um índice relevante de pessoas com transtornos e deficiências mentais, além da situação de exclusão em que estas se encontram frente a iniciação e permanência ao mundo social e do trabalho, condição estas essenciais para uma cidadania plena.

A parceria criada pelo Programa Mulheres Mil, via Projeto Mulheres de Sol – IFRJ -Campus Realengo junto aos CAPS existentes no entorno, tem um alcance superior a missão das instituições citadas, numa vertente moral de conduzir estas pessoas a se apropriarem de seus direitos e deveres num processo real de cidadania vivenciada dia a dia.

### **Objetivo**

O objetivo geral desse projeto é a reinserção de mulheres em tratamento de saúde mental que estejam em situação de vulnerabilidade social, ao convívio educacional e ao mundo do trabalho, favorecendo a contratualidade social, num exercício de autonomia pertencente à lógica da inclusão. Admitindo ainda a inscrição de um familiar (mulher) que garanta o acompanhamento e continuidade efetiva ao processo de capacitação.

### **Metodologia**

Para implementação do projeto há uma equipe multidisciplinar composta por vários professores do IFRJ e alunos de Terapia Ocupacional que atuam como estagiários. Além das oficinas destinadas a capacitação para o trabalho onde as alunas aprendem artesanato, corte e costura, customização, estamparia e outras técnicas, o projeto conta com aulas de português, matemática, inglês com fins específicos, filosofia existencial, saúde da mulher, educação física entre outras.

### **Discussão**

A população atendida pelos CAPS é, por si só, excluída de vários movimentos da sociedade. Muitos se afastam da família, trabalho, lazer, outras interações

sociais. Associada ao universo feminino, essa exclusão se agrava, visto que, historicamente, a mulher é a principal cuidadora da família, o que a torna gravemente comprometida quando esse cuidar não é mais possível, e o trabalho, não só o doméstico, mas também o remunerado.

Como enfrentar a invisibilidade social a que estão expostas essas mulheres? Varias viram seus sonhos, empregos, amores, filhos, expectativas, abortados pela instauração da doença, e esta se transformou num grande estigma a ser quebrado em suas vidas. Se considerarmos a doença como algo que paralisa o movimento do ser humano e suas interações com o meio biológico, cultural e social, o serviço de Terapia Ocupacional promove o retorno a esse “movimento” em busca da autonomia e emancipação.

O Projeto Mulheres de Sol a Sol prevê em seus objetivos que essas “mulheres invisíveis” à sociedade, possam se apropriar de um espaço educacional público, onde saberes variados estão disponíveis à cidadãos e cidadãs que deles necessitam. Muitas não experimentaram em sua vida escolar algo parecido e já relacionam a sua presença nesse ambiente como um ato de inclusão e de participação.

Para ilustrar, selecionamos algumas falas das alunas atendidas pelo projeto: -“Porque vocês escolheram nós? Nós, temos problemas de cabeça e não somos escolhidas para nada. Tudo o que a gente faz è no CAPS.” -“Lá no CAPS tem gente nova toda hora. Quando a gente se acostuma com um mèdico ele sai!” -“É difícil estar aqui, tem dias que não tô bem, mas eu venho porque aqui me sinto importante, recebo atenção.” -“Numa oficina do CAPS a gente faz o que eles mandam. Aqui posso escolher, perguntar, mesmo que vocês escolham o que vou fazer.” -“Não sou paciente, mas minha vida è uma dureza para enfrentar a doença dos meus parentes. Aqui é uma maravilha.” -“Voltei à faculdade. Parei no 3º período de Educação Física por causa da doença” -“Eu è que vou receber?” (falando do estado de não poder receber seu dinheiro por estar interdita) -“Era tudo o que eu queria. Você realizou um sonho.” (quando recebeu as cópias de seus documentos, já que a família não a permitia ter)

Considerações finais Assim, o Projeto visa cumprir o papel de criar redes de solidariedade, novas oportunidades, historias que se entrelaçam e contribuem para aumento da auto-estima criando novas perspectivas sociais, contribuindo através da relação terapêutica, para reduzir a “invisibilidade” dessas mulheres, a alienação de movimentos de escolha e autonomia.

Não se tem a pretensão isolada de resolver conflitos e os transtornos mentais destas pessoas, tão pouco que todas consigam gerar renda capaz de se sustentar, contudo todas as ações são voltadas à reforçar as condições mais sensíveis as relações positivas na construção e/ou redescoberta de suas condições básicas e

necessárias para o aumento da contratualidade social, cidadã de direitos, numa sociedade excludente, numa condição essencialmente humana.

“ Aqui vocês dão carinho e atenção”. “Parei com tudo quando veio a doença.” “ Eu adoro as aulas.”

## ORIENTAÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL PARA AS ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA DA GESTANTE: UMA EXPERIÊNCIA DA EXTENSÃO

Luciana Duarte da Silva<sup>1</sup>  
Angela Maria Bittencourt Fernandes da Silva<sup>2</sup>

A gestação è um momento peculiar, uma vez que “gestar” è um processo único e que mobiliza uma série de sentimentos nas pessoas envolvidas. É um período complexo, quando se evidencia transformações; tanto físicas como psicológicas, exigindo adaptações que não decorrem de aprendizagem cognitiva, mas da elaboração de uma vivência. A gravidez deixou de ser assunto exclusivo da mulher, é fundamental a interação de toda a família, pois cada um sofre transformações significativas sob o impacto da gestação.

Neste sentido, a gravidez e o puerpério são influenciados por múltiplos fatores, desde os de natureza biológica até as características sociais e econômicas da gestante, além do acesso e qualidade técnica dos serviços de saúde disponíveis à população. Além disso, nesse período ocorrem mudanças, aliadas às oscilações hormonais, que modificam o funcionamento do sistema digestivo, circulatório, urológico, respiratório e musculoesquelético, podendo causar desconforto, limitações, cansaço e dores.

Durante a gravidez, o corpo sofre várias mudanças, como o aumento da cintura, do quadril e das glândulas mamárias, ocasionando ganho de peso que segundo Butler *et al.* (2006), é mais gradual no primeiro trimestre da gestação, não ocorrendo diferenças no equilíbrio corporal no primeiro trimestre gestacional em comparação a não gestantes. A partir do segundo e terceiro trimestres incide ganho de peso maior, favorecendo a compressão do diafragma pelo útero dilatado – causando dificuldade respiratória e mudança do eixo do estômago; elevação da frequência cardíaca e do volume de sangue; aumento do líquido corporal, podendo provocar edemas, diminuição em estabilidade postural; aumento da altura do centro de gravidade e a frouxidão ligamentar principalmente da região

---

1 Voluntária – Enfermeira do PSF COHAB -lds.luciana@hotmail.com

2 Docente de Terapia Ocupacional – angela.silva@ifrj.edu.br

do quadril, que combinados provocam as alterações no equilíbrio, cansaço e algias durante a gestação. O que acarreta dificuldades para realização das atividades diárias gerando desconforto, ansiedade, cansaço e dor.

A Terapia Ocupacional é uma área do conhecimento voltada à promoção, prevenção, tratamento e reabilitação de pessoas, por meio da sistematização e utilização da atividade humana como base de desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos. Trabalha, portanto, com indivíduos com alterações cognitivas, psicoativas, perceptivas, psicomotoras e psicossociais, decorrentes ou não de distúrbios genéticos, eventos traumáticos e ou doenças adquiridas (COFFITO), que interfiram no desenvolvimento e na independência do indivíduo em relação às atividades de vida diária, relações sociais, trabalho e lazer.

As intervenções dimensionam-se sobre a reflexão humana, que se dá num cotidiano, geralmente marcado por vulnerabilidades e/ou problemáticas que geram temporariamente ou definitivamente dificuldades na inserção e participação na vida social. Para isso, a terapia ocupacional faz uso de atividades, podendo ser: lúdicas, expressivas, artesanais, corporais e de vida diária, que possibilitarão a promoção da independência e da autonomia do indivíduo, organização da rotina, construção do cotidiano e inserção social.

É um profissional da Saúde dotado de formação não só na área de Saúde como também na área Social. Sua intervenção compreende avaliar o cliente, buscando identificar disfunções laborais, no cotidiano, no lazer, considerando sua faixa etária e ou desenvolvimento da sua formação pessoal, familiar e social. Desta maneira, o terapeuta ocupacional ajuda as pessoas a encontrarem soluções práticas para uma vida mais significativa e participativa, qualificando o seu desempenho ocupacional, ou seja, respondendo de forma mais satisfatória às demandas do seu cotidiano.

O modelo de desempenho ocupacional (Associação Canadense de Terapeutas Ocupacional -CAOT, 2000) é baseado na perspectiva centrada no cliente, recuperando e raízes humanistas da profissão. Sobre este ponto de vista neste modelo, as pessoas são seres espirituais e agentes ativos, com potencial para identificar, escolher e se envolver em ocupações, cujo resultado é uma relação dinâmica entre a pessoa, o ambiente e a ocupação no decorrer da vida, possibilitando a capacidade de escolher, de organizar e de desenvolver satisfatoriamente ocupações significativas que são culturalmente importantes para seu cliente e definidas como adequadas à idade, cuidados pessoais (autocuidado), ao gozo da vida (lazer) e contribuir para o tecido social e econômico das suas comunidades (produtividade).

Esse modelo é sensível à realidade social do nosso tempo, marcada pela marginalização de amplos setores da sociedade, a sua discriminação por razões

econômicas, de raça, sexo ou ter uma deficiência. Os terapeutas ocupacionais reconhecem a importância da criação de ambientes acessíveis e de prestar apoio, vindo reforçar o sentido, a conexão por meio da inclusão daqueles que foram marginalizados, com outras pessoas, em ocupações significativas (TOWNSEND, 1988).

Quando os terapeutas ocupacionais capacitam as pessoas para melhorar seu desempenho ocupacional, estão preparando-os indiretamente para serem reintegrados na sua comunidade em defesa de políticas e programas de integração social e diretamente promover a integração social (JONGBLOED E CRICHTON, 1990). Ativando o processo de habilitar, permitir, facilitar, orientar, educar, promover, treinar, encorajar o terapeuta ocupacional está procurando um papel para a pessoa no seu processo de recuperação, que envolve a compreensão e o desenvolvimento de um tipo de fazer consciente de si mesmo.

### **Metodologia**

Este projeto busca estreitar a integração entre a Secretaria Municipal de Saúde e o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFRJ) do Rio de Janeiro que compartilham do mesmo interesse que é a assistência à gestante. No caso da gestação, parto e puerpério, esta integração é ainda mais fundamental, já que o cuidado a este processo sócio vital, que para cada mulher é uma experiência única, encontra-se dividido entre instituições, espaços, funcionários e normas diversas. Esta fragmentação da assistência, que já é uma questão no interior de cada instituição, torna-se mais importante ainda quando se tratam de duas instituições que cuidam do mesmo processo em momentos diferentes, cabendo geralmente à mulher usuária o esforço de buscar os caminhos e meios de contato entre o discurso, as propostas e os encaminhamentos de cada serviço e sua experiência cotidiana de gestante ou puérpera.

O grupo de terapia ocupacional para gestantes tem como objetivo proporcionar a construção de um local facilitador para que a relação mãe x pai x bebê seja (re) significada no sentido de trazer maior consciência social, corporal e emocional para esta importante fase, promover uma melhor qualidade de vida materno-infantil; conscientizar a gestante sobre o parto vaginal (natural) e a cesariana, identificar as áreas de desempenho ocupacional comprometida pelas alterações posturais provenientes da evolução da gravidez e desenvolver orientações para realização das atividades da vida diária.

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida desde 2011, no IFRJ, Campus Rea-lengo, com grupo de mulheres gestantes e puérperas, que são assistidas no Centro de Saúde da Família Olímpia Esteves, COHAB e por demanda espontânea.

Teve-se como critério de inclusão: idade entre 14 a 40 anos; estarem conscientes, orientados no tempo e no espaço; ter comunicação oral preservada. E como critério de exclusão não ser portadora de gravidez de risco.

A construção teórica escolhida para desenvolvimento desta pesquisa faculta a possibilidade de optar pela abordagem quanti-qualitativa, cuja consequência é à variedade de métodos para a obtenção dos dados que contemplam os conteúdos da representação das gestantes, para tal, este projeto será dividido em três etapas, a saber: Entrevista semiestrutura (10 perguntas abertas seguiram roteiro próprio); Questionário (23 questões fechadas) e as Oficinas que são dinâmicas que visam à construção da representação sensível, eventual e motora que não se constitui na reprodução de objetos ou de situações vividas, mas de representações mítico-simbólicas dos sujeitos.

## **Resultados**

Os sujeitos do estudo foram quinze grávidas encaminhadas pela CSFOE e SMS COHAB, que faziam acompanhamento pré-natal na atenção básica e foram convidadas a participar do grupo. Essa procura foi sempre espontânea e constituiu-se recurso disponível a todas as interessadas, sendo difundido nos locais no decorrer da assistência pré-natal.

Nesse sentido, a Terapia Ocupacional, por meio de orientações posturais e exercícios; teve como objetivo evitar e prevenir lesões musculares, pois conta com atividades que propiciam à gestante pensar e viver o corpo em modificação, propondo-se adaptações na realização de suas atividades diárias por meio da reeducação postural. Para conseguir uma postura correta durante a gestação, sugerem-se algumas orientações posturais básicas para que a gestante tenha um máximo de conforto, segurança e desempenho eficientes nas suas atividades de vida diária (FERREIRA & NAKANO, 2000).

No que se refere aos dados quantitativos, verificou-se que a gestante que participou do projeto. Encontram-se entre 18 e 39 anos; todas casadas ou unidas consensualmente, observa-se que a escolaridade variou entre ensino fundamental (5), médio (5) e médio incompleto (4) e universitário (1). Quanto à religião (7) eram católicas, (5) evangélicas e (3) espíritas. Não relataram hábitos de lazer, só ida ao posto e cuidar da casa e do cônjuge.

A maioria eram (7) primigestas; (5) secundigestas e (3) tercigestas, o que demonstra que a mulher que procura atendimento é aquela que tem menos experiência. Em relação ao ganho de peso, 60% delas apresentaram obesidade gestacional, o que motivou a preocupação da equipe, pela possibilidade da hipertensão grávida, com idade gestacional entre 16 e 30 semanas. Nove delas não tinham planejado, seis tinham planejado, porém todas se encontravam felizes com a possibilidade de ser mãe.

No que se refere às atividades da vida diária foram encontradas alterações para dirigir, na área de auto cuidado, para realização das atividades domésticas, como varrer, limpeza em geral, erguer objetos, dormir.

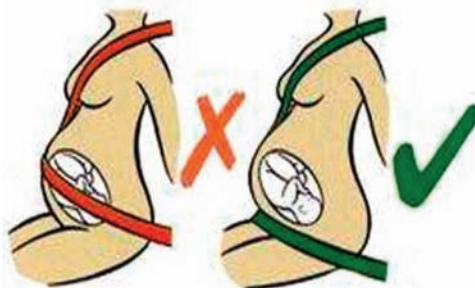
Desta forma, a Terapia Ocupacional pode auxiliar as gestantes realizando orientações e desenvolvendo um programa para que a mesma obtenha máximo de conforto, segurança e desempenho eficientes nas suas atividades rotineiras e melhore sua qualidade de vida.

No que se refere aos seus afazeres domésticos, como varrer, secar o chão, cujos cabos das vassouras e rodos normalmente são curtos, favorecendo o aumento da curvatura da coluna, sugere-se, que os mesmos, tenham o cabo alongado possibilitando que a coluna fique mais ereta.

Ao arrumar a casa, podem surgir dificuldades como arrumar a cama, para tal se recomenda que a gestante realize esta atividade de joelhos, dificultando a projeção do seu centro de gravidade para frente e dessa forma evitando a sua queda.

O banho é um local onde podem ocorrer acidentes, primeiro devido à alteração do centro de gravidade, segundo o deslizamento do corpo pode ser ocasionado pelo uso de produtos como sabonetes e shampoos, que muitas das vezes se encontram no chão do box. Desta maneira, sugere-se que esses produtos sejam armazenados acima da cintura, visando diminuir a projeção do corpo para frente.

A atividade de dirigir automóvel, muitas das vezes ocasiona compressão no feto devida o cinto de segurança, para tal, se orienta que o mesmo seja de três pontos, o qual deve se posicionar entre os seios e a faixa subabdominal do cinto deve ser encaixado abaixo da saliência abdominal, o mais baixo possível (DENATRAN, 2001), ajuste o assento para dar melhor acomodação, pois a faixa abdominal sobre a barriga da gestante pode ocasionar descolamento da placenta, conforme figura abaixo.



Uso se cinto de segurança. Disponível em <http://acaochildren.com>

Devido os episódios de lombalgia, faz-se necessário a utilização de apoio para os pés, tanto para realizar as atividades da vida diária como as profissionais, principalmente se a gestante fica muito tempo em pé ou sentada. Recomenda-se um apoio, cuja altura seja entre 20 cm a 25 cm no máximo, e que realize alternância dos pés, principalmente quando vai passar roupa, ou permanecer na mesma posição por muito tempo.

Quando sentada, tanto no trabalho, como em casa assistindo televisão, orienta-se o uso de apoio inclinado (rampa) em uma angulação de 30° e para as posições de relaxamento, em decúbito dorsal, com a cabeça apoiada em um travesseiro, sugere-se colocar almofadas sob as pernas até que se forme um ângulo de aproximadamente 90 graus, ou utilize padrões flexores, conforme figura abaixo.



Disponível em: [http://www.uva.br/sites/all/themes/uva/files/pdf/consideracoes\\_ergonomicas\\_periodo\\_gravidico\\_puerperal.pdf](http://www.uva.br/sites/all/themes/uva/files/pdf/consideracoes_ergonomicas_periodo_gravidico_puerperal.pdf)

## Conclusão

Tais estudos focalizaram inicialmente algumas atividades da vida diária e as orientações sobre a suas realizações enfatizadas no decorrer da assistência pré-natal, principalmente nas mulheres que não têm ajuda no trabalho doméstico e/ou permaneçam na postura em pé parada por tempo prolongado.

Sabendo-se das modificações que a gestação causa; este estudo, buscou minimizar problemas da gestante ao desenvolver metodologia eficaz de intervenção de Terapia Ocupacional que visem minorar os efeitos indesejáveis da gestação, prevenir acidentes domésticos, prepará-las para o parto, prevenir acidentes e quedas, contribuir com a saúde e o bem-estar favorecendo a participação mais efetiva nas atividades de vida diária, com economia de energia, de lazer de trabalho e da relação mãe e filho, na procura de manter as habilidades da gestante, para que possa fazer os movimentos necessários no dia-a-dia com segurança, facilitando o seu desempenho e, conseqüentemente, promovendo seu bem estar físico e mental.

Este projeto visa ampliar suas atividades para adolescentes grávidas nas escolas do entorno do campus e no Centro de Referência de Assistência Social de Realengo, visando criar e divulgar uma cartilha de cuidados.

## **Agradecimento**

A Pró-reitora de Extensão pelo financiamento do projeto e as unidades de saúde que trabalham em parceria com o campus.

## Sobre o livro

---

**Formato:** 15 cm por 21 cm

**Mancha Gráfica:** 30 cm por 21 cm

**Tipologias utilizadas:** Adobe Garamond Pro  
Corpo dos Títulos 11  
Corpo dos Texto 10  
Corpo das Citações 9  
Corpo nomes dos autores 8,5  
Corpo notas Rodapé 8

**Papel:** Capa: supremo LD  
miolo: sulfite 90 gramas



*Diagramação, Impressão e Acabamento*

**Triunfal Gráfica e Editora**

Rua Fagundes Varela, 967 - Vila Ribeiro - Assis/SP  
CEP 19802 150 - Fone: (18) 3322-5775 - Fone/Fax: (18) 3324-3614  
CNPJ 03.002.566/0001-40